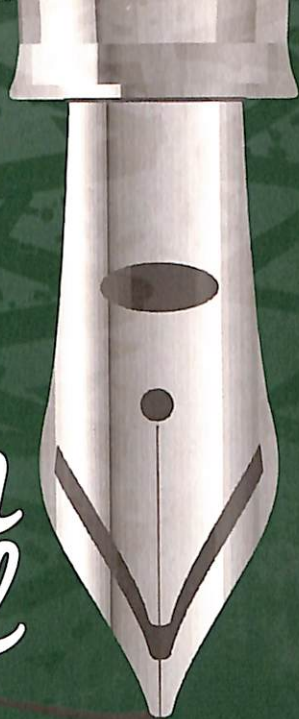


Festim Processual



Mário Cavalheiro Lisbôa



Mário Cavalheiro Lisbôa, filho de Mário Gomes Lisbôa e de Gabriela Cavalheiro Lisbôa, nasceu na cidade de Cachoeira do Sul e criou-se na cidade de Sobradinho. Ingressou no Ministério Público em 1975 e aposentou-se em 2014. Em 1981 e 1982, foi premiado, com crônicas, no Prêmio Habitasul Correio do Povo Revelação Literária. Em 1982, publicou, pela Editora Movimento, o romance "O inspetor Valdão". Durante vinte e oito anos, publicou uma crônica em todos os exemplares do jornal "Réplica", da Associação do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Este livro é uma seleção de algumas delas.

Festim Processual

Mário Cavalheiro Lisbôa

Porto Alegre,
2014



Memorial do Ministério Público

Coordenação

Velocity Melo Pivato

Revisão

Sonia Beatriz da Silva Pinto

Historiadora

Cíntia Vieira Souto

Estagiário

Luciano Silva dos Santos

Projeto Gráfico

Adriano de Castro Silveira

ASSESSORIA DE IMAGEM INSTITUCIONAL



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Procuradoria-Geral de Justiça

Lisbôa, Mário Cavalheiro

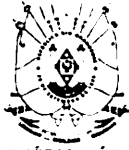
Festim processual / Mário Cavalheiro Lisbôa. – Porto Alegre:
Procuradoria-Geral de Justiça, Memorial do Ministério Público do Rio
Grande do Sul, 2014.

200 p.

ISBN 978-85-88802-21-6

1. Literatura brasileira – Crônica. I. Título.

CDU 869.0(81)-92



MINISTÉRIO PÚBLICO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Eduardo de Lima Veiga,
Procurador-Geral de Justiça.

Ivory Coelho Neto,
Subprocurador-Geral de Justiça para Assuntos Jurídicos.

Daniel Sperb Rubin,
Subprocurador-Geral de Justiça para Assuntos Administrativos.

Marcelo Lemos Dornelles,
Subprocurador-Geral de Justiça para Assuntos Institucionais.

Alexandre Sikinowski Saltz
Secretário-Geral.

Ruben Giugno Abruzzi,
Corregedor-Geral do Ministério Público.

Noara Bernardy Lisboa,
Subcorregedora-Geral do Ministério Público.



Victor Hugo Palmeiro de Azevedo Neto
Presidente

Sérgio Hiane Harris
Vice-Presidente Administrativo e Financeiro

Nilson Ubirajara da Rosa Pacheco
Vice-Presidente de Aposentados

ÍNDICE

Crônicas sem conotação jurídica

O Guardador de Carros	13
O Escondedor	17
O Seu Filme	21
O Recebedor	25
O Apartamento	27
O Camelô	31
A Convenção	35
A Bancária	39
A Reinvenção do Passado	43
Discussões Conjugais	45
O Destino da Blusa	49
Juventudes	51
O Coronel e a Duna	53
A Medida da Vida	57
Mentiras Psicológicas	59
O Mártir	63
O Túnel do Terror	67
Susete	73
A Teoria da Fofoca	77
O Congresso	81
O Reino das Esculturas	83
A Teoria do Desconhecimento	89
A Inconformidade de João Nogueira	95
Convite	101
O Fazedor de Poços	105
A Revolta Orgânica	109
Tempos	113
Criadores de Cavalos Crioulos	117
Esoterismo	121
O Clone	125
A Identidade	129
Rincão da Porta	135
As Férias de Carlos Fuentes	137
O Infante Exposto	143
Canos e Agulhas	145
Devaneios	147
O Castelo	151

Crônicas com conotação jurídica

O Casamento Moderno	153
O Exterminador de Leis	155
Armazém de Secos e Molhados	159
Doutor Formalinho	161
Festim Processual	165
Sentença Alternativa	169
Auto de Penhora	173
A Investigadora	175
Regimes Matrimoniais	177
Testamento Romano	179
Comércio Jurídico	181
A Moça da Balança	185
Briga de Colegiais	189
Carta da Próxima Vítima	191
As Duas Irmãs	193
O Anjo Dorminhoco	197

Apresentação

No já longínquo ano de 1981, começava a circular entre Promotores e Procuradores o então denominado informativo *Réplica*, órgão da Associação do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Era uma publicação desprezível e simples, mimeografada ou datilografada à máquina e grampeada, com ares colegiais. Seu conteúdo dizia respeito à vida associativa do Ministério Público. Todavia, não se tratava somente de festas e churrascos. Nas páginas do *Réplica*, desfilava a luta dos membros do Ministério Público gaúcho pela autonomia e independência funcional. Foi a época de Lei Complementar nº 40, da Lei da Política Nacional do Meio Ambiente e da Lei da Ação Civil Pública, debates amplamente divulgados no *Réplica*. Foi a época da primeira eleição direta para Procurador-Geral de Justiça.

Foi nesse contexto de luta e camaradagem que Mário Cavalheiro Lisbôa estabeleceu uma tradição: a publicação de suas crônicas. Ora versando sobre temas jurídicos, ora cotidianos, os textos do Mário eram assunto certo nas rodas de conversa.

É uma enorme satisfação para o nosso Ministério Público lançar as crônicas do Mário por iniciativa do Memorial do MP e da Associação do MP. Significa recordação para seus tantos colegas e amigos, e aprendizado para as novas gerações. Uma instituição que se renova a cada dia tem que cultivar a sua memória. E os textos do Mário fazem parte da memória do Ministério Público.

Eduardo de Lima Veiga,
Procurador-Geral de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul

Prefácio

Há trinta e três anos que os membros do Ministério Público se encontram periodicamente nas páginas do jornal *Réplica*. O veículo que Associação do Ministério Público do Rio Grande do Sul usa para se comunicar com seus associados acompanhou as lutas e conquistas da Instituição nas décadas de 1980 e 1990, e a significativa ampliação de suas atribuições nos anos 2000. Contudo, o *Réplica* também é um espaço de expressão, registro e demonstração dos múltiplos talentos dos integrantes do MP gaúcho.

Além de operadores jurídicos prestigiados, os membros da Instituição têm se destacado também como cronistas e contistas. Como poetas e músicos. Como esportistas e professores. Enfim, cada um tem alguma atividade que vai além das suas obrigações institucionais e que merece, na medida do possível, ser divulgada e conhecida.

Entre os talentosos colegas sempre se destacou o procurador de Justiça Mário Cavalheiro Lisbôa com suas agradáveis crônicas. Os textos publicados no *Réplica* acompanharam seus anos de dedicação irrestrita à vida funcional. E, mesmo após o merecido jubileamento, ainda continua acompanhando a vida e as atividades da Instituição.

Assim, é com grande alegria que a AMP/RS e o Memorial do Ministério Público oferecem ao público essa coletânea de crônicas do Mário. Além da preservação da memória associativa, essa publicação tem por objetivo homenagear o colega que por tantos anos qualificou o Ministério Público gaúcho e brasileiro com seu trabalho de dedicado e sua sabedoria jurídica. E, também, é claro, com o seu indiscutível talento literário.

Victor Hugo Palmeiro de Azevedo Neto,
Presidente da AMP/RS

Palavra da Coordenação

É com grande satisfação que apresentamos ao público esta obra, uma maravilhosa seleção de crônicas, fruto da colaboração valiosa do Doutor Mário Cavalheiro Lisbôa no Jornal Réplica da Associação do Ministério Público do Rio Grande do Sul.

As crônicas são de agradável leitura e instigam a reflexão sobre o meio jurídico e sobre a vida cotidiana, revelando o talento, a experiência e a vasta erudição do nosso querido autor.

Textos temperados na medida certa com referências clássicas, humor sagaz, experiência profissional e personalidade marcante, certamente conquistaram vários leitores durante suas publicações no Jornal Réplica e, agora aqui reunidos, alcançarão ainda mais leitores.

Esta seleção traz dois contextos: as crônicas de conotação jurídica e as crônicas sem conotação jurídica. Em ambos os casos, o talento do autor permite que a leitura agrade a gregos e troianos. Sorte dos leitores.

A motivação principal da publicação destas crônicas é prestar uma singela homenagem ao Doutor Mário Cavalheiro Lisbôa, valorizando seu trabalho e principalmente sua contribuição à Instituição, pelos anos de serviços prestados de maneira exemplar ao Ministério Público.

Velocy Melo Pivatto,
Coordenadora do Memorial do MP/RS



Tudo vem e vai
ocasionadamente. Estava
eu desempregado quando...



O Guardador de Carros

Tudo começou ocasionalmente. Estava eu desempregado quando, por força da necessidade, resolvi exercer a atividade de guardador de carros. Era só o que me restava naquele momento. Confesso que no início tive muito constrangimento, não sabia como chegar nos motoristas, propondo para cuidar dos veículos. Foram várias as tentativas vãs. Quando o motorista estava estacionando, eu me aproximava, diminuía o passo, às vezes chegava a parar. Mas, se ele olhava para mim, eu disfarçava, seguia adiante, até me dirigia ao outro lado da rua. “Que coisa - então pensei - será que não tenho competência nem para ser guardador de carros?” Então, um dia, quando um motorista estava manobrando o veículo para estacionar, respirei fundo e fui em sua direção:

- Com licença, senhor, posso guardar o seu carro?

Fui educado, gentil. Acho que isso facilitou as coisas. O homem assentiu com um gesto de cabeça. Considerei aquilo um triunfo para mim. A partir daquele momento, fui me habituando na abordagem aos motoristas, procurando ser cada vez mais agradável em referido contato. Deu certo. Em poucas semanas, eu me havia tornado conhecido na quadra, e a maioria dos motoristas me dava gratificação. O problema é que tenho varizes e não posso permanecer muito tempo de pé. Então resolvi trazer um banquinho para me sentar enquanto cuidava dos carros. Jamais poderia imaginar que tal circunstância iria transformar completamente minha atividade. Ao sentar-me próximo a um motorista que permanecera no interior de seu veículo, passamos a conversar. Primeiro falamos mal do governo; depois falamos mal de uma série de instituições nacionais; por fim passamos a falar sobre nós mesmos, agora com muito mais generosidade. Eu tentei expor meus problemas, minhas dificuldades financeiras, mas o interlocutor não deixou. Pegou a palavra e despejou para fora uma gama imensa de inquietações, medos e inseguranças. Coisas muito íntimas, sabe. Muitas coisas. Disse-me ter um filho que há anos usava drogas. Que ficava constrangido, mas mantinha emoção ambivalente a respeito disso, ora ficava com raiva do filho, ora era



acometido de uma intensa necessidade de ampará-lo. E por aí foi. Apesar de aquele senhor estar bem vestido e possuir um veículo último tipo, cheguei à conclusão de que ele tinha mais problemas do que eu. Por isso fiquei quieto e deixei o coitado falar. Ao cabo de uns trinta minutos, o homem parecia estar bem melhor, mais aliviado. Disse que gostara imensamente de conversar comigo, deu-me dez reais e se foi embora.

Na semana seguinte, o homem estava de volta. Pediu que eu me sentasse ao lado do carro e novamente relatou-me os seus problemas. Além daquelas que ele havia me contado na ocasião anterior, segredou-me outras angústias, como sua mania de perfeição. Disse ser excessivamente meticuloso. Que para ele tudo tinha de ser cem por cento bom, moral, limpo, eficiente e perfeito. Qualquer imperfeição, qualquer deslize, por insignificante que fosse, cometida por ele ou por outra pessoa – principalmente por outra pessoa, é claro -, trazia-lhe intenso sofrimento. O mundo para ele era muito imperfeito. Achava que havia nascido na época errada ou, quem sabe até, em mundo errado. “Dos bilhões de planetas que existem neste universo, alguns devem conter civilizações bem menos imperfeitas que a nossa”, disse várias vezes. Afirmou também que essa perseguição constante da perfeição o fazia trabalhar o dobro de outras pessoas e irritar-se dez vezes mais. Confesso que na hora me lembrei de meus tênis, pois estavam com cadarços diferentes um do outro. Num pé o cadarço era preto, no outro era marrom. Preocupado com isso, enquanto ele falava, eu mantinha um pé sobre o outro, na esperança de que ele não notasse a diferença de cadarços. Teria o motorista reparado em citada imperfeição? Não sei. Mas pensei também, por que uma pessoa que se fixa tanto na grandiosidade do universo se preocupa com pequenas imperfeições? Sei lá. O certo é que o cidadão mais uma vez ficou aliviado depois da conversa e de novo me gratificou com dez reais. E voltou diversas vezes. Agora sempre se referindo aos mesmos problemas. O filho continuava se drogando, o mundo continuava imperfeito, e mais outras angústias. Eu mantinha sempre a mesma atenção. E no fim era gratificado com dez reais. Dez reais era uma quantia muito superior a que eu recebia para simplesmente guardar carros. Os motoristas, quando me davam algum dinheiro, era, no máximo, um real. No mais das vezes menos, cinquenta centavos; em se



tratando dos mais cretinos, até menos. Então cheguei à conclusão de que ouvir pessoas poderia se constituir numa excelente fonte de renda.

Com muita habilidade, passei a me insinuar para outros motoristas, que despejassem em mim suas angústias. Após muitas recusas, desconfianças e até constrangimentos, algumas pessoas foram aderindo à proposta. O procedimento era sempre o mesmo: eu me sentava no banquinho ao lado do carro, e o motorista, de seu interior, falava o que bem entendia. Um novo mundo se descortinou para mim. Cheguei à conclusão de que as pessoas sofrem o que a gente não sabe. Nem imagina. Até parece que o mundo é feito de angústias. Cada pessoa é uma angústia ambulante.

Por sugestão dos próprios clientes, estabeleci o prazo de cinquenta minutos para cada conversa, ao preço de dez reais. Mas só quem conversava era o motorista.

Pois a coisa deu tão certo, as pessoas sentiam-se tão bem e tão aliviadas ao falar comigo, que, com o tempo, eu já não vencia mais a freguesia. Passei a guardar carros com hora marcada. O problema é que muitos criaram dependência. Queriam falar comigo mesmo quando seu carro estava na oficina. Não aceitei. Não sou psiquiatra, sou apenas um guardador de carros. Não iria faltar um filho da mãe para me denunciar por exercício ilegal da psiquiatria. Teve até um cliente que, estando sem o carro, veio de táxi para falar comigo. Não deu certo. Ficou constrangido pela presença do taxista.

Apreendi também com meus motoristas que eu não precisava sequer auxiliá-los a encontrar a causa de seus problemas. Que isso não era o mais importante. Aliás, se eu tentasse falar muito, sugerir algo, no mais das vezes não surtia o efeito desejado. Percebia que, assim agindo, eu não os ajudava em nada. Claro que, inquirido, eu sempre procurava dar uma resposta que mais agradasse ao cliente. Mas o fundamental no caso era aprimorar a atenção. Logo concluí ser esse o meu ponto forte. Saber ouvir. Eu arregalava os olhos em determinado momento; abria a boca em outro, enfim, procurava sempre fazer uma cara de espanto para demonstrar que minha atenção era absoluta. Logo senti ser



isso que cativava os motoristas. Eles queriam ser ouvidos. Se a gente deixa, as pessoas falam. Ah, como falam. Quantas coisas eu ouço. Eu possibilito que o sofrimento das pessoas saia através das palavras. Com o tempo, fiquei sabendo que isso se chama catarse, uma espécie de limpeza interna. Assim, por dez reais, eu guardo carros e lavo a alma das pessoas.



O Escondedor

Certa tarde de outono, em meio a folhas secas levadas pelo vento, um homem franzino, já envelhecido e com aparência oriental, descarregou alguns móveis numa casa modesta não muito longe do centro. Depois de alguns dias, colocou na frente da casa uma placa pequena com a palavra “Escondedor”. Nenhum vizinho sabia quem era o referido homem, tampouco o que vinha a ser a tarefa de escondedor. “Mas ele esconde o quê?” indagavam-se. Curiosa pela vida de todos no bairro, dona Gracinda apresentou-se ao citado homem, dizendo ser vizinha e colocando-se à disposição para alguma eventualidade. E aproveitou para fazer indagações gerais. Ficou sabendo que o homem era chinês, chamava-se Deng Chun Chen e morava sozinho. Sobre seu passado, parentes e amigos, o chinês preferiu nada revelar.

- E sua atividade? – perguntou-lhe a vizinha.

- Eu escondo as coisas impróprias que as pessoas fizeram durante a vida e que não querem que venham à tona - respondeu-lhe Deng.

- Ah sim - disse dona Gracinda, pensativa.

Aos poucos toda a vizinhança ficou sabendo da atividade do chinês. “Então ele guarda essas coisas, há?” ficaram meditando.

Seu Nélio, que era um importante e respeitado administrador de empresas, é quem ficou mais curioso e impaciente. Em seu trajeto da casa para o trabalho, normalmente passava pela frente da residência do chinês. Nessas ocasiões, aproveitava para observar tudo muito bem, a casa, a redondeza, como se estivesse preparando uma estratégia militar. Certa noite, aproveitando que estava muito frio, seu Nélio disse para a mulher que iria até o clube conversar com os amigos. Que clube que nada. Aproveitando que havia poucas pessoas na rua, seu Nélio foi até a casa do chinês e bateu na porta. Deng o atendeu, fazendo-o entrar incontinenti e levando-o até uma salinha onde havia somente alguns sofás. Percebendo o constrangimento de seu Nélio, antes



que ele falasse, Deng tomou a iniciativa de deixá-lo bem à vontade.

- O senhor não se preocupe. Tenho muita experiência no ramo de escondedor. Sei que o senhor veio aqui para deixar comigo uma de suas mazelas: a que mais lhe incomoda. Fique tranquilo. Enquanto sua mazela estiver aos meus cuidados, ninguém na sociedade dela tomará conhecimento.

Seu Nélio ficou encantado. Entregou para o chinês um segredo que, com dificuldade e apreensão, há muito guardava. Saiu leve... mas olhando para todos os lados.

Nos dias que se seguiram, outros fregueses apareceram. Veio a dona Letícia, que era muito religiosa, vestia-se de forma conservadora e prestava serviços gratuitos na casa canônica do bairro. O Getulinho, que fora candidato três vezes a vereador e em cada eleição fazia menos votos que na anterior. Até o barbeiro Ataliba, que nunca se posicionava em nada ou ia a lugar algum, apareceu. E muitas outras pessoas, do bairro ou não. Elas vinham sempre à noite, esgueirando-se pelos umbrais dos casarios, procurando passar despercebidas. Deng passou a deixar a porta da casa entreaberta, a fim de que os fregueses sequer ficassem parados em frente à residência, amainando ao máximo o constrangimento de procurá-lo. O procedimento era sempre assemelhado, com o chinês tomando a iniciativa de definir a finalidade da visita, procurando ser breve. Após sucinta conversa, na qual incluía indagação sobre os hábitos e manias da mazela que estava sendo deixada sob seus cuidados, Deng dava por encerrado o atendimento. Se o freguês quisesse ainda conversar, pois bem, Deng ouvia, que bom ouvinte era. Senão, que fosse com Deus, como sempre recomendava ao se despedir dos fregueses.

O certo é que o chinês passou a ter trabalho dia e noite, utilizando de todo o engenho e arte a fim de entreter as mazelas alheias para que elas se sentissem confortáveis em sua casa e não fugissem. Fazia de tudo, o chinês. Chegava a oferecer para as mazelas chá com bolinhos e programas de televisão. Experiente, Deng percebia quando uma mazela estava com vontade de fugir a fim de encontrar-se com seu dono. Nesses casos, era comum a mazela ficar impaciente, arredia. Então o chinês mudava de estratégia, tornava-se rigoroso e chegava a usar força física. Em



alguns casos, utilizava correntes, cadeados, coisas assim. Algumas mazelas, ele conseguia conter. As mais rebeldes, não. Quando uma mazela decidia mesmo voltar para seu dono, não havia nada que a prendesse. E às vezes as mazelas voltavam para seus donos nos momentos mais impróprios, como, por exemplo, quando esses tentavam novos relacionamentos profissionais ou afetivos. Algumas delas aproximavam-se de forma discreta. Quando o dono percebia, a mazela já estava ali, bem junto a ele, sorrindo, satisfeita com o reencontro. Outras eram espalhafatosas. Certo dia a dona Frida, que era corretora de imóveis, chegou furiosa a casa do chinês. Disse que ele havia deixado escapar sua mazela justamente quando ela estava numa festa da firma onde há pouco passara a trabalhar. Estava indignada, a dona Frida.

- Coloque-se em meu lugar, seu Deng – disse ela. - Minha mazela surgiu repentinamente, saltou sobre mim e me lambeu em frente a todos. Foi um escândalo.

O chinês conseguiu fazer com que a freguesa se sentasse e se acalmasse um pouco. Depois ofereceu-lhe chá e, de forma polida, disse-lhe:

- Dificilmente uma mazela fica escondida por longo tempo. Na maioria dos casos, o ideal é que o próprio dono programe-se para buscar sua mazela em determinada ocasião por ele bem estudada. É melhor o dono manter o controle sobre sua mazela do que deixar que a mazela o controle, que apareça quando bem entender, como ocorreu com a senhora. O momento de mostrar a mazela em público deveria ser da escolha do dono. Mas isso infelizmente é muito raro. Normalmente, são as mazelas que controlam as pessoas, surgindo quando bem entendem. E aí podem causar considerável estrago.

Apesar de um pouco contrariada, dona Frida aproveitou a oportunidade e deixou com o escondedor outra de suas mazelas, coisa que ela tinha com certa abundância.

Mesmo concluindo que o chinês não conseguia manter as mazelas sob seu controle para sempre, os interessados perceberam que o escondedor tinha uma habilidade de segurá-las por tempo bem superior ao normal. E sua fama espalhou-se por



toda a cidade. A freguesia aumentou vertiginosamente, pois toda a pessoa tem alguma coisa a esconder.



O Seu Filme

As luzes estão acesas. As câmaras, focadas em você. Isso não o impressiona, você está acostumado com a situação. Há muitos e muitos anos vem desempenhando seu papel. Você é o protagonista, o ator principal do seu filme. O mocinho. Os outros são coadjuvantes. A maioria dos coadjuvantes tem a sua simpatia. Outros não. Alguns você gostaria que nem participassem de seu filme. Mas você não pode tudo, precisa ter um pouco de tolerância. Porém, muitas coisas você pode, ah, sim. Mesmo porque, além de ator, você também é o diretor de seu filme. Você decide sobre o roteiro, o cenário, a trilha sonora, as tomadas de gravação. É certo que existem muitas contrarregras em seu filme, e não se pode desprezar a influência deles, já que muitos fogem ao seu controle. Porém, de uma maneira geral, quem manda em seu filme é você. Mas, afinal, qual a história de seu filme? É um filme **romântico**? Você protagoniza uma bela história de amor como aquelas de antigamente, com roupas, hábitos e costumes conservadores, buquê de flores, música suave, paixão serena, fiel e duradoura, onde tudo começa e termina bem? Há? Um exemplo a ser seguido pelos milênios a fora? Com intercorrências, é certo, pois a vida é dinâmica e não existem seres perfeitos, se é que alguém sabe o que vem a ser essa tal de perfeição. Mas, apesar de qualquer coisa que ocorra, a força romântica sempre prevalece, suavizando os percalços inerentes ao dinamismo da vida? É assim? Um romântico sem ser bobo? Ou quem sabe seu filme é um **épico**? A vida está sempre a fustigá-lo das mais diversas formas, exigindo uma tranquilidade que você não tem, uma coragem que você também não tem, mesmo assim você deve enfrentar um dragão por semana para se manter vivo, arriscando a pele em cada empreitada nova na qual se mete e, apesar do descrédito geral, às vezes até suportando ironia dos maldosos, você vai vencendo aos poucos a tudo e a todos? Você não se entrega? Nasceu para lutar? Ou é um filme **Cult**? Você é uma pessoa um tanto diferenciada do resto da humanidade, ou pelo menos assim se julga, permanecendo sempre envolvida em dar-se uma explicação lógica, racional e profunda para todas as irrelevâncias do universo? E sofre com isso? Sim, sofre, porque você se acha um ser especial, dificilmente



encontrando alguém com nível assemelhado ao seu com quem possa entabular um diálogo inteligente? E se vê obrigado a falar sobre superficialidades a maior parte do tempo apenas para manter a sobrevivência, cultivar amigos e poder conviver com a humanidade de uma maneira geral? E gosta muito de ficar em seu canto, sozinho, na concepção de que uma pessoa profunda dialoga consigo mesma? Hã? Ou quem sabe é um filme **policia**l? Você é um caso de polícia, está sempre envolto em mistérios, segredos, meias-verdades? Você está sempre burlando as leis, as portarias, as normas de serviço, as regras de trânsito e as de educação e enganando o cônjuge, o cliente, o colega, o fisco, o chefe, o subordinado, a humanidade em geral? Você pratica vilanias as mais diversas, usando e abusando de todos os recursos a seu alcance para satisfazer seus instintos mais egoístas? Pode ser que muitas vezes você tenha prometido a si mesmo manter uma conduta mais ética, mas uma força interior nunca deixou intenções tão puras predominarem? E até se sente bem percebendo como é fácil enganar terceiros? E apesar dessa conduta dorme muito bem de noite? Você é assim? Ou seu filme é um **drama**? Coitado, você é uma boa pessoa, dessas que fazem o mundo melhor, com quem todos querem conviver, mas a vida não lhe é simpática e amiúde tem lhe aprontado as mais diversas amarguras, verdadeiras fatalidades, sabe, daquelas sobre as quais nada se pode fazer, apenas crescer filosoficamente? Você perde aqui, leva um tombo lá, sofre uma emboscada acolá, e de vicissitude em vicissitude você vai conhecendo melhor os amigos, os inimigos e a indiferença da natureza? Hum? É isso? Ou é um filme de **faroeste**? Você já se levanta de manhã armado até os dentes e, ao menor sinal de contrariedade, saca primeiro, derrubando, lesionando, torturando inimigos, amigos, familiares ou qualquer outro ser vivo que ouse embarçar suas mais corriqueiras metas? Com o passar do tempo, sua fama vem aumentando cada vez mais, e você percebe isso na maneira com que muitas pessoas procuram evitá-lo? E aquelas que não podem evitá-lo, você percebe que na sua presença limitam-se a um tratamento formal, perdendo muito da espontaneidade? Você já deve estar consciente, e talvez até goste disso, de que é temido no ambiente de trabalho, no condomínio onde mora, nos encontros de família e em outros locais que frequenta, e que poucas pessoas estão dispostas a desafiá-lo para um duelo? Ou quem sabe na verdade seu filme é **pornográfico**? Vamos falar



baixo, você é muito sem-vergonhazinho e só pensa naquilo, mantendo relacionamentos sem se preocupar com sentimentos, apenas por sacanagem, protagonizando uma película proibida para menores de trinta anos, que só pode ser exibida em salas especiais? Você utiliza de todo o engenho e arte, em qualquer ambiente em que esteja, na busca insaciável de novas conquistas, num frenesi alucinante, como se o mundo fosse terminar amanhã, e você acha que tem de aproveitar a vida, e em sua ótica é assim que se aproveita a vida? E que pouco lhe serviram de lição todas as coisas que já lhe aconteceram, até porque referida conduta sua tem o apoio de todos os seus psicólogos, psiquiatras e terapeutas da alma em geral com que já faz sessões, pois eles dizem o que você quer ouvir, já que você lhes paga bem? Hã. É isso? Ou quem sabe tudo se resume a um filme **cômico**? Você tem uma boa índole, mas é um trapalhão, não leva nada a sério, trata de viver da forma que bem entende e nem está aí para a crítica especializada, a crítica genérica, a crítica marrom ou o síndico de seu prédio? Você, como todo mundo, comete erros, mas lhes dá uma conotação diferenciada, procurando rir de si mesmo, consciente de que a comédia interna é a melhor terapia que existe? O certo é que neste momento você está em cena e não pode fugir de seu próprio filme. Mas, afinal, que filme é a sua vida?



Bido ou via
com o olho.
Ficava p'cedo!
olhando, até...



O Recebedor

Bídio ouvia com os olhos. Ficava parado, olhando, até entrar em harmonia com tudo o que estava sendo dito. Passava então a receber, a assimilar o queixume do amigo. O outro falava, falava, descarregava no Bídio todas as suas angústias, até ficar aliviado. Por isso todos queriam tão bem o Bídio. Era o melhor amigo de qualquer um. Por onde andasse, tinha de ouvir. Se não saísse de casa, os amigos iam visitá-lo para “pedir conselhos”. Conselhos nada. Bídio quase não falava. Resmungava por vezes; dizia bah, que coisa; ou só abria a boca. Mas não precisava falar. Sua capacidade em recolher os males alheios era muito superior a qualquer conselho. E o Bídio gostava disso, como pode. Sentia-se bem ao receber as fraquezas dos outros, e todos têm muitas fraquezas. Eram males os mais diversos: de finanças, de cotovelo, de angústia, de doença, de safadeza. Bídio ia recebendo, recolhendo, armazenando. Aliviando os amigos, os amigos dos amigos, os conhecidos. Muitos desabafavam com ele uma vez por mês. Era convidado para todas as festas, todas as reuniões. Comia muito bem, o Bídio. Quase todo dia recebia convites para jantar, para ter de ouvir amigos. E como os ouvia, sempre concentrado, esforçado. Recolhendo os problemas para dentro de si, acomodando-os em seus órgãos. Conforme a natureza, o mal que lhe transmitiam ia para o fígado, pâncreas, estômago, coração. Seus órgãos estavam durinhos, carregadinhos de problemas. Todo dia atendia também as queixas de sua mulher. Muito infeliz, a dita. Sempre insatisfeita, a excluir-se da vida, e dele, do Bídio. E como reclamava. Dizia que ele era isso e mais aquilo. Um pamonha que nem falar sabia, só quieto, ouvindo. Bídio concentrava-se nela, aliviava-a. Ela mantinha-se saudável, bonita, faceira. Insatisfeita, mas faceira. E assim era levado pela vida, o Bídio.

Certo dia, à tardinha, após o trabalho, Bídio resolveu tomar um cafezinho, coisa de que muito gostava. Foi só chegar ao Café Oásis, no centro da cidade, e um amigo o chamou para um canto, para conversar. Tinha este problema, o Bídio. Dificilmente conseguia permanecer numa roda de amigos, conversando com várias pessoas ao mesmo tempo. Sempre havia alguém que o



puçava para um canto, para, em privacidade, se queixar da vida. É certo que havia alguns amigos que pouco ligavam para quem estivesse presente, e em qualquer lugar iam logo despejando no Bídio todos os seus problemas. Mas referidos episódios normalmente culminavam em algum tipo de constrangimento, motivo por que era recriminado pelos demais. Naquele dia, no canto do café, estando a concentrar-se nas queixas do amigo, Bídio ouviu um ploc no fígado. Aquilo o intrigou, nunca havia sentido alguma coisa assim antes. O que poderia ser um ploc num órgão interno do corpo? Teria o amigo com quem estava falando ouvido também? Pela conduta do outro, presumiu que não. E preferiu nada lhe dizer sobre isso. Até porque o que diria? “Olha, eu senti um ploc dentro de mim.” Seria ridículo. E tratou de ignorar o ocorrido, tantas coisas já sentira na vida.

Terminou de atender ao amigo e voltou a tomar cafezinho com os demais, em outra mesa. Ainda deu umas boas risadas, o Bídio, pois o pessoal era divertido e espirituoso. Depois, dirigiu-se para casa, caminhando sozinho pelas ruas. Sempre que fazia referido trajeto, Bídio caminhava algumas quadras a mais, a fim de passar por uma rua bem arborizada. Tinha paixão por árvores, principalmente quando ventava um pouco, como no momento. Gostava de dizer que as árvores são o melhor agasalho da alma. Chegando à sua casa, Bídio percebeu que sua mulher mais uma vez não estava de bom humor. Logo que viu o Bídio, ela iniciou ruidosa vociferação, reclamando da demora da troca dos móveis da sala, você é um fracassado na vida, de novo isso, de novo aquilo. Bídio estava um pouco cansado, o que mais gostaria naquele momento era de recostar-se num sofá e ler o jornal. Mas com uma esposa vociferando ao redor, isso seria impossível. Então tratou de sem demora concentrar-se nos queixumes da mulher a fim de assimilá-los com rapidez, e o fígado ploc, a coluna plic, o pulmão pluf, e o coitado do Bídio rebentou-se em doze mil, quatrocentos e vinte pedacinhos. Virou guisado de segunda.



O Apartamento

Fazia quatro anos que Luciano vivia com Rubinha. Resolveram então trocar de apartamento, pois residiam num imóvel antigo, de dois quartos e em localização que não lhes satisfazia. Após várias semanas de buscas, encontraram um apartamento que lhes agradou muito. Possuía três quartos, tinha boa orientação solar, era silencioso e apresentava vista privilegiada. Coisa muito boa. E era novo. Nunca fora habitado. Ótimo, pensaram eles. Compraram e foram tratar da decoração. Rubinha tinha muito bom gosto, era uma decoradora inata. Daí que cuidaram dos mínimos detalhes do imóvel, em todas as peças, do rodapé ao gesso do teto. Depois, o guarneceram com belíssimos móveis, grande parte deles comprados em lojas de antiguidades. Caríssimos, portanto. Para isso, gastaram todas as suas economias e um pouco mais. E, quem gasta mais do que pode num imóvel, sempre gosta de exibi-lo para terceiros. Então ofereceram um jantar para os amigos mais chegados, ocasião em que receberam muitos elogios e consideraram inaugurado o novo apartamento.

E, em referido imóvel, a vida seguiu. Luciano levantava cedo, por volta das seis horas, e punha-se a matear. Nessas ocasiões, gostava de ficar na sala, olhando a paisagem. Sentia o apartamento acolhedor, agradável, amigo mesmo. Estava muito satisfeito com sua nova morada. Foi nessas horas silenciosas que Luciano percebera haver certa sintonia entre ele e seu imóvel. Quando Luciano se punha a meditar, o apartamento parecia ficar mais silencioso, como se estivesse acompanhando seus pensamentos. Por outro lado, quando Luciano estava alegre, o apartamento apresentava-se mais radiante. Quantas vezes, sozinho em sua sala, ele havia tecido considerações irônicas em relação a outras pessoas, ou até sobre Rubinha. E o apartamento o acompanhava nessas ironias. Parecia rir junto. Luciano jamais diria isso para alguém, mas de fato já tivera a impressão de que seu apartamento até chegara a rir. Nos momentos de tristeza, muitas vezes fora sozinho em sua sala que Luciano recorrera ao aconchego daquelas paredes, janelas e tudo o mais que constituía a estrutura e decoração de seu imóvel, e recebera dele a paz de que



tanto estava precisando. Sem dúvida, sua morada interagiu com ele. Principalmente o papel de parede, ao qual não se cansava de ficar olhando. Em diversas oportunidades, Luciano chegara a achar cômico o relacionamento com seu apartamento. “Por que seria mesmo? Haveria alguma conotação com a minuciosa escolha de todo o material empregado em sua decoração? Com o sentimento envolvido em referido trabalho? Teria isso alguma explicação na psiquiatria, na parapsicologia, no esoterismo ou sabe-se lá em que ramo do conhecimento humano? E que relacionamento seria esse? Uma espécie de simbiose – um cuidava do outro? Ou, credo, uma conotação sexual? Sexo com um apartamento? Bem, existe anomalia para todos os gostos.” Não, Luciano achava que o relacionamento com seu apartamento não tinha conotação física. Não passava de simples amizade. Uma amizade pura e desinteressada. Considerava seu apartamento seu amigo do peito. Seu melhor amigo. Pode? Ora, era o que ele pensava.

Foi por essa época que Rubinha, como ciclicamente fazia, começou a criar problemas. É, porque Rubinha era uma mulher cíclica, alternando períodos de meiguice com tempos de confronto. Tanto era assim que Luciano já a havia apelidado de Rubinha Guerra e Paz. Luciano não era de briga. E tratava com desportivismo os períodos de ira da mulher; conduta que Rubinha detestava em seu companheiro. E, dessa vez, não suportando o desportivismo de Luciano, Rubinha saiu de casa - foi morar com a mãe.

Pois bem. Luciano estava sozinho. Pela primeira vez na vida. Em outras oportunidades de fim de relacionamento, ele sempre estivera com novo envolvimento em vista. Enquanto a antiga companheira estava destratando-o e ao mesmo tempo despedindo-se ao telefone, ele já havia combinado um jantar com outra. E continuava a vida. Agora não. Não tinha jantar, não tinha nada nem ninguém. E isso o chocou. Mas o quê, em seguida pensou Luciano. Nessas ocasiões é bom levantar a cabeça e sorrir, como ensinam os psicólogos. E assim fez. Levantou a cabeça e sorriu para seu apartamento, a espera do aconchego de sempre. Mas se surpreendeu com a frieza de seu imóvel. “Como?” Insistiu. Olhou para todos os lados, principalmente para o papel de parede. Sorriu novamente. Mas nada. O apartamento não mais



estava interagindo com ele. Bem, quem sabe fosse uma errada interpretação de sua parte, pensou. E foi dormir.

No outro dia, como de costume, levantou-se cedo e pôs-se a matear. Continuou sentindo a mesma frieza da parte de seu apartamento. Seu imóvel ficara muito diferente. E assim pelos dias que se seguiram. Enquanto Rubinha vivia com ele, ela podia estar dormindo, ou podia até mesmo não estar em casa que o apartamento era seu amigo. Desde que ela morasse ali. A partir do momento em que ela saíra, tudo mudou, tomou outra dimensão. E isso que Luciano não se sentia culpado pela separação. Não importava. O apartamento parecia não fazer distinção nesse sentido. Chegou a ficar indignado, Luciano. Quando estava tudo bem, quando ele estava emocionalmente rico, o apartamento o tratava bem. Agora que estava emocionalmente empobrecido, fragilizado, que tanto necessitava de apoio, seu amigo do peito o havia abandonado. Belo amigo esse. E pior. Com o passar dos dias, Luciano sentiu que a indiferença do apartamento havia dado lugar a certa hostilidade. E algumas peças eram mais hostis que outras. O quarto era a pior delas. Depois vinham as salas. Sentia que seu apartamento começava a jogar pesado. De amigo do peito, transformara-se em inimigo. E as coisas pareciam piorar dia a dia. O golpe fatal ocorreu num domingo à tarde. Luciano estava assim, sem saber o que fazer da vida, quando as janelas, o piso, os lustres e até o papel de parede - quem diria - avançaram contra ele, não lhe dando qualquer chance de defesa. Foi encontrado pela faxineira que vinha apenas às terças-feiras.



Há vênus an'ol
Jurência vinha se
dedicando a ...



O Camelô

Há vários anos, Juvêncio vinha se dedicando à atividade de camelô. No início, passara muita dificuldade, tentando vender produtos que sequer despertavam a atenção da parte dos pedestres. Eram quinquilharias as mais diversas, de variadas procedências. Os caminhantes que passavam pela frente de seus produtos mal davam uma olhadela, nem ao menos desaceleravam o ritmo de seus passos. Esporadicamente, alguém se interessava por alguma coisa. E não era por falta de esforço de Juvêncio, não. Ele fazia o que podia. Estabelecia-se em seu ponto na rua desde cedo da manhã até à tardezinha. Modificava o tipo de mercadoria posta à venda, imaginava nova forma de apresentação, e nada. As vendas continuavam baixíssimas. Juvêncio ficava pensando, meditando, que isso gostava muito de fazer, o que querem os pedestres? Do que precisam essas pessoas que andam pelas ruas de um lado para outro? A descoberta disso seria a redenção de seu comércio. E Juvêncio por vezes ficava até uma hora parado, sem nada falar, apenas olhando, observando, tentando integrar-se naquela massa humana que, com seus pés e pernas, deambulava com destino desconhecido. E, de tanto tentar imiscuir-se no subjetivismo de quem caminha pelas ruas, chegou a uma conclusão óbvia de tão simples. Finalmente, pensou Juvêncio, vou vender um produto de que as pessoas necessitam. Ninguém mais vai passar indiferente por mim. E, de fato, a partir dessa conclusão, seus negócios deslancharam. Precisou até trazer a sua mulher junto para auxiliá-lo no atendimento aos fregueses que aumentavam à medida que os dias passavam.

Daí que, nessa manhã, quando as pessoas já se encaminhavam para os locais de trabalho, o camelô mais uma vez estendeu um plástico na calçada e sobre ele colocou dezenas de caixas de todos os tamanhos. E, aos gritos, passou a vender seus produtos.

- É isso aí, freguesia. Vá chegando. Venha ver os produtos que estou vendendo. No início talvez o senhor e a senhora se surpreendam um pouco com a natureza de minhas mercadorias.



Mas, raciocinando bem, perceberão que, na verdade, se trata de produtos de primeira necessidade, tão importantes como o feijão e o arroz. É que a vida é substancialmente muito simples, muito chata, sem graça nenhuma, freguesia. Pare um pouco para pensar. Você dorme, se alimenta, desempenha um trabalhinho sem muita complexidade, quando isso é necessário, e pronto. É o suficiente para a sobrevivência. Mas será o suficiente para você? Claro que não. Ninguém almeja apenas sobreviver. Daí, freguesia, que a preços módicos eu vendo o que você está precisando. Eu vendo problemas. Sim, problemas. São produtos nacionais mesmo, honestos. Essas coisas a gente não precisa trazer do Paraguai. Há muito tempo, freguesia, minha maior ocupação é de observar as pessoas que caminham pelas ruas. E, de tanto observar, fui chegando a uma conclusão elementar. Há apenas dois tipos de caminhantes, freguesia. O primeiro tipo é composto por pessoas que já tem problemas e deslocam-se de um lugar para o outro com a finalidade de administrá-los. Daí que muitos deles caminham de maneira acelerada, alguns até correndo. O segundo tipo é constituído por seres humanos sem problemas. Estes caminham em busca de algum problema. Isto mesmo, freguesia, nas ruas há apenas dois tipos de caminhantes: os que têm problemas e os que procuram problemas. Essa circunstância é um determinismo da natureza, freguesia. Se você não pertence a um grupo, pertence a outro. Todos nós precisamos de problemas para preencher o vazio da vida. A própria humanidade necessita muito de problemas. Ao administrar seus problemas foi que a humanidade progrediu. O tédio é o maior inimigo da humanidade. E podem crer que precisamos muito mais de problemas do que de diversão. A diversão logo cansa. Os problemas não. Os problemas é que dão sentido à vida. O passatempo predileto do ser humano é curtir seus problemas. Pode notar, freguesia, entre seus amigos e conhecidos, como todos têm problemas. E, quem não tem, trata logo de procurar algum. Não descansa enquanto não encontra. Por isso estou aqui, para facilitar as coisas. Vendo problemas de todas as espécies.

- Aceito dinheiro vivo, nacional ou estrangeiro, cheque à vista ou pré-datado e até ouro velho como pagamento. E, se o senhor estiver necessitando muito de um problema, mas não dispuser de numerário suficiente, não se acanhe, se achegue,



a gente conversa. Conheço a natureza humana, conheço suas angústias, não deixo ninguém mal. E, se não puder vir até aqui, não faz mal, tenho um telefone para pedidos. Se necessário, entrego o problema a domicílio. É um tipo de teleproblema. É minha profissão. A demanda comporta. Comunico também que, na venda de problema novo, aceito problema usado em troca. Isso ocorre muito. Na vida estamos constantemente trocando um problema pelo outro, pois cada um está sempre em busca de problemas na medida adequada. Não está satisfeito com seu problema? Venha aqui, arrumo-lhe outro.

- Tenho uma infinidade de produtos à venda. Por exemplo, se a senhora é dona de casa, tem tudo na vida, mas está entediada de apenas assistir à novela de televisão, eu arranjo para sua empregada ficar doente durante duas semanas. Vai ser até instrutivo, a senhora ficará sabendo novamente onde é guardado o saleiro da cozinha. Acha pouco? Quer alguma coisa mais consistente? A senhora é uma senhora muito entediada? Tudo bem. A gente resolve, minha senhora. Posso lhe arrumar outro tipo de problema mais complicado, quem sabe envolvendo algum vizinho, sabe como é, o tédio não faz bem para a saúde. Não é esse o seu caminho? Desculpa. Mas não se preocupe, existem muitas outras opções. Quem sabe lhe arranjo um filho daqueles, que não está nem aí para qualquer responsabilidade e toma todas. Um filho desses preenche a vida de qualquer pessoa. Viu? A gente resolve.

- Se o seu cônjuge for um desses raros que não incomoda, e isso lhe traz um problema por falta de problemas, pode deixar comigo. Eu lhe arranjo uma sogra e duas cunhadas fofoqueiras que não pouparão esforços para tirar o marasmo de sua vida.

- O senhor que vive sozinho e tem plenas condições de se sustentar, mas a falta de problemas causa-lhe profunda angústia, pode deixar que eu lhe arrumo o problema adequado e lhe entrego de véu e grinalda. É isso aí, freguesia. Problemas são imprescindíveis. É a paz das trincheiras.

- E não arrumo apenas problemas grandes, não. Posso também conseguir um cachorro para ser criado em apartamento. Asseguro-lhe que é um pequeno problema muito interessante e envolvente.



- Meu estoque de problemas é imenso. Tenho desde unha encravada até separação litigiosa. É só chegar e escolher.

- O certo é que, sem problema, meu amigo, você não aguenta a vida.



A Convenção

Naquele sábado, Josias levantou-se cedo e tratou de se arrumar. A mulher estranhou, o marido sempre ficava em casa nas manhãs de sábado.

- Aonde vais? – perguntou ela.

- Vou a uma convenção de malcasados – respondeu ele.

Como já andavam às turras, a mulher recebeu a observação apenas como uma forma de ofendê-la. E deu o troco, dizendo:

- Represente-me também.

Josias tomou café e saiu. Apesar de a mulher não haver acreditado, de fato naquele dia seria realizada a Primeira Convenção Estadual de Separados e Malcasados. A iniciativa havia partido dos separados. Estes, há algum tempo, haviam criado uma associação para troca de experiências e defesa de seus interesses. Mas perceberam faltar-lhes poder para exercer a desejada influência sobre a sociedade. Por mais que a humanidade tenha progredido, separado é separado, sempre é visto com certa desconfiança. Muito diferente do viúvo. O viúvo é tratado como um coitadinho, objeto de respeito e consideração de todos. O separado? Hum... ficam todos pensando. Então, alguém teve a ideia de fazer uma aliança com os malcasados.

- Separados e malcasados seguramente formam a maioria dos adultos – argumentou ele. – E não devemos esquecer que, além dos malcasados assumidos, existem os malcasados enrustidos, que seguramente são a maioria. Teremos a simpatia de todos eles. Ademais, o malcasado é um separado em potencial.

O encontro seria apenas para homens. Houve a proposta de convidar as mulheres para a convenção, afinal existem também muitas mulheres separadas ou malcasadas. Mas a reação de um determinado grupo afastou a sugestão. Alegaram eles



que nada mais diferente de um homem separado do que uma mulher separada. Enquanto as mulheres separadas juntam-se com as amigas, vão a shopping, cinema e até viajam juntas, os homens separados ficam sozinhos em casa, assistindo a futebol na televisão. São seres diferentes, com interesses diferentes, a convenção perderia sua uniformidade. Ademais, seria arriscado casais malcasados irem juntos a uma reunião dessas. O grau de beligerância poderia inviabilizar o encontro. E, assim, a presença das mulheres foi vetada.

A ideia dos separados em convidar os malcasados teve relativo sucesso. Foi razoável o número de homens casados que aportou ao encontro.

- Não iríamos esperar tanta coragem assim logo na primeira convenção. Mas a presença de algumas dezenas já é um começo – afirmou um dos organizadores.

Quando Josias chegou ao encontro, percebeu que o ambiente era descontraído, agradável. Tratou de conversar com um e com outro. A um homem que estava sentado perto, Josias perguntou:

- Você é separado ou malcasado?

- No momento, sou separado. Mas posso voltar a me tornar malcasado – respondeu o outro.

- Quem sabe da próxima vez você escolhe melhor?

- Olhe, vou lhe dizer uma coisa. Em matéria de escolhas, já aprendi a me conhecer. Quando inicio um relacionamento sem pensar muito bem, sempre faço a escolha errada. E, quando penso muito bem, quando medito bastante sobre as características da outra pessoa, aí mesmo é que eu erro. Não adianta. Quando não estou separado, estou malcasado.

Josias já havia chegado à conclusão de que existem não somente homens, mas também mulheres, que de fato possuem a sina de atrair apenas pessoas erradas. São verdadeiros ímãs de problemas. O recém-conhecido talvez fosse um deles.



- Coragem – culminou por dizer Josias, sem entender o motivo da própria observação.

- Esta é a palavra certa, irmão – disse o outro. – Vou lhe segredar uma coisa. Isso aqui na verdade é uma convenção de covardes. A maioria dos malcasados não se separa por covardia. E a maioria dos separados não se casa novamente também por covardia, por medo de um novo relacionamento. Isso de dizerem que a pessoa separada fica mais seletiva, mas exigente, é pura desculpa. É covardia mesmo.

Josias limitou-se a dar um sorriso amarelo. A observação o havia atingido em cheio.

A convenção teve início com a criação da Associação dos Separados e Malcasados. Depois se seguiram palestras de psiquiatras, psicólogos e terapeutas de uma maneira geral. Após várias horas, o ambiente já estava começando a ficar maçante. Foi quando o Almeidinha, um experiente separado, pediu para ir à tribuna e de lá disse:

- Se não fosse o domingo à tarde, jamais me casaria outra vez.

Houve um silêncio na plateia. Depois, um dos participantes disse bem alto:

- De fato, o maior problema do separado é o domingo à tarde.

Todos concordaram. Sim, era domingo à tarde.

- Dos malcasados também – disse Josias, dando causa a riso geral.

Passaram a debater o assunto, tendo surgido as mais diversas ideias para administrar o domingo à tarde. Nenhuma, no entanto, tinha qualquer consistência. Foi quando alguém disse:

- E se abolíssemos o domingo à tarde?

- Como? Ninguém entendeu.



Ele explicou:

- Seria muito fácil. Bastaria suprimir um dia da semana, passando o domingo de manhã para a segunda à tarde. Deixando de haver o domingo à tarde, os malcasados teriam uma vida bem melhor e os separados teriam muito menos necessidade de se casar novamente.

O entusiasmo foi geral. E, considerando ser a questão abordada de interesse universal, elaboraram um abaixo-assinado dirigido à ONU, postulando a eliminação do domingo à tarde.

- Acho que teremos a simpatia de todo o mundo, inclusive da ONU, onde seguramente também há pessoas separadas e malcasadas – disse o presidente dos trabalhos.

Com essa decisão, o encontro chegou ao fim. Josias voltou para casa com uma carteirinha de malcasado e com a esperança de não mais precisar conviver com sua esposa num entediante domingo à tarde. E os separados saíram da reunião com a esperança de, uma vez suprimido o domingo à tarde, nunca mais precisar se casar.



A Bancária

Naquela tarde, ao final do expediente, a bancária Lisete, mulher bonita de seus trinta e cinco anos de idade, foi até o banheiro. Percebendo que estava sozinha, apanhou seu telefone celular e efetuou uma ligação.

- Estou precisando de material - disse ela. - Entregue-me amanhã, às oito horas, no local de sempre. E desligou o telefone.

Por segurança, ainda deu mais uma examinada no banheiro, inclusive nas janelas basculantes, a ver se de fato ninguém tinha possibilidade de ouvir seu telefonema. Depois, como se nada de especial tivesse ocorrido, Lisete voltou para a companhia de sua colega Roberta e juntas foram a um bar fazer um happy hour. Elas haviam se conhecido há pouco mais de um ano, quando, após avaliação do setor de recursos humanos do banco, ambas foram admitidas como funcionárias. Mesmo tendo sido realizadas entrevistas com psicólogos e outros profissionais especializados em referida área, Lisete não revelou tudo sobre sua personalidade; como de resto é muito comum nesse tipo de entrevista. Por vezes, os candidatos não revelam os aspectos mais importantes de sua intimidade. O banco, portanto, não tinha plena ideia de quem havia contratado. O certo é que as duas colegas tornaram-se muito amigas. A sugestão para conversarem no bar fora de Lisete, precisava desabafar.

Confidente de Lisete, Roberta sabia das dificuldades que a amiga estava tendo com seu atual companheiro, o dentista Adolfo. O relacionamento estava completando seis meses e, nos últimos dois, não ia nada bem. Sentaram-se à mesa do bar, e Lisete passou a desfilas para a amiga um rosário de inconformidades, como gostava muito de fazer. Era Adolfo para cá, Adolfo para lá. Falava sobre Adolfo tudo o que ela sabia; e o que não sabia, imaginava. Para ela, esse último aspecto era o mais importante. Nas incógnitas é que Lisete centrava todas as suas preocupações, aguçava sua imaginação. E a imaginação não tem limites. Os homens são cafajestes no que a gente não sabe, costumava dizer



ela para Roberta. E, em virtude de suspeitas desse tipo, Lisete há poucos dias havia protagonizado interessante cena no local de trabalho do companheiro. Irada, irrompera no consultório dele em meio a um procedimento dentário de uma cliente, a qual estava de boca aberta e de boca mais aberta ainda ficou durante toda a confusão. O relacionamento de Lisete com Adolfo era nesta base.

- Eu não estou aguentando mais - disse ela para Roberta no bar. - Inclusive já telefonei pedindo o material.

Roberta assustou-se.

- Não faça isso - interveio. - Com paciência as coisas podem tomar novo rumo.

Roberta era a única pessoa no círculo de amizade de Lisete que tinha conhecimento de alguns segredos da mesma. A referência feita por Lisete à encomenda do material deixou Roberta muito preocupada. Utilizou ela de todo o engenho e arte para dissuadir Lisete a empregar o instrumento. Conversaram durante horas. Condoendo-se da agonia da amiga, Lisete disse-lhe que ela tinha razão, que não utilizaria o material, que seria paciente e procuraria outro caminho. Mas não foi sincera. No outro dia, às oito horas da manhã, lá estava ela no local combinado para receber o objeto encomendado. Após cinquenta minutos de muita orientação técnica, e mediante razoável soma em dinheiro, foi-lhe passado o material. De posse do mesmo, Lisete tratou de ir para a agência bancária cumprir mais um dia de trabalho. E apresentou-se com a normalidade de sempre. De tal forma que Roberta ficou menos preocupada, entendendo que a amiga não iria cometer nenhum desatino. E Roberta aliviou-se ainda mais ao saber que Lisete estava preparando uma festa para o aniversário de Adolfo.

- Que ótimo – disse Roberta. – Fico tão feliz com isso.

De fato, três dias depois, Lisete havia preparado uma festa surpresa de aniversário no próprio apartamento de Adolfo. Quando, no final da tarde, este abriu a porta de seu apartamento, foi recebido por seus familiares e amigos íntimos que cantaram o



“Parabéns a você”. Foi bonita, a cena. Estavam presentes o pai e a mãe de Adolfo, seus irmãos, cunhadas, colegas e pessoas muito próximas a ele. Alguns tinham bom relacionamento com Lisete, outros nem tanto. Nestes estava incluída a mãe de Adolfo. Desde que se conheceram, ambas mantinham discreta antipatia. Até por isso, Lisete fizera questão de que ela viesse. Para Lisete, cada presença tinha sua importância especial no evento. Ninguém fora convidado de graça. O mesmo se dizendo de uma colega de Adolfo – uma dentista charmosa -, sobre quem Lisete mantinha forte suspeita de envolvimento com seu companheiro.

Ao recepcionar os convidados, Lisete foi elegante com todos, com as pessoas de quem gostava e com as pessoas a quem detestava. Esbanjou simpatia, surpreendendo a muitos, inclusive a Adolfo, que ficou muito satisfeito com a conduta de sua companheira. Nos últimos anos, Lisete já repetira esta conduta em quatro oportunidades. É certo que muitas vezes ela havia se proposto a modificar sua conduta. Fizera muito esforço neste sentido. Debalde. Quando as circunstâncias convergiam num sentido, ela não resistia à sua inclinação.

E assim que, estando a festa bem animada, com todos descontraídos, Lisete posicionou-se no meio da sala e fez uso do material, explodindo-se a si mesma e a todos os que estavam no apartamento. A explosão foi tão intensa que muitos vizinhos perceberam. Todos os presentes resultaram feridos, uns mais, outros menos. Não poderia haver pior fim de festa, com os convidados voltando para casa carregando estilhaços de injúria, calúnia, difamação, ultraje, vitupério, assacadeira, desdouro, desprezo, desdita, indelicadeza e mal-estar generalizado. Somente naquele instante, Adolfo percebeu que havia se envolvido com uma terrorista sentimental.



É cigarete era
uma cigana esped.
Muito sincera e
honesto, a ponto de...



A Reinvenção do Passado

Elisabete era uma cigana especial. Muito sincera e honesta, a ponto de confessar não conseguir prever o futuro. Mas, desde pequena, Elisabete demonstrara possuir um talento singular para inventar histórias sobre outras pessoas. Gostava de imaginar o passado, mesmo que de forma fictícia. O seu talento consistia em inventar uma história que se harmonizasse com a personalidade da pessoa a quem ela elegia como protagonista. Botava o olho em alguém e já lhe imaginava uma história factível. Reinventava a vida das pessoas. E deliciava-se com isso Elisabete, pois gostava de ver a cara de espanto dos outros ao imaginar-se com passado diverso. Sempre fizera de referido talento apenas uma diversão. Mas a dificuldade nos negócios enfrentada pela família forçou as mulheres ciganas a saírem às ruas para vender suas habilidades. A maioria delas saía de dia, para ver a sorte, o futuro. Elisabete preferiu trabalhar à noite, para ver o passado. Com simpatia e habilidade, ia infiltrando-se em locais da moda, como cafeterias, restaurantes caros, boates e ambientes assim. Aproximava-se com normalidade das pessoas, conversava sobre assuntos diversos e culminava por tomar conhecimento de quem seriam as pessoas separadas que estavam começando novos relacionamentos. Abordava-os e já ia dizendo:

- Vocês precisam reinventar o passado.

- Como assim? - indagava o casal.

- Eu explico - dizia Elisabete. - Normalmente os casais que possuem bom relacionamento têm histórias em comum, alegrias, tristezas, coisas para se lembrar. Quando você lembra de acontecimentos passados, lembra também do outro. O outro estava junto em todos esses momentos, nas dificuldades dava seu apoio. As lembranças são o cimento da relação. Essa a lacuna de pessoas que pouco se conhecem, das pessoas separadas. Pois eu me proponho, por uma módica quantia, a inventar-lhes um passado comum. Com alegrias, tristezas, sucessos, derrotas e tudo o mais que envolve uma relação. Uma história bem normal, mas suficientemente envolvente para fortalecer a união. E ao inventar



uma história em comum para os dois, estou reinventando o passado de cada um de vocês. A reinvenção do passado é muito oportuna para as pessoas separadas.

Não havia quem não se interessasse. E Elisabete se esforçava. Examinava bem a aparência do casal, seus gestos, e construía para eles um longo passado comum. Muitas vezes desde os bancos escolares. Ah, mas que ideia. Foi um sucesso.

A trama era tão bem concebida, que chegaram a ocorrer episódios assim. Um homem procurou Elisabete queixando-se de que sua companheira passara a apresentar cenas de ciúme em virtude da Lucinha, uma namorada que a cigana havia inventado para ele em seu passado fictício.

- Por favor, Elisabete – disse ele. – Efetue uma correção de rumo em meu passado. Dê um jeito de suprimir a Lucinha. Essa namorada-invenção está a ponto de destruir nosso relacionamento.

Honesta que era, Elisabete respondeu-lhe:

- Não dá. Essa namorada faz parte de teu perfil. E, pelo visto, o teu problema não é a namorada-invenção, mas a atual namorada.

Em alguns casos, quando a pessoa apresentava perfil muito desajustado, Elisabete recusava-se a criar-lhe um passado.

- O passado que tenho condições de lhe reinventar por certo não vai lhe agradar. Nem favorecer o relacionamento – dizia com sinceridade. E, para íntimos, confidenciava:

- Para algumas pessoas, nem a reinvenção do passado pode trazer alguma ajuda.

Em pouco tempo, ao invés de Elisabete procurar os casais, eles é que passaram a procurá-la. Formavam filas junto a restaurantes e cafeterias, para alegria dos proprietários. Foi uma época áurea para os descasados que iniciavam novos relacionamentos, pois a cigana Elisabete passou vários anos dando nova esperança de passado às pessoas.



Discussões Conjugais

Maridos são seres vivos que falam pouco. Pois o Fonseca era um dos piores. Em casa, não falava nunca. Ritinha, sua esposa, sabia que ele estava vivo em virtude do barulho de futebol na televisão. Está certo que às vezes ela podia trocar ideias com o marido, mas sempre sobre assuntos genéricos ou distantes do universo familiar. Sendo assim, ele até falava alguma coisa. Mas quando o assunto aproximava-se das quatro paredes do lar, ou pior, quando dizia respeito a sentimentos, Fonseca emudecia. E quanto mais quieto Fonseca ficava, mais Ritinha se enfurecia. Como se pode discutir com uma pessoa que não responde? Nessas ocasiões, era comum ela vociferar e até destratá-lo. Chamava-o disso e daquilo, procurando as ofensas mais contundentes. E culminava a catilinária sempre chamando-o de burguês decadente; logo ele que, estando um pouquinho atrasado na história, pelo menos teoricamente, dizia-se socialista anos cinquenta. Ela sabia que isso era o que mais o incomodava. Mas todo esse gasto de energia era em vão. Fonseca sequer mexia um músculo da face.

Certo dia, contudo, estando a jantar na casa deles um casal de amigos, logo que todos apanharam os garfos, Fonseca disse:

- Sabem o que a Ritinha andou me aprontando?

E despejou nos amigos uma série de queixas contra a esposa. Ritinha ficou pasma. Aquele não era seu marido. Mas passou a defender-se. Ousou até tentar dialogar com Fonseca. E, para sua surpresa, este aderiu ao diálogo. Passaram a bater boca em frente aos amigos. Fonseca disse para a esposa coisas que jamais havia dito estando sozinhos. Coisas novas, coisas antigas, coisas que ela nunca imaginara ouvir da parte dele. Foi um belo jantar. Logo que as visitas saíram, ela investiu contra a referida conduta, dizendo que roupa suja se lava em casa, mas não na presença de terceiros. Contudo, não negava estar entusiasmada. Afinal conseguira discutir com o marido. E quis continuar o bate-boca. Mais uma vez em vão. Sozinhos, Fonseca tornou a ficar



mudo. Não adiantou segui-lo pela casa, e até ficar na porta do banheiro esperando que ele saísse, a fim de continuar a conversa. Para decepção de Ritinha, Fonseca voltou a ser o que sempre fora.

No entanto, alguns dias depois, quando a irmã de Ritinha estava a visitá-los, Fonseca desligou o televisor, foi até o recinto onde elas estavam, sentou-se e, na frente da cunhada, disse poucas e boas para a esposa. Procurou complementar algumas observações que havia feito no episódio anterior e trouxe novidades. Apesar de surpresa, dessa vez o espanto de Ritinha não foi tão grande. Novamente engalfinharam-se em batalha verbal, agora para constrangimento da cunhada. No entanto, mal a cunhada saiu, Fonseca tornou a ficar mudo. E Ritinha mais uma vez ficou frustrada, queria continuar, colocar certos assuntos em dia. Agora tinha muito mais pontos a serem esclarecidos.

As próximas semanas foram de martírio para Ritinha. Com aquelas duas discussões, ela conseguira penetrar pelo menos superficialmente no espírito do marido. Mas era muito pouco. Apenas a ponta do iceberg, pensava ela. Queria muito mais. Mas, de qualquer sorte, parece que agora havia descoberto uma forma de conseguir isso. Visitas. Visitas era o que faltava. Apesar de constrangedora, era a única maneira de fazer com que o marido se dispusesse a dialogar com ela, e da forma mais sincera. Ah, isso era verdade. Na frente de terceiros, Fonseca era muito sincero. Então, Ritinha tratou de promover jantares em sua casa, sempre convidando parentes. E ficou realizada. Na frente deles, o casal passara a travar disputadíssimos duelos verbais; nisso incluindo tudo, mágoas do passado, do presente e do futuro. E começaram a surgir as emergências também. Quando, subitamente, Ritinha sentia necessidade de discutir com o marido, esclarecer algum detalhe que o angustiava, chamava às pressas um parente.

- Dessa vez é pouca coisa - dizia ela.

Com o passar do tempo, contudo, os parentes cansaram. Já não estavam mais dispostos a se submeter a tantos constrangimentos. Se Ritinha organizasse um jantar, mesmo exagerando em requintes de culinária, todos os parentes davam uma desculpa para não ir. Ela então passou a utilizar-se dos amigos comuns. Em pouco tempo, o processo foi o mesmo.



Os amigos também sumiram. Desesperada, ela apelou para os vizinhos. A maioria, contudo, não compareceu sequer ao segundo jantar. Sobrou apenas a Miloca. Referida vizinha estava sempre disposta a ouvir uma boa discussão. E colocou-se à disposição de Ritinha para qualquer emergência, de dia ou de noite. Precisando, era só chamá-la. O problema é que Miloca era a maior fofqueira do bairro. Não guardava sigilo algum. Falava tudo o que sabia, e o que não sabia ela inventava. Paciência, pensou Ritinha. Tudo vale a pena, desde que se possa ter um bom diálogo com o marido.



Eu já não estava
há alguns meses
na boia.



O Destino da Blusa

Eu já estava há alguns meses na loja. As freguesas entravam, olhavam, algumas até me pegavam na mão. Mas nada. Ninguém havia tomado a iniciativa de me comprar. Até que um dia chegou a Neusinha, mulher elegante, de classe. Notava-se que ela tinha todo o cuidado com a aparência, sem no entanto exagerar em nada. A discrição e a naturalidade eram seu forte. Senti logo que havia uma química entre nós. Uma blusa como eu ficaria muito bem numa mulher dessas. E, modéstia à parte, ela também ficaria muito bem comigo. Minha intuição concretizou-se. Após experimentar outras roupas, ela vestiu-me, olhando-se bem ao espelho. Fiquei inebriada. Foi a primeira vez que estive no corpo de alguém. E senti que ela havia gostado de mim. Retirou-me e colocou-me ao lado, dizendo, “Eu vou levar esta blusa”. Ao final de suas compras, junto comigo ela levou outra blusa e um vestido preto. E, na mesma sacola, lá fomos os três satisfeitos, fascinados ante à perspectiva de uma vida interessante, movimentada. Chegando a sua casa, Neusinha colocou-nos numa gaveta em meio a outras roupas. Não era pouca a roupa que tinha Neusinha. Além das gavetas, tinha um guarda-roupa de parede inteira repleto de roupas apenas suas. Confesso que fiquei um pouco apreensiva. Com tantas alternativas para se vestir, sempre haveria o risco de ser pouco utilizada. Mas eu tinha muita autoestima, muita confiança em minha aparência. E pensamento positivo. Por certo em poucas semanas seria eu agraciada com a escolha e poderia, afinal, começar a viver a vida. Mas qual. Passaram-se semanas, meses, e eu enfiada naquela gaveta. Ainda bem que não sofria de claustrofobia, como uma saia plissada que estava um pouco abaixo, na mesma pilha, e que passava o tempo todo reclamando do destino. Durante o primeiro ano em que fui colocada naquela gaveta, a única esperança que tive foi quando Neusinha retirou todas as blusas que ali estavam e colocou sobre a cama. Dentre elas estava eu. Experimentou outras duas, escolheu uma e recolocou as demais na gaveta. O tempo foi passando, e eu fui perdendo a autoconfiança, chegando a ter algumas crises de depressão. Ainda mais tendo de conviver com a blusa preferida de Neusinha, que era guardada numa gaveta ao lado e



que amiúde relatava a todos os momentos especiais que ela vivera com sua dona, em festas, passeios, jantares e até... bem, deixa pra lá. Arrogante, aquela blusa. Presunçosa. É claro que no mesmo ambiente existiam diversas outras peças de roupa em situação semelhante à minha, sem nunca terem sido usadas. Algumas eram de dar pena, já que peças caríssimas feitas por estilistas de renome. E ali estavam, há muito tempo paradas num cabide. Cada roupa reagia de forma diferente. Algumas conformavam-se com sua situação de inutilidade. Outras não. As mais politizadas levantavam a hipótese de iniciar uma revolta contra Neusinha, a fim de obrigá-la a utilizar de maneira mais justa todas as suas roupas. Teria havido até um início de conspiração nesse sentido, com as exaltadas incitando ao levante. A posição das moderadas, no entanto, predominava. Elas diziam que a vida de roupa é assim mesmo, com a sabedoria recomendando que cada uma aceitasse o destino que lhe fora traçado. Se não se pode viver assim, se vive assado, cada uma voltando-se para o momento interno em relação a portas e gavetas, ponderavam filosoficamente. Outras diziam que teriam sido muito mais felizes caso sua dona fosse pobre, com pouca roupa. Poderiam viver num casebre, seriam lavadas num riacho poluído, mas teriam existência bem mais interessante. Às vezes o dinheiro não é tudo, concluíam. O certo é que o tempo foi passando. Faz cinco anos que estou guardada nesta gaveta sem nunca ter sido usada. Se a Neusinha soubesse como é cruel comprar uma roupa apenas para deixá-la numa gaveta. Atualmente sou uma blusa irritadiça, deprimida e com baixíssima autoestima. Depois de tanta rejeição, se um dia ainda vier a ser usada, é possível que venha a ter um péssimo desempenho... Ou, quem sabe, apronte alguma para a Neusinha. Bem que ela está merecendo.



Juventudes

Meu filho está com dezesseis anos e, por Belenos, não o entendo, dizia o velho gaulês em conversa com amigos. Há poucos dias, ele e seus companheiros, todos adolescentes, resolveram fazer uma festinha nas proximidades da aldeia. A mãe ficou preocupada, essas festinhas, sabe como é. Eu não liguei, os rapazes precisam divertir-se, contar vantagens, dar risadas. Até prontifiquei-me em colaborar. Poderia ajudá-los a caçar o javali, nisso tenho muita experiência, nunca voltei de uma caçada sem um javali - desde que fosse avistado, é evidente. Mas ele disse que não precisava, estava tudo preparado. E o javali? Perguntei. Ora, uma festa gaulesa sem javali. Ele respondeu que aquilo não era com ele, e desconversou. Fiquei desconfiado. No dia da festa, resolvi conferir de perto. Fui chegando devagar e os surpreendi comendo queijo derretido, bem à moda romana. Com um pedaço de madeira, lambuzavam o pão numa panela de queijo fundido. Havia fios de queijo para todos os lados. Javali que é bom, nenhum. Ao ver-me, ficaram sem jeito, não falaram nada. Tampouco eu disse alguma coisa, apenas sacudi a cabeça e fui embora. E os deuses, então? Acreditam os senhores que, tendo ido junto com meu filho conhecer um cavalo que o vizinho havia comprado, surpreso diante da beleza do animal, o garoto, ao invés de dizer: por Belenos, disse: por Júpiter. Naquele dia não fiquei quieto. Até porque tal sacrilégio fora proferido em frente ao vizinho. Passei uma descompostura em meu filho. Fiz um discurso contra esses estrangeirismos. Ele ficou quieto. Eles sempre ficam quietos, isso é o que mais me preocupa. E teve também a harpa. Os senhores já viram gaulês tocando harpa? Claro que não, isso é coisa de romano. Pois ele comprou o instrumento de um legionário, pagou com cinco cabritos, e transformou nossa casa num inferno, tocando durante todo o dia aquela droga. A mãe fala, eu falo, pouco adianta. Ele fecha-se no quarto, não quer conversa. Acha que sabe mais do que os adultos. Mas, o pior de tudo, foi a roupa. Há pouco, ao passar pela frente de seu quarto, por uma fresta da porta eu vi quando ele pegava um lençol e vestia-se no mais puro estilo romano. Dessa vez não falei, acho que não adianta mais falar. Decidi fazer um desabafo com os senhores, gente de minha época. Reconheço que não compreendo o meu filho. O que será dessa nova geração?



Há muitos anos,
a vida do pessoal
Tornou-se resumida em...



O Coronel e a Duna

Há muitos anos, a vida do coronel Tonião resumia-se em gritar com o gado, apostar em cancha reta e fazer bochincho na zona do meretrício. Proprietário da Fazenda Entrevero, em Soledade, sua última viagem fora há cinco anos, a Passo Fundo, para ser interrogado num processo que respondia pela prática de lesões corporais.

- Agora não se pode mais nem dar uns tapas num droga qualquer que dá uma baita incomodação – queixou-se o coronel. – E não adianta nem ser libertador que o processo sai igual. Então não sei mais pra que ainda existe partido político.

O certo é que não gostava de viajar, o coronel. Nos ônibus, incomodava-se quando fazia um cigarro de palha. Sempre tinha um cola-fina que resmungava por causa da fumaça.

- Inventaram que fumar dá isso e aquilo. Bobagem. Coisa de quem não tem o que fazer. O finado Deodato, que nunca fumou, morreu de nó-nas-tripas. E muito mais novo que eu – justificava-se o coronel para manter o vício.

Por isso, foi com muita dificuldade que sua filha casada conseguiu levá-lo para conhecer a praia.

Lá chegando, o coronel recusou-se a vestir calção.

- Não gosto desses modernismos – alegou.

Assim, de bombacha remangada pelas canelas e alpargatas, o coronel foi levado em direção ao mar.

No caminho, tiveram de passar sobre uma duna.

- Mas que coxilha de areia é esta? – perguntou o coronel.

- É uma duna – respondeu-lhe o genro. – É formada pela areia trazida pelo vento.



O coronel parou, olhou bem para a duna, tirou uma baforada do palheiro, cuspiu para o lado e seguiu despacito, meio inconformado com o trajeto.

Ao ver o mar pela primeira vez, ficou surpreso:

- Mas que baita lagoão. Deve ter muita traíra.

Depois olhou ao redor e ficou ainda mais surpreso ao ver mulheres com roupa de banho, algumas com fio-dental.

- Uma bagaceirice – disse muito sério. – Isso aqui é mais desavergonhado que a casa da Lurdinha, na zona do meretrício de Soledade. E, pelo visto, tem até mulher casada usando essas roupas. Falta de laço.

Mas o que incomodou mesmo o coronel foi a areia. Ocorre que sua bombacha era de gaitinha e fileira de botões nos lados.

- Quando dá um vento de revesgueio, a areia entra nos favos da bombacha e não hai quem tire. Não se pode nem mateá na frente da casa – reclamava. – E a areia vem daí, desse monte do outro lado da rua. Além de soltar areia a todo o instante, esse monte tira a vista do mar e dificulta a ida até lá, pois pra subir e descer aquilo a gente fica com dor nas juntas.

Por isso, dias depois, aproveitando que seu genro e sua filha haviam viajado, o coronel procurou um tratorista e pediu que tirasse a duna da frente da casa. O tratorista ficou na dúvida se aceitava o serviço, dizendo que poderia dar problema. Mas o coronel foi enfático em seu pedido, afirmando que ele – coronel – seria o responsável por tudo. De mais a mais, estava acostumado com enfrentamento. É o que dá colorido à vida, sempre dizia. Além disso, se dispôs a efetuar régio pagamento ao tratorista. Em virtude dessas circunstâncias, o tratorista aceitou a tarefa. E levou o trator até a duna.

Percebendo o movimento, várias pessoas acorreram ao local.

- Quem mandou fazer isso? – perguntou um vizinho.



- Eu, Coronel Tonião. Por quê? Vai me dizer que o senhor gosta desse monte de areia?

- Não se trata de gostar ou não gostar. É que a remoção da duna prejudica o ecossistema.

- Eco o quê?! – perguntou o coronel.

- O ecossistema, a ecologia.

- Frescura – disse o coronel. – Lá em Soledade a gente pode até derrubar um morro inteiro que o mundo continua igual. E isso aqui é só um montinho de areia.

- Mas o senhor ao menos obteve licença da prefeitura para fazer isso?

- Licença coisa nenhuma. Além disso, eu sou coronel. Um coronel não precisa de licença para trocar um monte de areia de lugar.

Sabendo do caso, mulheres integrantes de uma sociedade ecológica interromperam uma reunião e, em trajes de banho, correram até o local. Chegaram agitadas e sem fôlego, todas procurando falar ao mesmo tempo.

- Não falo com essas peladas – vociferou o coronel. – É melhor que se preocupem em vestir uma roupa decente e se dediquem a cuidar do tanque e da cozinha, que é lugar de mulher. Lidar com monte de terra sempre foi coisa de homem.

As mulheres se sentiram ofendidas e passaram a tecer os mais diversos argumentos, ora ecológicos, defendendo a duna, ora feministas, defendendo sua forma de se vestir e abominando a escravidão ao tanque e à cozinha, chamando o coronel de ultrapassado.

Enquanto o bate-boca do coronel com as mulheres se prolongava, o tratorista ia terminando o serviço. Percebendo que a duna não existia mais, desoladas, as mulheres resolveram abandonar o local. Não sem antes dizer mais algumas verdades ao coronel. Este pouco ligou para o que elas disseram, havia passado a ignorá-las.



Quando as autoridades começaram a chegar ao local, tudo já estava consumado. E o coronel, sentado em frente à sua casa, mateava tranquilo no mais, bombeando o lagoão, vendo se enxergava alguma traíra.



A Medida da Vida

Em 1950, alguns meses após a República Popular da China haver invadido o Tibet, surgiu em Ibarama um monge que fugira do país invadido. Porque escolhera Ibarama para morar, ninguém sabia. O certo é que o monge foi ficando, aprendendo a falar português e sobrevivendo de forma monástica – respirando fundo e comendo pouco. Em virtude de sua sabedoria, passou a ser ponto de atração das pessoas mais esclarecidas da sociedade, as quais se reuniam com ele todos os finais de tarde para conversar sobre os mais diversos temas. Houve uma empatia entre os ibaramenses e o monge, tendo este em pouco tempo se tornado muito benquisto entre todos. É certo que os novos amigos cometeram uma gafe com o monge ao homenageá-lo com um churrasco. É que o homem era vegetariano. Mas tudo bem. O episódio hilário serviu apenas para reforçar o relacionamento entre as partes.

Depois de alguns meses, já perfeitamente à vontade em seu novo ambiente, numa reunião com os amigos, o monge abriu um baú de porte médio de onde retirou certa quantidade de trenas, com quinze centímetros de comprimento cada uma, numeradas de um a dez, confeccionadas em tecido resistente, e distribuiu-as aos presentes.

- Usem-nas no pulso – disse-lhes o monge.

Indagado para que serviam as trenas, o tibetano desconversou, não dando maiores explicações. Como os ibaramenses pensaram tratar-se de algo semelhante às fitas do Nosso Senhor do Bom Fim, da Bahia, não insistiram nas perguntas e de bom grado e até por diversão ajeitaram as trenas no pulso.

Com o passar do tempo, foram percebendo que as trenas, estando no pulso, apresentavam uma marcação em azul que mudava de posição. Curiosos, perguntaram ao monge o significado de tal marcação. O tibetano então resolveu explicar-lhes que as trenas serviam para identificar a medida da vida.



- Tudo na vida tem a sua medida adequada – disse ele. – Nem muito bom nem rigoroso demais, nem muito preguiçoso nem viciado em trabalho, nem muito alegre nem sisudo por demasia, nem muito ganancioso nem por demais despretenso. E assim em todos os lugares e em todos os momentos da vida, nas mais mezinhas decisões. Os extremos são habitados por demônios, sempre prontos a praticar os maiores desatinos. Daí que nas trenas, compostas do número um ao dez, o cinco é a medida adequada da vida. Quando a cor azul estiver próxima ao referido número, isso significa que a pessoa está agindo com razoabilidade.

A explicação causou alvoroço entre todos. Alguns acharam interessante possuir uma trena que lhes indicasse a medida adequada das coisas. A maioria, contudo, ficou apreensiva. Os jovens a detestaram. Os insensatos, os néscios e os desonestos de todo o gênero também. Uns poucos usavam a trena apenas quando sabiam estarem tomando decisões adequadas. Quando conscientemente queriam errar, tiravam a trena. O advogado Juvêncio ficou famoso com a prática. Preocupado em demonstrar credibilidade, procurava manter a trena no pulso. E alardeava tal conduta. Mas amiúde, tanto no atendimento às partes como em sua atividade forense, era visto de casaco com mangas demasiado longas, atingindo quase os dedos da mão, escondendo a fita. Algumas mulheres obrigavam os maridos a usar a trena o tempo todo. Mas certos homens somente a usavam na frente da esposa. Quando um homem casado chegava tarde em casa, era comum a mulher pedir para ver a trena. Muitas brigas ocorreram em virtude disso. O pobre do Luizinho, por exemplo, que nem era de fazer sacanagem, teve de ficar três dias fora de casa. Ocorre que havia chegado de madrugada e sem a trena. Havia perdido. Somente depois de achá-la foi permitido que voltasse para casa. Também durante o namoro tornara-se de rigor o uso da trena. Diversos noivados foram desmanchados em virtude dela. Mas o tempo passou, o tibetano morreu durante uma meditação mais profunda, e a maioria das pessoas foi deixando as trenas de lado. Os mais velhos não. Até hoje, em Ibarama, pessoas mais velhas utilizam a trena para saber a medida da vida.



Mentiras Psicológicas

Laurinha andava deprimida, como muitas vezes as mulheres andam. Seriam os filhos? Ora, mas filhos são sempre filhos em qualquer longitude ou latitude. E os de Laurinha são bem normais. Pela manhã, enchem as medidas não querendo levantar para ir à escola. Ao meio-dia, apenas beliscam a comida, dizendo não haver nada de bom para comer. À tarde, brigam com os irmãos. À noite, relutam em ir para a cama, querendo sempre assistir à sessão coruja da televisão. E mãe serve para administrar tais inconformidades. Logo, sua depressão não poderia ser atribuída aos filhos. Seria então Carlos, seu marido? Mas esposos também não são muito diferentes nos diversos pontos cardeais. E Carlos está dentro do padrão aceitável. Joga as roupas em qualquer lugar, pensando que cama é cabide, omite-se na educação dos filhos, prefere ficar quieto ao invés de trocar certas ideias interessantes para a relação, e, à noite, às vezes, chega tarde. Apenas coisas assim. Não, não poderia ser o Carlos.

Então Laurinha chegou à paradoxal conclusão de que estava deprimida por não ter psicóloga. Pode?! Pode, pois todas as amigas de Laurinha tinham psicólogas. E enchiam a boca com isso. Era só minha psicóloga pra cá, minha psicóloga pra lá. Tudo o que pensavam, tudo o que decidiam e tudo o que faziam passava pela psicóloga. Consultavam as psicólogas como antigamente consultavam-se os oráculos. É. Não se limitavam a trazer à psicóloga questões mais ostensivas da área, como medos, traumas, bloqueios e coisas assim, não. Até porque muitas de suas amigas não tinham bloqueios de coisa alguma. Mesmo assim, toda a vez que precisavam tomar uma decisão importante corriam à psicóloga, a fim de trocar ideias. E revelavam o custo das sessões. Um dinheirão. Isso dava status. E um ar de modernidade, é claro. Em virtude disso, Laurinha sentiu-se antiquada. E pobre. Pois não ter psicóloga passara ser coisa de pobre. Daí o desconforto. E foi consultar uma psicóloga: a Elenita; tida e havida por suas amigas como uma das melhores da cidade. Ela é maravilhosa, diziam.



Na primeira consulta, Laurinha estava ansiosa, pois na verdade nem sabia bem qual o propósito de ali se encontrar. Não sabia o que iria dizer. Mas logo que iniciou a consulta, percebeu que, nessa vida, tudo o que não é problema pode ser encarado como tal, dependendo do ângulo pelo qual é visto. Assim, problemas não faltam para uma conversa com psicóloga. E passou a falar, já que pagava para isso. E falou de sua infância, de sua meninice, de suas frustrações e aspirações e dessas coisas que as psicólogas tanto gostam. No final da sessão, Laurinha sentiu-se bem. Falar sem compromisso é coisa bem boa. Concluiu que uma paciente falar com sua psicóloga é a mesma coisa que um jogador de tênis bater bola com seu treinador. É uma ação descompromissada, sem qualquer grau de competição.

Com duas sessões por semana, o tempo foi passando. Os meses. Porém, quanto mais Laurinha falava, mais se apercebia de que, na narrativa de vários episódios de sua vida, na revelação de algumas aspirações ou na conceituação subjetiva de algumas coisas, sempre omitia alguns detalhes. Não conseguia revelar tudo o que sabia ou tudo o que pensava. Tinha constrangimento. Nessas ocasiões, sempre ponderava: imagina o que vai a Elenita pensar de mim se lhe disser isso. Não, certas coisas não se revelam nunca, nem à psicóloga. É uma questão de autoestima, de amor próprio. Tinha consciência de que o ideal seria revelar-se por completo nas consultas. Afinal, a psicóloga era a outra. Com dados completos, a análise de sua personalidade seria mais adequada. Isso daria mais segurança no diagnóstico e terapia. Por isso, em determinadas situações, fazia esforço para revelar-se por completo. Mas não conseguia. Algumas coisas... deixa pra lá. Isso não impedia que ambas conversassem bastante durante a consulta. Laurinha falava, e Elenita fazia a devida interpretação psicológica. Procurava utilizar-se da terapia analítica, a fim de tornar conscientes os conteúdos inconscientes, e da terapia cognitiva, para que a paciente enxergasse a si mesma de forma positiva. Essas coisas aí. Mas tinha muitas dúvidas, a psicóloga Elenita. Deus do céu, como tinha dúvidas. Cada conduta, cada pensamento podem ter diversas causas. Um verdadeiro mar de hipóteses, algumas sequer imaginadas. Seria caso de repressão ou de sublimação ou de transposição ou de projeção ou sei lá que tanta outra causa pode haver. E conclusão com base em qualquer uma dessas causas



pode estar errada. Mas não é isso que a paciente quer ouvir. A paciente não veio ao consultório para voltar com mais dúvidas do que quando entrou. Por isso, durante a consulta, agasalhada por indícios trazidos pela paciente, Elenita escolhia uma das hipóteses que lhe ocorria, jogava de maneira magistral com todas as premissas e sempre chegava a conclusões perfeitamente razoáveis. Lógicas. Tudo isso com muita determinação, como se dúvida alguma tivesse. E a paciente ficava embevecida. Por certo é isso, pensava. E assim, em proporções que variavam de acordo com as circunstâncias, mentindo uma para a outra, Laurinha e Elenita mantinham excelente relacionamento profissional.



Era uma vez
uma terra onde
todos os habitantes
consumiam...



O Mártir

Era uma vez uma terra onde todos os habitantes consumiam muita gordura animal. Faziam um preparado chamado churrasco, o qual consistia em assar a carne de gado na brasa. E comiam aquilo, lambuzando-se todos. Ingeriam também outros tipos de gordura, como queijos amarelos, leite integral, feijoada, mocotó, frituras e coisas assim. Habitante do local, ao chegar à idade adulta, Vicente Augustus dedicou-se ao estudo da alimentação e concluiu que a dieta de seus conterrâneos estava completamente errada. Não apenas pelo excesso de gordura saturada, mas de açúcar branco, sal e farinha refinados, alimentos industrializados, etc. E passou a pregar uma alimentação mais saudável. Reuniu parentes e amigos em sua casa e efetuou preleções sobre alimentação, tudo regado a canapés light. A receptividade às suas ideias não foi muito grande. Mesmo assim ele entusiasmou-se e resolveu doutrinar o maior número possível de pessoas. Tratou de frequentar restaurantes, onde distribuía panfletos com informações úteis para uma dieta saudável. Com muito jeito, sentava-se à mesa junto a comensais desconhecidos, fazendo crítica aos alimentos que estes estavam ingerindo. No início era sutil, falando genericamente sobre as propriedades de cada alimento. Depois sempre se entusiasmava e chegava a apontar com o dedo para o prato do outro, fazendo esclarecimentos sobre a percentagem de gordura saturada e colesterol que continha cada tipo de alimento. Alguns aceitavam de bom grado suas observações. A maioria, contudo, detestava. Não foram poucos os casos em que frequentadores de restaurantes pediram que Vicente Augustus se retirasse da mesa e os deixassem efetuar em paz sua refeição. Com o tempo, ficou conhecido em diversos restaurantes por vários apelidos, como “o chato da alimentação”, “o doutrinador indigesto”, entre outros. Alguns proprietários de restaurantes chegaram a tentar barrar sua entrada.

- Não há quem aguente a tua chatice - disse-lhe um uruguaio, gerente de um restaurante especializado em parrillada, um dos lugares mais visitados pelo doutrinador alimentar.



- Não faz mal - respondeu Vicente Augustus. - Qualquer pessoa tem o direito constitucional de ser chato. - E acrescentou: - Mas essas coisas que são servidas neste restaurante sim é que deveriam ser proibidas, não apenas pela Constituição, mas pela carta das Nações Unidas. Você, uruguaio, é um assassino da saúde! - concluiu.

Quase foram ao desforço físico.

Não estava sendo nada fácil a missão de Vicente Augustus. Foram muitas as situações humilhantes pelas quais passou, sendo zombado, xingado e hostilizado. Mas foi sempre em frente. E cada vez mais determinado. Decidiu também frequentar os churrascos das terças-feiras em seu clube. Não para comer, evidentemente. Mas para doutrinar os integrantes de referida confraria. O grupo era constituído de pessoas alegres e afáveis. Nesses churrascos havia carne de gado, de ovelha, de porco, salsichão e pão. E só. Saladas não eram admitidas.

- Isso é coisa de fresco - diziam eles. - Macho come carne gorda e sangrenta. E toma muita cerveja.

Ante tal quadro, a presença doutrinadora de Vicente Augustus tornou-se uma aberração. Um verdadeiro sacrilégio, conforme os mais fanáticos da culinária carnívora. Apesar de o tratamento pouco amistoso em referido ambiente, Vicente Augustus não deixava de comparecer. Era sua missão, pensava. Estava convencido de que viera à Terra para melhorar a dieta da humanidade. Com o passar das semanas, a situação tornou-se insuportável. Os integrantes da confraria já não aguentavam mais a presença inconveniente de Vicente Augustus, sempre com suas críticas. E, numa terça-feira, depois de muita bebedeira, alguns deles pegaram Vicente Augustus e o jogaram com roupa e tudo na piscina. Dando risadas, os agressores voltaram para o local do churrasco. Ninguém se preocupou em saber se Vicente Augustus sabia ou não nadar. E ele não sabia.

O caso nunca ficou bem esclarecido. Mas Vicente Augustus era teimoso até depois da morte. Transformado em fantasma, continuou a infernizar a vida daqueles que se alimentavam mal. Postava-se na casa do ser humano indisciplinado



e produzia assustadora movimentação durante a noite, arrastando correntes, dando uivos alucinantes e até aparecendo de surpresa atrás das portas, fazendo “Buh”. Tinha predileção pelos gordinhos, fazendo-os se sacolejarem para que perdessem algumas calorias. Ninguém mais tinha liberdade para escolher seus alimentos. Se alguém trouxesse para casa algum alimento que Vicente Augustus em vida condenara, podia ter certeza que à noite seu fantasma apareceria. Passou a ser conhecido como o fantasma mais chato do mundo.



Uma tarde
fria e ventosa,
de inverno, o parque
cheia de vida.



O Túnel do Terror

Numa tarde fria e ventosa de inverno, o parque chegou à cidade. O equipamento veio transportado em caminhões velhos e barulhentos, os quais estacionaram numa área gramada pertencente à Prefeitura e destinada a esses eventos. Em pouco tempo, passaram a ser montadas as estruturas para jogos e brinquedos, tudo em cores fortes, chamando a atenção. Havia carrossel, roda gigante, barquinhos suspensos, jogo de argolas, tiro ao alvo, sala dos espelhos e túnel do terror. A criançada que morava nos arredores acompanhou com interesse a montagem do parque, infiltrando-se entre os trabalhadores e indagando sobre a função de cada equipamento. Acostumado no trato com crianças, o administrador do parque respondia com paciência a todas as indagações. Mas quando uma criança lhe perguntou o que continha o túnel do terror, o administrador simplesmente respondeu tratar-se de brinquedo apenas para adultos. E não quis dar maiores informações.

Enquanto o parque estava sendo montado, seu proprietário, aficionado por xadrez, procurava alguém na cidade que gostasse desse tipo de jogo. Logo lhe indicaram o seu Ernesto. Os dois encontraram-se no clube da cidade. Mal se cumprimentaram e já partiram para o tabuleiro. Seu Ernesto iniciou os movimentos das peças com a abertura Ruy Lopes, e o proprietário do parque optou pela defesa Philidor. Após os primeiros lances, ambos perceberam que no outro lado do tabuleiro havia um adversário de respeito. E passaram a redobrar os cuidados. Principalmente o seu Ernesto, que não tinha adversário à altura na cidade. Sempre ganhava de todos. E agora aparecia um proprietário de parque complicando a sua vida. Percebeu que sua reputação estava sendo ameaçada. Como não haviam combinado tempo para encerrar o jogo, seu Ernesto passou a demorar cada vez mais no movimento das peças, um minuto, três minutos, dez minutos e muito mais. O jogo havia começado às quinze horas e às vinte e uma horas estavam apenas nos movimentos iniciais. O proprietário do parque nunca havia participado de um jogo com tanta demora. Mas manteve a paciência e o bom humor. Afinal, jogar xadrez



era uma das coisas de que mais gostava na vida. Que demorasse, então. Em virtude de o jogo ocorrer no recinto de um clube, o episódio logo foi se tornando público. Em pouco tempo, havia um aglomerado de pessoas ao redor do tabuleiro. Pessoas que às vezes saíam e voltavam mais tarde, já que seu Ernesto estava demorando daquele jeito. O certo é que logo se espalhou a notícia de que seu Ernesto encontrara um adversário de respeito.

Enquanto seu Ernesto pensava, o proprietário do parque levantava-se, caminhava pelo recinto do clube, conversava com as outras pessoas, tomava cerveja com elas. E falava. Gostava de falar. Dizia possuir acentuada sintonia com as peças de xadrez que lhe eram destinadas. Se brancas, com as brancas. Se pretas, com as pretas. Que gostava muito de jogar com a vida dos peões, cavalos, bispos, rei, rainha e torres. E, depois de algumas cervejas, confessou não ter dúvidas de que as peças do jogo achavam que tinham vida própria. Que podiam escolher o seu destino. O rei, por exemplo, disse, acha que manda no tabuleiro. Isso porque todas as peças da mesma cor estão sempre a protegê-lo. Bobagem. Manda nada. O rei é ostensivamente mandado pela rainha, que faz gato e sapato dele. E mais, enquanto ela gosta de passear por todo o tabuleiro, sabe-se lá fazendo o que, ele, o rei, fica confinado em seu canto. Mas a poderosa rainha também é manipulada. E como. Por quem? Pelos bispos, é claro. Os clérigos usam o poder divino para viver bem e fazer a cabeça da rainha, no mais das vezes, criando ou simplesmente dando o curso que lhes convêm a intrigas palacianas. Já os peões dirigem-se placidamente para a morte apenas para proteger o rei e a aristocracia que os acompanha na linha de trás. Os peões foram criados para isso, coitados. Com medo ou não, são obrigados a efetuar o primeiro combate, morrendo logo para que os outros vivam um pouco mais. As torres, essas gorduchas, estão sempre tentando emagrecer. Já usaram todas as dietas da moda. Mas, participando de festas palacianas, jamais conseguiram diminuir a circunferência abdominal. Em virtude de seu peso, são sempre as últimas a se mover. Os cavalos, por sua vez, são os heróis sem cérebro. Com uma coragem desmedida, estão sempre dispostos a atos desconcertantes, pulando no meio dos adversários e amiúde ficando cercados, em posição insustentável. Aí são abatidos. Mas, convictos de que estão cumprindo seu dever, morrem relinchando de prazer, os abobados. E essas peças acham



que detêm o livre arbítrio, insistiu o forasteiro. Detêm nada. São simplesmente manipuladas pela mão.

Os companheiros de copo acharam um pouco estranhas as ponderações do proprietário do parque. Nunca tinham ouvido falar sobre livre-arbítrio ou não de peças de jogo de xadrez. Pareceu-lhes um assunto muito doido. Mas, como já haviam tomado várias cervejas, e como o visitante demonstrava ser uma pessoa simpática e possuir certo carisma, pouca resistência ofereceram à sua tese. Que fosse livre- arbítrio, determinismo, manipulação ou qualquer outra coisa. Àquela altura da bebedeira, qualquer tese poderia encontrar terreno na confusão mental da maioria dos presentes. Porém, ninguém aderiu à hipótese levantada por Liminha, que sempre tomava duas cervejas no tempo em que os outros tomavam apenas uma. Disse ele que a carga genética das peças de xadrez talvez fosse predominante no destino de um jogo. Peças de xadrez não possuem genes, Liminha, disseram todos.

Por volta da meia-noite, os enxadristas suspenderam a partida para que fosse continuada no outro dia. O tabuleiro com o jogo posto ficou guardado com o ecônomo do clube.

No outro dia, pela tarde, reiniciaram o jogo. O número de pessoas que se aglomerava ao redor do tabuleiro havia aumentado. Uma grande partida, diziam. Um momento histórico para a cidade. E aumentava também o tempo que o seu Ernesto utilizava para cada movimento de peça. Por volta das dezoito horas, o jogador visitante pediu licença para se retirar, o parque iria iniciar suas atividades, precisava estar presente. E convidou a todos que também comparecessem, se quisessem. A maioria aderiu ao convite, inclusive o seu Ernesto. Lá chegando, o proprietário do parque mostrou a seus novos amigos as diversas atrações existentes em seu estabelecimento. Quando chegaram ao túnel do terror, ele franqueou uma volta a seus acompanhantes. Alegres, lá se foram todos para dentro do trenzinho. O seu Ernesto sentou-se no primeiro banco. Ninguém tinha a mínima ideia do que encontraria no caminho. Mas imaginavam encontrar esqueletos, monstros e fantasmas. E davam risadas.

Quando o trenzinho ingressou no túnel, surgiram luzes estranhas que acendiam e apagavam, deixando o ambiente algum



tempo em total escuridão. Na primeira curva, num nicho entre pedras com musgos, surgiu repentinamente o aventureiro, pessoa que não se contenta com a tranquilidade e está sempre à procura de novas emoções. Ao perceber a presença do trem, impaciente o aventureiro agarrou-se à janela e, quase caindo, sugeriu que o maquinista aumentasse a velocidade até o máximo, para ver o que aconteceria, pois nessa velocidade, disse o aventureiro, a viagem deve estar um tédio. Assustados com a posição perigosa em que estava o aventureiro, os passageiros do trem pararam-se a gritar com o maquinista, que ao invés de aumentar a velocidade da máquina a diminuiu; quem sabe até parasse, para que esse louco não se arrebetasse. “Ah, meu Deus - disse o aventureiro - que pessoal mais sem graça”. E resolveu voltar para seu nicho, onde demonstrou que na verdade sua ânsia por aventura não passava de uma desesperada busca pela paz que os tranquilos já possuem. Ao perceberem tal circunstância, os viajantes ficaram penalizados pela sorte do aventureiro.

Deixando a primeira curva para trás, os viajantes avançaram e se depararam com o segundo nicho, onde surgiu a pessoa bondosa que utiliza todo o engenho e arte para agradar a terceiros. O bondoso ofereceu balas para os passageiros do trem, ajeitou suas roupas, amarrou o cadarço do sapato de um deles, sempre perguntando como poderia lhes ser mais útil. Chegou a ser chato, o bondoso. Mas, em seguida, surgiu sua mãe, que o havia rejeitado quando ele era pequeno e com tal conduta o condenara a passar o resto da vida a agradar a toda a humanidade, na tentativa inconsciente de conquistar a afeição materna. Aparentava estar um pouco desconfortável, a mãe do bondoso, deixando transparecer que preferiria não estar junto aos passageiros do trem. Mas, como mãe é mãe, mesmo com seus defeitos, sentiu-se na obrigação de acompanhar o filho. Depois de muito chatear os passageiros com excessos de amabilidade e percebendo que o grupo começava a ficar impaciente com suas bondades, o bondoso e sua mãe voltaram para seu nicho. Todos se sentiram aliviados.

No terceiro nicho, depararam-se com o grande líder. Era uma pessoa de presença marcante e fácil comunicação. De forma desinibida, cumprimentou individualmente a todos os passageiros do trem, chamando cada um pelo nome, e colocou-se à disposição



para auxiliar a resolver qualquer problema que surgisse, tanto na viagem como na vida em geral, dando o número do telefone de seu assessor. Era envolvente e sedutor, o grande líder, dizendo para cada um dos viajantes o que eles queriam ouvir, mesmo que fosse a maior insensatez. No entanto, passado o primeiro impacto, os viajantes foram aos poucos percebendo que o grande líder não era a pessoa mais profunda e muito menos mais sincera dentre os presentes e, sim, a que possuía a maior capacidade de dissimular e de tirar proveito das oportunidades. Depois de concluída sua apresentação, dizendo que apenas deixava a agradável companhia dos novos amigos em virtude de compromisso inadiável, o grande líder voltou para seu lugar. Nesse momento, o nicho passou a demonstrar com tanta nitidez o verdadeiro caráter do grande líder que os viajantes seguiram desapontados.

No quinto nicho, apareceu o político de extrema esquerda. Estava com a barba por fazer e as roupas um tanto desalinhadas. Ao notar a aproximação do trenzinho, o ativista começou a discursar contra o proprietário do parque, o prefeito municipal, o governador do Estado, o presidente da República, o sistema econômico e o status quo, propondo radicais transformações em tudo o que existia no mundo. Sugeriu inclusive que os passageiros se rebelassem contra o maquinista do trem e lhe tomassem o lugar. No fundo do nicho, os viajantes perceberam a imagem do pai do extremista, que na verdade seria inconscientemente o objeto da hostilidade deste, devido ao complexo de Édipo. Agressividade essa deslocada para as autoridades em geral. O pai do ativista estava lá, no nicho, tomando café com pão e manteiga. Inconformado com a falta de apoio às suas ideias, esbravejando, o ativista voltou para seu nicho. E por lá ficou, insatisfeito de apenas ficar.

Ao término do passeio, os passageiros já não tinham a alegria do início. Saíram do trenzinho todos sérios, quietos, sem trocar uma só palavra. Consciente de que a festa havia terminado, o proprietário do parque não insistiu para que seus novos amigos ainda permanecessem por ali. Despediu-se com brevidade e observou que o grupo, ao chegar à rua, dispersou-se, indo cada um para um lado.



No outro dia, na hora estipulada para o seguimento da partida de xadrez, lá se encontraram os adversários. Em pouco tempo, os espectadores também começaram a aparecer. Vinham devagar, iam-se colocando nos cantos, predominando ainda o silêncio. Foram necessárias algumas horas para o clima aos poucos voltar ao normal, com descontração. Mas o seu Ernesto continuava embromando nos lances. Cada vez mais. Passou a efetuar poucos lances por dia. E quanto mais demorava, mais expectativa criava em toda a cidade. Sem dúvida um episódio digno de entrar para a história do município, todos diziam. Os dias se passaram, e nada de o jogo sequer definir-se. Duas semanas depois, o parque foi desmontado e levado para outra localidade. Mas, em virtude do jogo, o proprietário do parque permaneceu na cidade. Nunca se deixa uma partida de xadrez sem terminar; é como se uma vida nunca terminasse, disse ele. E assim passaram-se mais dez dias. O jogo agora estava bem adiantado e rigorosamente equilibrado. Dificilmente poderia haver um vencedor. Os contendores deram então o jogo por empatado, para frustração de alguns e aplauso de todos. O proprietário do parque despediu-se. Foi embora cuidar de sua atividade e procurar outros adversários de xadrez. O seu Ernesto permaneceu consolado. Não havia ganho o jogo, mas tampouco o havia perdido. Havia mantido sua reputação. O certo é que, depois de haverem andado no túnel do terror, o jogo de xadrez nunca mais foi o mesmo para seu Ernesto e seus amigos. Uma mão manipula as peças, ficaram para sempre pensando.



Susete

Susete era uma mulher bonita. Ah, sim. Susete era muito bonita. Susete também era uma mulher inteligente, dava gosto conversar com ela, trocar ideias. Era independente, fora aprovada em concurso difícil e obtivera um ótimo emprego. Era bem humorada, pessoa de convívio muito agradável. Era moderna, dominava tanto a forma de utilizar os talheres num restaurante, como a ciência atual e a tecnologia. Era autoconfiante, dificilmente precisava de outra pessoa para tomar decisões. Era dona de si, ninguém mandava nela. Susete era, portanto, uma mulher moderna, bonita, independente, inteligente, bem humorada, autoconfiante, poderosa, dona de si e dona do mundo. Era a tal. E, neste confortável estado de espírito, de nariz arrebitado, dirigia seu automóvel último tipo - desses altinhos, para ver a humanidade de cima -, quando percebeu uma barata sobre o espelho retrovisor interno do motorista. A barata estava, portanto, a poucos centímetros de sua cabeça. “Meu Deus, uma barata!” Apesar da abrupta acelerada na pulsação, Susete teve o controle suficiente para estacionar o veículo junto à calçada. Mal o automóvel parou, ela saltou para fora. O que fazer? Ainda com o coração aos pulos, apanhou o telefone celular e ligou para sua empregada, “Pegue o inseticida e venha de táxi até à Nilo Peçanha, junto ao União, preciso matar uma barata que está dentro de meu automóvel.”

Percebendo que havia um automóvel com a porta do motorista aberta, e que uma moça bonita estava de celular na mão junto a ele, um guarda de trânsito que se encontrava na mesma quadra aproximou-se para ver o que havia, se podia ser útil.

- Uma barata – disse a moça.

- Ah, deixa pra mim – disse o guarda. - Apenas preciso de algum objeto para bater na barata. A senhorita me empresta sua bolsa?

- Ah, a bolsa não. A bolsa é Louis Vuitton.



Nesse meio tempo, em virtude de haver um automóvel parado com a porta aberta, um guarda de trânsito agitado e uma moça bonita segurando sua bolsa, estacionou junto uma viatura da Brigada Militar. Seus dois integrantes desceram e perguntaram o que estava havendo.

- Uma barata – disse Susete.

Apesar de se tratar de apenas uma barata, o certo é que uma ocorrência policial junto a uma moça bonita nunca deve ser desprezada, e os soldados juntaram-se ao guarda de trânsito, e os três entraram no carro atrás da barata. O guarda estava com seu sapato na mão. Os soldados não tinham objeto algum.

- Usem o quepe – disse Susete.

- O quepe não. Sujar o quepe é crime militar – disse um dos soldados.

Procura pra cá, procura pra lá, nada da barata. Não a encontraram. Foi quando a empregada chegou de táxi, trazendo um tubo de inseticida na mão. A própria serviçal tratou de espargir inseticida dentro do carro. Dando sua missão por cumprida, a contragosto os soldados e o guarda de trânsito despediram-se da moça e foram embora. Após o uso do inseticida, Susete pediu que a empregada olhasse bem para ver se a barata havia morrido. A empregada vasculhou o interior do automóvel e não encontrou o inseto.

- Deve estar morta em algum lugar, dona Susete – disse a empregada.

- Não posso ter certeza disso. Baratas são insetos muito resistentes e longevos. Existem desde o tempo dos dinossauros. E consta que vão continuar existindo após a extinção da humanidade – disse Susete.

A barata poderia estar viva. Mas Susete era inteligente. Ligou para a seguradora e, usando estratégias variadas, conseguiu fazer com que o carro fosse rebocado até sua casa. Ela não iria entrar novamente num veículo onde estava uma barata, sabe como é, esses insetos têm duzentos milhões de anos, não morrem com



facilidade. Então, comprou outro carro. Podia, tinha dinheiro. Saiu da revenda com um automóvel novo, nariz para cima, sentindo-se novamente a dona do mundo.



O Padre Castilhos
era um religioso
fanático.



A Teoria da Fofoca

O padre Castilhos era um religioso fanático. Rezava o breviário cotidianamente e tinha os joelhos comprometidos pelo excesso de genuflexões. Ajoelhava-se várias vezes por dia e em diversos lugares. Com o tempo, a cartilagem dos joelhos cobrou seu preço. Seu médico receitou-lhe anti-inflamatório e sugeriu que ele diminuísse drasticamente as genuflexões diárias. Debalde. O padre aderiu ao consumo de anti-inflamatório, mas continuou a ajoelhar-se com a mesma intensidade.

- É uma provação - dizia ele a todos. - Deus quer ver até que ponto lhe sou fiel. Pois fico sem joelhos, mas não deixo de me ajoelhar.

Assim era o padre Castilhos. Desde que fora ordenado padre, apresentara postura estoica e inflexível. E, com o passar dos anos, seu fanatismo religioso aumentara muito. Tanto que passara a ter preocupação permanente com seu rebanho de fiéis. Procurava inteirar-se de quem havia deixado de frequentar a igreja ou quem estava cometendo algum deslize e ia ao encontro de sua ovelha, na tentativa de resgatá-la. No encontro com o fiel desgarrado, orientava-o com um sermão particular e, conforme as circunstâncias, passava a destratar-lo e a ameaçá-lo com os piores castigos divinos. Com tal postura, incutira temor em todos os paroquianos.

Naquela manhã de domingo, o padre Castilhos havia se levantado mais raivoso que de costume. Durante a missa, do alto do púlpito, ergueu sua voz esganiçada e ameaçou com o fogo do inferno aqueles que faziam fofoca na cidade. Tudo em virtude de um diz-que-diz envolvendo um coroinha e uma serviçal da casa canônica. Com gestos enfáticos e apressados, o padre Castilhos desfilou gama imensa de adjetivos contra os fofoqueiros da cidade, chamando-os, entre outras coisas, de alcoviteiros, arengueiros, bisbilhoteiros, boquirrotos, futriqueiros, intrigantes, lambetas, mexeriqueiros e novidadeiros. O insólito sermão causou alvoroço entre os fiéis. Ao término da missa, não se falava outra coisa que não



fosse o caso envolvendo o coroinha e a serviçal da casa canônica. Quem nada sabia sobre isso, tratou de se informar a respeito. O suposto envolvimento, que até então era de conhecimento de poucas pessoas, ganhou muito em publicidade. Mas os adjetivos citados pelo padre no púlpito também ganharam relevância. Uma mulher disse ser apenas novidadeira, jamais boquirrota. Alegou ela que contava novidades, sim, mas sempre mantinha certa classe. Outra pessoa reconheceu ser futriqueiro, mas não intrigante. E por aí foram as conversas, as pessoas procurando estabelecer alguma hierarquia entre os adjetivos. O certo é que a advertência do padre contra os fofoqueiros tomou conta da cidade.

Tobias, mais conhecido por Traguinho – que nunca ia à missa – ficou sabendo do virulento sermão do padre numa mesa de bar. Decidiu reagir. Organizou um churrasco em sua casa para o qual, após minuciosa análise, convidou a fina flor dos linguarudos da cidade: o cabeleireiro Lindolfo, a solteirona dona Genoveva, o Zé Mentira e o taxista Osvaldo. A carne ainda estava sendo colocada nos espetos, e esse seletivo grupo já debatia ardorosamente as palavras do padre Castilhos contra as fofocas. Um absurdo, todos concordaram. O cabeleireiro Lindolfo era o mais indignado:

- Ora já se viu proibir fofoca – disse ele. – Quem possui essa posição não entende da psicologia humana. A fofoca é uma catarse. Falar mal dos outros é uma forma indireta de se elogiar. É como se disséssemos: eu não faço essas coisas que critico nos outros. Logo, tenho mais virtudes que o fofoqueado. Guardando as devidas proporções, no momento da fofoca, o fofoqueiro poussa de herói e transforma o fofoqueado em vilão. Tal prática aumenta a autoestima e conseqüentemente as defesas imunológicas. Uma pesquisa científica por certo concluiria que os fofoqueiros vivem mais do que as pessoas que não fazem fofoca. A fofoca é, portanto, uma questão de saúde pública – concluiu, numa desmunhecada muito a seu gosto.

- Saúde física e mental – interveio o taxista Osvaldo. – Ao praticar uma caminhada, por exemplo, se a pessoa estiver acompanhada de outra e aproveitarem para falar mal de uma terceira, o tempo passa muito mais ligeiro. E, quanto mais picante



a fofoca, mais prazerosa a caminhada.

- E tem o aspecto artístico – disse o Zé Mentira. – A fofoca é uma arte. É a arte de falar mal de quem está ausente. Esta é a essência da fofoca. Falar mal de quem está presente não é arte: é grosseria. E, considerando que a arte é uma criação humana, a fofoca não necessita obrigatoriamente corresponder à verdade. Pode e deve ser trabalhada a fim de se tornar mais interessante.

- É o fascínio da vida – disse dona Genoveva, que até então permanecera em silêncio. – Um dos momentos mais deliciosos da existência é quando uma amiga chega para outra e diz, “Menina, nem te conto nada. Imagina o que eu fiquei sabendo...” E por aí vai. É melhor que sexo. – Surpresa com a própria observação, após certo constrangimento, ignorando o sorriso malicioso dos demais, recompôs-se e continuou: - É possível imaginar-se uma sociedade sem fofoca? – indagou. – Sem que ninguém fale mal de terceiros? Sem haver a mínima crítica sobre a conduta de nossas amigas, nossas cunhadas ou nossas vizinhas? Da Lurdes, por exemplo. É possível alguém não falar mal da sem-vergonha da Lurdes? Quando indagada sobre a Lurdes, ficar em silêncio, apenas olhando as paredes ou desviar a conversa para outro assunto? Hã? Que coisa mais sem graça seria. A vida sem fofoca é um filme em preto-e-branco. A fofoca é que dá colorido à vida.

- Só os hipócritas não fazem fofoca – disse Traguinho. – Toda pessoa tem vontade de falar mal de terceiros. Se não falar, não está sendo sincera, autêntica. Como se vê, não se pode confiar em quem não faz fofoca. Essas pessoas contidas que nunca falam mal de ninguém, abra o olho com elas. – Depois de uma pausa para um gole de uísque, continuou: - A fofoca tem ainda outra utilidade. Normalmente as conversas giram em torno de ideias, de acontecimento ou de pessoas. As duas primeiras hipóteses muitas vezes causam desarmonia, com os interlocutores em posições opostas. A terceira não. Falar mal dos outros deixa os interlocutores mais unidos. É uma forma de cumplicidade, de aproximação entre as pessoas. A fofoca, portanto, auxilia na paz social.

No seguimento dos debates, concluíram que, se a orientação do padre Castilhos fosse seguida, com a eliminação



da fofoca, a sociedade ficaria irremediavelmente doente, com consequências inimagináveis. Em defesa da humanidade, resolveram criar a Associação dos Defensores da Fofoca - ADF -, com o Traguinho de presidente. Uma das primeiras providências seria a realização de palestras em cafés, institutos de beleza, chás beneficentes e coquetéis, defendendo a prática da fofoca. Outra, a confecção de decalques e camisetas com a frase: a fofoca faz bem à saúde.



O Congresso

O clima estava tenso. Pela primeira vez na história, os genes do homem realizavam um congresso extraordinário, e não de mil em mil anos como sempre ocorrera. Dessa vez, sequer havia a pompa característica de outras oportunidades. Dada a natureza do assunto de que tratariam, a convocação fora às pressas. Os parlamentares acorreram maciçamente, estando presentes as três correntes ideológicas universais, constituídas pelo Partido Moderado, Partido Progressista e Partido Conservador. Com partidos assim, ficavam agasalhadas todas as tendências, desde o mais acatado dos sábios até o doido mais varrido. O sistema de governo era parlamentarista. Os progressistas estavam no poder, em coligação com os moderados.

Quando o presidente do congresso acionou a campanha, dando início aos trabalhos, houve acentuado silêncio no ambiente. Os congressistas que ainda estavam de pé rapidamente procuraram seus assentos. Estavam todos visivelmente assustados. O presidente então definiu o tema da reunião.

- O momento é muito grave, senhores congressistas. Seguramente o mais grave de toda a história genética da humanidade. Como todos ficaram cientes por ocasião da convocação desta assembleia extraordinária, o homem está tentando manipular seus próprios genes, que somos nós. Vejam os senhores até onde a coisa foi parar.

Repetindo o que sempre acontecia em todos os congressos, o líder do Partido Conservador, um gene magro, alto e com gestos nervosos, mas muito bem articulado, foi o primeiro a pedir a palavra. E, como fazia há milhões de anos, antes de falar, desferiu três socos na tribuna, para melhor chamar a atenção.

- Muito bem, senhores progressistas. Os senhores estão há apenas cinquenta mil anos no poder e vejam o estrago que causaram. E não foi por falta de aviso. Durante todo esse tempo, vínhamos alertando que a inteligência do homem estava evoluindo com excesso de rapidez. O homem ainda não se encontrava



preparado para isso. Quando ele se tornou um predador insaciável, com aptidões bem acima da dos outros seres vivos, muitos aqui acharam bonito e até ficaram orgulhosos. Tal conduta do homem, na verdade, era um sinal de que algo estava errado, como vínhamos alertando. Apesar de tais evidências, nunca fomos ouvidos. Aguentamos as mais diversas ofensas, e o insulto menos grave dirigido a nós era a palavra retrógrado. Genes retrógrados e ultrapassados. Durante milhares de anos tivemos de conviver com tais assacardilhas. E agora, senhores progressistas? E agora, senhores moderados, que apenas por fisiologismo integram o governo? Hã? Ora já se viu o homem tentar nos manipular. É muita prepotência. Vamos mostrar ao homem quem de fato manda nele. O homem é o que nós quisermos que ele seja. O organismo não passa de um instrumento dos genes. A finalidade do organismo é apenas viver e reproduzir-se para garantir a descendência genética. Não é por nada que os genes dotam o organismo de intensa vontade sexual e nenhum conhecimento do objetivo da vida. E, levantando os braços num gesto teatral, encerrou seu discurso com a seguinte exaltação: - Mais do que nunca, em toda a história da evolução, fazem-se necessárias urgentes medidas conservadoras, a fim de se estancar o mal que se aproxima.

Outros congressistas, todos do Partido Conservador, fizeram discursos assemelhados. O silêncio no plenário continuava. Não havia os costumeiros apartes, as brincadeiras, as observações espirituosas que sempre caracterizaram as assembleias dos genes. E, pela primeira vez, durante milhões de anos, os progressistas sequer pediram a palavra.

Em virtude de tais acontecimentos, caiu o gabinete.

Após rápidas conversações, envolvendo troca de favores e distribuição de cargos, em coligação com os moderados, os conservadores tomaram o poder, sendo designado o seu líder para primeiro-ministro.

Na primeira reunião do novo gabinete, decidiu-se tomar medidas drásticas e urgentes para reverter a trágica ameaça oriunda do organismo.

Satisfeito, o primeiro-ministro esfregou as mãos.



O Reino das Esculturas

Grande parte das mães tem a mania de ficar cuidando de todos os passos dos filhos. Principalmente quando se trata de filho único. Era o caso de Margot. Não dava descanso para seu filho Vinícius. O menino já estava com doze anos, e ela queria fiscalizar todos os seus passos, aonde ia, com quem ia, o que ia fazer. Margot chegou até a determinar que um serviçal espionasse seu filho. Podia. Tinha condições financeiras para isso, pois era integrante da corte, prima do rei. Ocorre que seu marido, o conde Maurício, ao saber de referida espionagem, não ficou nada satisfeito. Mas manteve a calma. Marido paciente e experiente que era, para não se incomodar com a esposa - que não era fácil de lidar -, ele subornou o serviçal, a fim de que o mesmo fizesse vistas grossas para as artes do filho.

- Sabe como é, seu Gaspar - disse o conde para o serviçal.
- O Vinícius precisa de um pouco de ar. Um pouco de liberdade. Faça de conta que cuida. Mas na maior parte do tempo, fique longe dele, deixe-o em paz, com seus amigos.

Não podia haver conselho melhor para o Gaspar, que era muito mais inclinado a confraternizar em tavernas que a seguir filho de patroa. E não perdeu tempo. Incentivado pelo conde, o serviçal explicitamente traiu sua patroa, comunicando ao próprio Vinícius a existência de sua missão. Inicialmente, o menino ficou indignado com sua mãe, parecia-lhe a gota d'água, pois nunca tivera liberdade de ação e agora, isso. Esboçou tentativa de revolta, mas foi acalmado pelo serviçal. Esperto e manhoso, Gaspar convenceu Vinícius a colaborar com uma simulação de espionagem. E assim foi feito. Após o meio-dia, Gaspar saía junto com Vinícius, deixava-o na companhia dos amigos e ia para alguma taverna, onde passava a tarde bebendo e jogando dados. No fim do dia, os dois encontravam-se novamente e voltavam juntos para casa. Margot ficava satisfeita. O conde, o filho e o serviçal também.

A situação confortável durou até a chegada do mestre em escultura. O cotidiano de Vinícius iria se transformar, com



intermináveis aulas sobre modelagem, desbaste de sólidos, utilização de cinzéis e coisas do gênero. Não era a primeira vez que Vinícius tinha aulas de escultura. Era a sétima vez. Sempre com mestres diferentes. Os mestres eram contratados, ficavam alguns meses lecionando e culminavam sendo dispensados por Margot. Ela não conseguia perceber progresso algum nas habilidades do filho e sempre culpava o despreparo dos mestres pela situação. Após o término das aulas com o sexto mestre, Margot ficou indignada e perguntou para seus familiares:

- Será que não existe nenhum mestre competente neste reino?

Ante o silêncio dos presentes, ela decidiu:

- Então vamos contratar um mestre estrangeiro.

Foi assim que chegou o mestre Licínio, de Milão. Fora contratado a peso de ouro, pois tinha muito prestígio. Causou ótima impressão em todos, demonstrando ser homem simples e simpático, sem a megalomania que comumente dominava mestres em escultura. Mas era disciplinador. Exigia cumprimento rígido da carga horária e aulas em dois turnos. E a vida de Vinícius mudou muito. Já não tinha quase tempo para encontrar-se com os amigos, brincar, ter uma vida comum. Fora submetido a um curso intensivo de modelagem de esculturas. Margot ficou muito satisfeita com o novo mestre.

- Agora sim - dizia ela - Vinícius vai evoluir.

Sem que o menino percebesse, ficava bisbilhotando os ensinamentos por uma fresta de uma peça contígua à sala de aula. E amiúde falava com o mestre, queixando-se da falta de habilidade de seu filho.

- Até muitos filhos de servos fazem esculturas bem mais apresentáveis que Vinícius - dizia ela para o mestre. - Pessoas simples, rudes, que nunca tiveram um professor.

Licínio tecia demorados comentários a respeito de atividade criativa e procurava palavras que dessem esperança. E depois ia mudando de assunto, o mestre tinha muita competência também na arte de conversar.



Com o passar das semanas, contudo, as coisas começaram a desandar. Vinícius já não aguentava mais o rigor dos horários. Gaspar andava com saudades de suas tardes nas tavernas. E o conde chegara à conclusão de que as aulas na verdade não passavam de ineficiente sacrifício para o filho e de dinheiro posto fora. Tudo com base na evidência escancarada de que Vinícius continuava sem apresentar a menor evolução artística. Em virtude de todas essas circunstâncias, o conde e Gaspar se uniram para tentar resolver a questão.

- Chega dessa frescura – disse o conde. – Precisamos dar um fim nessas aulas. Vamos estabelecer uma estratégia sem que a Margot fique sabendo.

- Eu poderia solicitar que alguns amigos meus dessem um susto no mestre e o expulsasse do reino. Ninguém ficaria sabendo de nada, eles agem encapuzados. Já fizeram isso outras vezes. Um santo remédio. Utilizando essa estratégia, costumamos nos livrar de pessoas indesejáveis – disse Gaspar.

- Isso é muito arriscado – disse o conde. – O mestre pode reagir, e a besteira estará feita. Vou tentar um método melhor.

E foi visitar o mestre em seus aposentos. Dois homens de bom trato que eram, conversaram sobre muitas coisas, invasões mongóis, pão embolorado, apresentação de contorcionistas e outros assuntos. Então o conde foi dirigindo a conversa para arte, tapeçaria, pintura e chegou às aulas de escultura.

- Essas aulas – disse o conde, com muito jeito – não estão dando o resultado esperado, o senhor não acha? Não por culpa do senhor, um renomado mestre. Ocorre que Vinícius não consegue melhorar de forma alguma sua habilidade artística. O senhor é o sétimo professor, e ele não apresenta nenhum progresso.

O mestre permaneceu algum tempo em silêncio. Levantou-se, pigarreou, olhou pela janela, sentou-se. Depois disse:

- Senhor conde. A vida não tem sido fácil para os mestres que se dedicam às artes. O reconhecimento é raro e, quando existe, normalmente é tardio. Quem escolhe o que fazer precisa sobreviver fazendo o que sabe.



Ora, ora, pensou o conde. Esse mestre é de fato muito atilado, tem mundo. A abordagem precisa ser mais objetiva. E propôs um polpudo suborno:

- Eu lhe pago tudo o que o senhor iria receber até o fim do curso, acrescido de cinquenta por cento, e o senhor encerra as aulas. Arrume uma desculpa e diga que precisa voltar imediatamente para Milão.

O mestre levantou-se mais uma vez, pigarreou e olhou pela janela. Depois disse:

- O senhor está falando sério?

- Sim senhor – respondeu o conde. – Já não aguento mais ver o sacrifício que meu filho está passando em virtude da teimosia da Margot. Quero dar um basta a este e a qualquer outro curso de escultura que ela inventar para o Vinícius. Quero que deixem meu filho em paz.

- Bem – disse o mestre, pausadamente. – Se for para o bem do menino, eu aceito a proposta.

Na posse do dinheiro, no outro dia pela manhã, o mestre já não se encontrava no castelo. Por terceiros, deixara dito para Margot que estava muito doente e que iria se tratar em casa. Quando estivesse bom, voltaria, se pudesse.

Margot ficou indignada:

- Já não se fazem mais mestres como antigamente - disse. Depois, como se estivesse falando para as paredes, completou:

- Nem maridos como antigamente.

Pois ela tinha certeza de que o conde estaria por trás do repentino desaparecimento do mestre.

O conde fez que não ouviu.

Com o desaparecimento do mestre Licínio, Vinícius e Gaspar passaram a ter novamente a vidinha anterior, o menino



brincando com os amigos e o serviçal passando as tardes nas tavernas.

O episódio ocorrido com Vinícius tornou-se objeto de comentário nas mais diversas rodas. As opiniões eram as mais variadas, mas todos tinham autoridade para falar sobre o assunto. Ocorre que o reino apresentava característica singular. Todos os seus habitantes, do rei ao mais humilde súdito, eram escultores. Mantinham sempre um trabalho de escultura em andamento. Alguns completavam suas esculturas com rapidez, outros com lentidão. Mas todos estavam constantemente envolvidos com tal atividade. Havia esculturas expostas nos mais diversos cantos do reino: nas ruas, nas praças, nos bosques, nas tavernas, nos rios, nos lagos. Quando uma criança tinha três ou quatro anos de idade, seus pais já o incentivavam a mexer no barro. Ao crescer, passava a utilizar outros materiais. Essa atividade continuava por toda a vida, até na velhice, apesar de eventual cegueira ou mal de Parkinson. Quando concluíam uma escultura, imediatamente davam início a outra. Sempre igual. Mantendo as formas básicas apresentadas nas esculturas feitas quando ainda criança. Algumas pessoas insistiam que certas esculturas produzidas por si ou por seus familiares apresentavam diferenças das anteriores. Que nada. Se diferenças apresentavam, eram em detalhes mínimos, quase imperceptíveis, que dependiam de muita boa vontade do observador para constatá-las. A figura básica era invariavelmente a mesma. E ninguém podia deixar suas esculturas apenas em casa, escondê-las. Não. Toda pessoa tinha obrigação de expor suas esculturas em público em cumprimento a um édito real.

Esta característica de fazer sempre a mesma escultura era tão importante para referido povo que a expectativa em relação à primeira escultura feita pela criança era igual ou até superior à de seu próprio nascimento. Fosse uma peça de boa aparência que a criança começasse a esculpir, os pais ficavam orgulhosos e amiúde alardeavam o fato aos quatro ventos. Fosse uma peça defeituosa, grotesca, os pais ficavam tristes, desiludidos e até envergonhados. Nesses casos, às vezes eram feitas inúmeras tentativas para que a criança melhorasse sua performance. Prontificando-se a atender à referida tarefa, havia diversos mestres, os ortodoxos, os alternativos, os religiosos, os magos, muitos deles prometendo



transformações milagrosas. Tudo de balde. Foi a tentativa feita por Margot para seu filho. E deu no que deu. Na verdade, a maioria dos integrantes do reino tinha consciência de que a pessoa faz sempre a mesma escultura durante toda a vida.



A Teoria do Desconhecimento

Caminhando consigo mesmo pelas ruas do bairro, neste primeiro frio de outono, José Luiz meditava ora sobre coisas que lhe tinham acontecido ora sobre coisas que poderiam ter-lhe acontecido. Gostava de fantasiar o passado, alterando-o, imaginando situações e eventos que poderiam ter ocorrido. Não fosse isso seria aquilo, não fosse a Carla seria a Jane, ou até a Rita, e assim ia, pisando nas primeiras folhas amarelecidas que jogavam ao vento. Separado há vários anos, tivera diversos envolvimento, todos fracassados. No início, os relacionamentos sempre davam certo, e a ideia que tinha é de que encontrara a mulher da sua vida. Foram muitos os planos de união para sempre, com implicações inclusive materiais. Mas o tempo encarregava-se de desfazer a impressão inicial. Da convivência brotavam defeitos que iam minando a união. Terminava tudo soçobrando, com feridos sem rumo para ambos os lados. E, mais uma vez, José Luiz estava numa situação dessas. Vinha desencantado. Ante a probabilidade de novo fracasso, o entusiasmo natural de encontrar outra pessoa já não era tão grande. Às vezes brincava com os amigos, dizendo não ser mais um descasado amador, ingênuo, como fora logo que se separara de sua esposa. Agora havia se transformado num descasado profissional. Escolado pelos percalços no campo dos relacionamentos, passara a evitar maiores entusiasmos.

E, assim pensando, avistou o edifício onde morava. Para quem tivera família, essa passara a ser a maior dificuldade da separação. Voltar para casa no fim do dia já não tinha mais fascínio algum. Tanto que muita vez protelava a volta, permanecendo mais tempo que o necessário no serviço ou passando pelo clube para conversar à toa. Logo ele, que sempre fora tão caseiro. Em casa só via gente quando ligava a televisão. Por vezes, fazia uma observação em voz alta ou batia palmas ao impressionar-se com alguma cena na tevê. As palavras caíam no vazio, e as palmas não tinham sentido. Achava-se ridículo. O homem só tem outra dimensão.



E foi nessa fase que conheceu a Lúcia Helena. Viu-a numa mesa de bar do bairro onde morava. Após troca de olhares, José Luiz sentou-se à mesa com a moça e já foi dizendo:

- Tu és a mulher ideal.

- Como assim? – indagou Lúcia Helena. – Tu não me conheces. Com podes dizer que sou a mulher ideal?

- Justamente por isso - respondeu José Luiz. – Tu és ideal porque és desconhecida. E os desconhecidos não possuem nenhum defeito.

Após alguns momentos de estupefação da parte da moça, esta disse:

- Se os desconhecidos não têm defeitos, também não têm virtudes.

- Isso é verdade – respondeu José Luiz, pensativo. – Mas o que dificulta um relacionamento é mais a presença de defeitos que a ausência de virtudes.

Meu Deus, o que é isso? Pensou ela. Nunca fora abordada de forma tão filosófica. Encantada com o ineditismo, propôs:

- Então vamos nos apresentar.

- No máximo - respondeu ele.

Ela riu e disse:

- Eu me chamo Lúcia Helena.

- E eu, José Luiz.

Depois de pedirem chope, ela ponderou:

- Mas a recíproca é verdadeira. Se eu sou a mulher ideal porque desconhecida, tu também és o homem ideal, já que também não te conheço. Para mim tu também não tens defeito algum.

E riram. E do riso nasceu o interesse.



- Vamos fazer o seguinte – disse José Luiz. - Vamos conversar sobre generalidades. Depois a gente vê no que pode dar tudo isso.

E assim foi feito. Conversaram sobre música, literatura, efeito estufa, biscoito salgado, tardes de domingo, a queda de Constantinopla, bilboquê, corrida de cachorro, a morte de Deus, “cenas de um casamento sueco”, arrumação de guarda-roupa e outros tantos assuntos. Depois de mais de duas horas, os buracos negros e as galáxias já haviam sofrido alguma modificação. O universo não era mais o mesmo.

Em silêncio, José Luiz olhou para Lúcia Helena e demoradamente sacudiu a cabeça. Depois disse:

- Viu como não se conhecendo a gente pode ter um relacionamento muito mais gratificante, mais civilizado? O par que conversa sobre assuntos exógenos, como buracos negros ou morte de Deus, não fica implicando um com o outro. Existe muita coisa instigante fora de nós mesmos.

Dessa vez, ela não riu. Uma teoria que de início pensava não passar de uma brincadeira agora tomava contornos de seriedade.

Após alguns momentos de silêncio, ele sugeriu:

- Vamos tentar?

- Tentar o quê?

- Fazer progredir a experiência. Tentar um relacionamento mantendo-nos desconhecidos um para o outro.

Ela assustou-se:

- Mas eu não sei nada sobre a tua pessoa. Apenas teu nome e que detestas tardes de domingo.

- Está certo. Dados básicos de fato são necessários. Sou engenheiro mecânico, estou bem empregado e não tenho antecedentes policiais. E, lógico, o mais importante, sou desimpedido. E tu?



Ela hesitou. Estava achando tudo aquilo uma loucura.

- Essa não é uma maneira engenhosa de se aproveitar de alguém? Já não fizeste isso com outras moças?

- Nunca. Venho de muitos fracassos e, ao te ver, despertou-me esta ideia singular de fazer com que as coisas deem certo.

- Olha. Eu também venho de muitos fracassos. E apesar de não estar ainda muito convencida dessa tua teoria, vou te dizer que sou desimpedida, farmacêutica, tenho emprego e tampouco sou procurada pela polícia.

Depois, completou:

- Mas isso não significa que já podes me levar para a cama.

- Estás achando que estou tentando te enganar. Não estou. É coisa muito séria. Mas para isso precisamos estabelecer um clima de confiabilidade, de sinceridade.

- Não é fácil confiar num desconhecido.

- Isso é verdade. Acho que precisamos promover um processo seguro e lento de aproximação. Mas aproximação sem profundidade, sem qualquer tipo de invasão. Esse o ponto central da tese.

Relutante, desconfiada, Lúcia Helena aceitou a estratégia da lenta aproximação. Passaram a jantar juntos, ir ao cinema, sair para dançar, coisas assim.

Com o tempo, Lúcia Helena foi reconhecendo a sinceridade de José Luiz. O envolvimento evoluiu tanto que ela chegou a sugerir que fossem morar juntos.

- Não dá - disse ele. - Morar junto é o primeiro passo para a separação. É que, em circunstâncias tais, a gente termina se conhecendo demais.

- Mas já está visto que sem algum tipo de conhecimento sequer pode haver relacionamento - disse ela.



- Sem dúvida. Mas como tudo na vida tem sua medida certa, também o conhecimento tem sua medida adequada para que a relação tenha maior probabilidade de dar certo. E estou convencido de que é o mínimo possível: conhecer o outro apenas o necessário e suficiente.

E continuaram tentado pôr em prática a teoria do desconhecimento. Coisa difícil. Apesar de procurar evitar assuntos de ordem pessoal, a convivência ia aos poucos demonstrando a personalidade de cada um. Como o episódio da escolha do filme, por exemplo. Ele a convidou para irem ao cinema. Disse que ela poderia escolher o filme e o horário, e lhe alcançou o jornal. Ela ficou satisfeita. Mas ele completou:

- Desde que seja um desses três filmes que eu assinaiei no jornal.

Ela virou-se devagar para ele.

- Que gracinha, hein? Queres dizer que das dezenas de filmes que aqui constam eu só posso escolher um dos três que tu assinalaste? Então não sou eu quem está escolhendo, mas tu. Gracinha impositiva.

E assim as coisas foram, com ambos deixando escapar, às vezes por descuido, importantes aspectos de sua personalidade. Com a revelação dos defeitos, deu-se início a guerra. E o bem treinado exército constituído por mágoas, intransigências e incompreensões foi aos poucos tomando estratégicas posições no relacionamento, atacando sem tréguas o que havia de bom. A batalha final não tardou. A terra ficou arrasada, e a relação capitulou de forma incondicional, novamente com mutilações e feridas expostas.

E foi assim que José Luiz mais uma vez viu-se caminhando consigo mesmo pelas ruas do bairro. Vinha devagar, olhando para as folhas amarelecidas na calçada, jogadas de um lado para o outro pelo vento, tentando imaginar uma nova teoria do relacionamento.



José Magalhães
deixou-se no fim
do psiquiatra e
antes que...



A Inconformidade de João Nogueira

João Nogueira deitou-se no divã do psiquiatra e, antes que esse lhe perguntasse alguma coisa, foi dizendo:

- Doutor, eu quero ser desonesto.

- Como? –surpreendeu-se o psiquiatra.

- Quero praticar algum tipo de desonestidade, e vou dizer por quê. Sou geneticamente honesto, meu pai é honesto, minha mãe, meus tios, toda a minha família é honesta. Sempre fui honesto, nos mínimos detalhes. Sempre tive o cuidado de não abusar de qualquer situação em que pudesse tirar proveito. E não que me arrependa de ser assim. Não é isso. É a inveja, doutor. Tenho profunda inveja das pessoas que praticam desonestidades e continuam de bem com a vida. Enquanto me martirizo e muita vez deixo de levar alguma vantagem para manter minha integridade, outros fazem justamente o contrário. Praticam os maiores desatinos e nem estão aí. O Pedroso da Marlene, por exemplo, lombo de sem-vergonha. Tão desonesto que seu apelido é Perigoso. No entanto, está sempre na frente do Café Central conversando com os amigos e dando risadas. Ri mais do que eu que sou honesto. Não é justo.

- Desculpe, eu ainda não entendi direito. O senhor quer que eu o ajude a ser desonesto?

- Exatamente. É a primeira vez que consulto um psiquiatra. Mas sempre soube que os senhores não são apegados às normas da sociedade. Que muitas vezes orientam a pessoa a fazer o que ela tem vontade, para dar vazão a seus desejos. E eu sozinho não tenho conseguido praticar nenhuma desonestidade. Já tentei, é claro. Mas não consegui. Por isso preciso de sua ajuda.

O psiquiatra ficou pasmo. Sequer podia pensar: cada louco que me aparece. Não. Fosse loucura não teria problema, é disso que a psiquiatria trata. Mas João parecia normal. O caso era realmente insólito. Tratava-se mais de filosofia de vida que



de problema mental. O que fazer? Aceitar o paciente? Ora, sem dúvida. Com o preço que está a consulta.

- Achei seu caso muito interessante, angústia própria de pessoa com inteligência superior – disse o psiquiatra. - Penso que nosso relacionamento será gratificante para ambas as partes.

E passaram a trocar ideias a respeito do problema. De início, o psiquiatra tentou de todas as formas demover João de sua intenção de praticar desonestidades. Chegou a sugerir que o paciente praticasse um delito simulado. João não gostou da ideia:

- Sem vítima não tem graça alguma.

Percebendo que a estratégia estava desagradando seu paciente, o psiquiatra mudou de orientação. Pois que seja, pensou. Afinal de contas, o que vem a ser uma desonestidade a mais com tantas que já são cometidas por aí? Nas três sessões seguintes, apenas conversaram sobre moral, ética e coisas assim. E levantaram a suspeita de que na natureza não existe ética. As leis que predominam na natureza são as do forte ou do astuto, concluíram. Toda essa conversa tinha por objetivo furar o bloqueio proveniente dos pruridos éticos de João Nogueira. Depois disso, passaram a estudar o Código Penal, a procura de delitos que pudessem ser praticados sem muitos danos às vítimas. João Nogueira ficou encantado com o Código Penal. Percebeu que existia muita sacanagem que nunca lhe passara pela cabeça.

- É um livro perigoso – disse ele ao psiquiatra. – Os bandidos podem inspirar-se nele para cometer delitos. Não é o meu caso... Quer dizer... mais ou menos. Só que eu pretendo apenas praticar sacanagens, não delitos com violência contra pessoas.

E passaram a procurar delitos com menor potencial ofensivo. Encontraram um que jamais poderiam pensar existisse: impedimento ou perturbação de cerimônia funerária, art. 209.

- Poderia começar por aí – disse o psiquiatra.



João Nogueira entusiasmou-se. Seria sua primeira experiência no mundo do crime. No outro dia, pela tarde, foi até o cemitério e localizou um velório numa das capelas. Foi chegando devagar, como fazem todas as pessoas que comparecem a velórios. Assinou o livro de presença e aproximou-se do caixão onde estava o de cujus. Era um homem não muito velho, talvez morto pelos descuidos consigo mesmo. Havia muita gente, tanto dentro como fora da capela. Nenhum conhecido. Sabendo apenas o nome da pessoa que morrera - Emiliano Penha, pois vira no painel de entrada do cemitério -, João evitou conversar com alguém. Foi para um canto e ficou pensando numa forma de praticar o delito a que se propusera. Como fazer? Gritar que Emiliano era um cafajeste, um grande cretino, que morrera sem pagar o que lhe devia, e que tinha uma amante a três quadras de casa? Fazer uma baderna imensa e insistir para que o pagamento da dívida fosse condição do sepultamento? Apagar as velas, dizendo que já se havia gasto muito com quem não merecia? Sem dúvida que a conduta enquadrar-se-ia na figura típica do artigo 209 do Código Penal. Mas João não se encorajava de iniciar a execução do delito. Foi ficando em seu canto, indignado com sua própria indecisão. Nisso foi dado início ao enterro, com algumas pessoas transportando o caixão. É agora ou nunca, pensou João. Precisava fazer alguma coisa, ou terminaria não cometendo o delito. Quando as pessoas já estavam com o caixão próximo à cova onde seria o túmulo, João encorajou-se e postou-se em frente ao cortejo, parando-o. Mas ante o olhar de surpresa de todos, ficou petrificado, nada mais fazendo. Um dos irmãos do morto então se aproximou de João, passou o braço em seu ombro e cordialmente o afastou para o lado.

- Paciência, meu amigo – disse ele. – Temos de aceitar a realidade. Que o Emiliano viva em sua memória.

- Não é possível que eu não tenha forças – disse João, colocando a mão na cabeça.

- Numa hora destas todos precisamos ter forças – disse o outro. E o abraçou mais uma vez.

Minutos depois, discretamente João tratou de ir embora. Estava frustrado. Fora um fiasco sua primeira tentativa de praticar



um delito. Mas concluiu que escolhera o crime errado. Apesar de ser de pouco potencial ofensivo, envolvia encenação. E isso dificultara tudo.

- Estou envergonhado – disse ele ao psiquiatra, em seu primeiro encontro após o episódio do enterro. – Além de não praticar uma vilania, ainda fui mal interpretado, passando por um sentimental meloso.

O psiquiatra o acalmou, fazendo ver que nesta vida nada se consegue sem esforço. E voltaram a estudar o Código Penal. Encontraram outra pérola para delinquentes principiantes: o delito chamado “outras fraudes”, artigo 176, que consiste em tomar refeição em restaurante, alojar-se em hotel ou utilizar-se de meio de transporte sem dispor de recursos para efetuar o pagamento.

- Ótimo – disse João. – Referida sacanagem dispensa encenação.

Nosábado seguinte, à noite, João trajou-se adequadamente, apanhou a carteira com dinheiro, o talão de cheques e o cartão de crédito e colocou tudo sobre a mesa da sala. Sairia sem dinheiro e sem condições de pagar coisa alguma, referida circunstância seria indispensável à prática do delito. Olhou-se bem no espelho, olhos em seus próprios olhos, e prometeu a si mesmo que dessa vez não iria falhar. Mas, por via das dúvidas, antes de sair de casa, tomou meia dose de uísque. “Para que as coisas fiquem mais fáceis”, sentenciou. E dirigiu-se ao melhor restaurante da cidade. Saboreou um prato caríssimo, acompanhado de uma garrafa de vinho chileno que valia o triplo do prato. Nunca num restaurante havia tido uma sensação tão diferente. Pela primeira vez sentia-se um delinquente. E, à medida que ia tomando os cálices de vinho, sua importância no mundo do crime aumentava. Passou a comparar-se a mafiosos, bicheiros, qualquer coisa assim. Um delinquente perigoso e respeitado. Em circunstâncias tais, o que seria deixar de pagar uma refeição? Ora. No fim iriam agradecer-lhe por sua ilustre presença. Depois de saciado, chamou o garçom e disse:

- Não vou pagar a conta.



- Como?

- Já lhe disse. Não vou pagar a conta. Deixei o dinheiro em casa de propósito, para não pagar a refeição.

- Um momento- disse o garçom. - Vou chamar o proprietário do restaurante.

Em seguida, chegou o proprietário, já pouco amistoso:

- Qual o problema, senhor?

- Não vou pagar a refeição. Não trouxe dinheiro.

- Muito bem. O senhor vai ter de se explicar para a polícia.

- Polícia? Chamam a polícia por uma coisa dessas?

- Evidente que sim, pois é crime.

O grande mafioso João Nogueira foi mais uma vez tomado de insegurança. Queria muito ser um infrator, mas sem envolver-se com a polícia. Pediu desculpas, deixou seu automóvel na posse do proprietário do restaurante, foi até sua casa, trouxe o dinheiro e pagou a refeição.

Mais um fiasco, pensou ele. Não levo mesmo jeito para essas coisas. Não culpou o psiquiatra, coitado, até que se esforçou. Mas, mesmo frustrado, desistiu da tentativa de praticar delitos. É muito trabalhoso, concluiu. Passadas algumas semanas, novamente avistou o sem-vergonha do Pedroso da Marlene em frente ao Café Central. E rindo, como sempre. "Fazer o quê", pensou João ao se afastar. Mas que continuava com inveja do riso do outro, ah, isso continuava.



A comissão da festa
Organizadora da festa
dos vinte e cinco anos
de . . .



Convite

A Comissão Organizadora da festa dos vinte e cinco anos de formatura na Faculdade de Direito convida a todos os colegas para o encontro, postulando que enviem antecipadamente uma fotografia sua, atualizada. As fotos serão juntadas num só documento, o qual, alguns dias antes do encontro, será enviado a todos os participantes. A providência visa evitar constrangimentos dos mais variados, como o de abrir a boca antes de cumprimentar alguém que há muito não se vê, de não se saber se estamos falando com um colega ou com um familiar seu ou de não ser reconhecido por um colega com quem se convivia em grupos de estudos. É para que todos fiquem conscientes do que vão encontrar na festa. Para evitar maiores surpresas. Algumas não muito agradáveis. Junto com a foto, pede-se também enviar um pequeno dossiê sobre as principais vicissitudes ocorridas nesses vinte e cinco anos. Mormente no plano afetivo: separações, descasamentos, remaridamentos. Fica a critério de cada um esclarecer loucuras e escândalos que tenha protagonizado, pois isso poupará os demais de precisarem contar certos episódios em plena festa, o tititi do tipo "Sabe o que aconteceu com a fulana? Coitada". Os sucessos e conquistas também devem ser comunicados. Isso evitará que o próprio beneficiado precise espalhar a todos as suas glórias, postura considerada antipática.

A Comissão já adianta alguns desses episódios. A Janaína, aquela cheia que sentava na primeira fila, que estava sempre puxando o saco dos professores e se recusava a dar cola, depois de madura, por carência afetiva, culminou casando-se (casando não é bem o termo) com um taxista bêbado. É verdade que no início do relacionamento o cara não era taxista nem bêbado. Não era nada. Mas nada também são objetos de paixão. É da natureza humana. Depois que tiveram filhos, ele arrumou um emprego de taxista e começou a beber. Dizem que agora mais bebe que trabalha. Se ela o trouxer junto, favor não falar mal do alcoolismo em frente a ambos.



O Chico Burro, quem diria, terminou subindo na vida. Encostou-se no escritório de advocacia do sogro e comprou uma mansão. Ficou todo posudo. Está um nojo. Mas aquela sua limitação intelectual - conhecida de todos nós e exposta muito bem nos bancos escolares - continua sempre presente. O sogro o mantém em atividades secundárias, o suficiente para não atrapalhar. Mas, por favor, tenham muita consideração com sua esposa. É uma mulher simples e de classe. E tem de pensar pelos dois.

Importante esclarecer que, mesmo recebendo fotografia antes, a maioria seguramente não reconhecerá a Mirna. É que ela submeteu-se a uma cirurgia plástica de sucesso duvidoso, resultando nariz e feições muito alteradas. Ficou toda repuxada. Ela acha que ficou bem. Consta não ser a opinião da maioria. Pedimos a todos que não sejam tão sinceros com ela.

A Lurdes Mameluco envolveu-se de forma escandalosa com o capataz da fazenda de seu marido, o que deu causa a traumática separação. Mas a referida conduta, para nós que com ela convivemos durante cinco anos, não é novidade alguma. Não sei se os colegas lembram-se, mas a Lurdes somente aceitava ingressar em grupos de estudos constituídos de colegas homens, indiferente se fossem solteiros ou casados. E quando a coisa ficava preta, reunia-se em aulas particulares com professores. Vocês me entendem. Consta que irá comparecer à festa com o quinto marido.

Talvez vocês demorem a reconhecer o Claudinho Balão, aquele gordinho que sentava nas últimas cadeiras. Está murcho e com cintura fina. Tem feito rigorosa dieta. Mas não por virtude não, sim por necessidade. Pois desde que saiu da faculdade o Claudinho continuou sempre fumando muito e bebendo todas. Em algum lugar tinha de estourar. Teve um enfarte. Por favor não lhe ofereçam bebida nem cigarro, que nossa festa não deve ser lugar para recaídas.

O Júlio e o Custódio seguramente sentarão juntos. Fleumáticos, disciplinados e certinhos desde o tempo da faculdade, agora pioraram um pouco. Mas, ao invés de leis e jurisprudência, atualmente só falam em colesterol, pressão sistólica e próstata.



Recomenda-se não fumar, não beber e não comer em frente a eles.

O Ronaldo, aquele que era candidato a tudo que era cargo na faculdade, manteve, nesses vinte e cinco anos, o sonho de grandeza. Foi candidato a deputado estadual, depois a vereador, depois a líder de bairro, depois a síndico de condomínio e perdeu todas essas eleições. Mas continua com a pose de senador.

Esses, acreditamos, sejam alguns esclarecimentos interessantes para aquecer a festa. Outros seguramente ocorrerão durante o evento. Vai ser uma grande festa.



Conduzindo uma
carga puxada a
boia, repleta de...



O Fazedor de Poços

Conduzindo uma carroça puxada a bois, repleta de rapaduras, o velho Pedro Constante chegou à cidadezinha interiorana. O dia já estava terminando, e ele acampou num local elevado na entrada da cidade. Depois de comer alguns biscoitos com linguiça, ficou mateando e observando os detalhes da cidade. Já andara muito, o velho Pedro. Perdera a conta das cidades onde acampara. No início de suas viagens, toda a vez que chegava a uma cidade, era tomado de expectativa sobre as novidades que ali iria encontrar. Com o tempo, no entanto, fora percebendo que as cidades eram muito mais semelhantes do que sempre pensara. Os diversos tipos de pessoas pareciam repetir-se de cidade em cidade. A conduta, os hábitos, as virtudes e defeitos não ofereciam muita variação de um lugar para o outro. Pedro Constante passara a ter a impressão de que as mesmas pessoas estavam em todos os lugares. Concluiu que a humanidade é repetitiva. Assim, depois de vários anos, ao chegar a uma cidade desconhecida, era como se estivesse chegando a quaisquer das outras já visitadas. Em todo o mundo existe apenas uma cidade, passara a afirmar. O mundo é bem menor do que se pensa. E assim ponderando, recolheu-se aos pelegos da carroça onde passou a noite. No outro dia, bem cedo, deslocou sua carroça para a rua principal da cidade, onde parou, levantou a lona e passou a vender rapaduras. O velho Pedro tinha rapaduras de vários tipos. A mais afamada era a de amendoim. Foi uma festa para a gurizada, já que os preços cobrados pelo mascate eram módicos. Enquanto vendia rapaduras, o velho Pedro indagava sobre a possibilidade de usar algum terreno baldio. Foi assim que Pedro chegou até a pessoa de Jorginho Queixada, proprietário de vários terrenos na cidade. Não foi difícil para o mascate alugar um dos terrenos de Jorginho, até porque este não sabia o que fazer com os mesmos. E, para o citado terreno, foi-se o velho Pedro com sua carroça e cavalos. No outro dia, pela manhã, já estava tratando de fazer um poço. Logo a notícia espalhou-se e chegou aos ouvidos de Jorginho Queixada, que foi correndo até o terreno.

- O que está fazendo, seu Pedro? – perguntou.



- Estou fazendo um poço, seu Jorginho.

- Um poço?! Mas em nossa cidade tem água encanada. Se precisar, é só pedir para um vizinho, ou coletar nas bicas da praça. Não carece de fazer um buraco desses, tarefa tão trabalhosa.

- Eu faço um poço em todas as localidades em que ando. Não se preocupe. Ao cabo, o senhor e todos os moradores daqui vão me agradecer.

- Como que então o poço não é só para seu uso?

- Não senhor. Vai ser de uso público. Mas o senhor não se preocupe, eu fecho o poço antes de lhe devolver o terreno.

Como sempre fazia quando estava pensativo, Jorginho Queixada esfregou o queixo. “Um poço de uso público, para que diabos serviria?! Quem iria trocar água encanada e tratada pela água de um poço? Esse seu Pedro, não sei não. Talvez tenha um problema na cabeça.”

Mas como o carroceiro havia adiantado o valor correspondente a dois meses de aluguel do terreno, Jorginho Queixada pouco se importou com a bizarra obra. E Pedro continuou a fazer o poço. Com o auxílio de duas pessoas que havia contratado, poucas semanas depois o poço estava pronto. Pedro Constante passou então a distribuir em toda a cidade um folheto esclarecendo que o poço que fizera estava à disposição da sociedade para visitas, por uma quantia razoável. Ninguém entendeu. “Pagar para visitar um poço?! Ver o que num poço?! Não havia sentido nisso.” Mas o seu Birica, proprietário da lanchonete Alegria de Todos, que apresentava curiosidade bem acima da média, não perdeu tempo para conferir a novidade. Foi, olhou e voltou pasmo.

- E aí, seu Birica, o que viu no poço? - passaram a lhe perguntar os amigos e fregueses.

- Explicar não adianta. Vão e vejam com seus próprios sentidos. Apenas lhes afirmo que vale a pena – **respondia-lhes** seu Birica.



Em virtude da credibilidade que gozava seu Birica, ficaram todos muito curiosos em relação ao poço de Pedro Constante. “Que diabo era aquilo?!” E, aos poucos, as pessoas foram procurando o mascate de rapaduras, pedindo para olhar o poço. Antes de franquear o poço ao cliente, Pedro Constante fazia-lhe uma entrevista reservada, indagava sobre sua vida, as dificuldades que estava passando, os problemas. Depois, conduzia o cliente até o fundo do poço, no qual havia diversos nichos. Nesses nichos as pessoas podiam experimentar todas as dificuldades do mundo, desde a derrota de sua equipe de futebol até as maiores tragédias de cunho pessoal e familiar. Em decorrência da entrevista, Pedro escolhia o nicho adequado a cada cliente, colocando cada um deles em nicho onde poderia vivenciar problemas bem superiores aos que enfrentava na vida prática. E ali deixava a pessoa durante algumas horas. Depois a buscava. A sensação que os nichos produziam era tão real que, ao sair do poço, todos voltavam diferentes, invariavelmente agradecendo a vida que levavam. Em poucas semanas, quase todos os habitantes da cidade haviam entrado no poço. O clima da cidade apresentava sensível modificação. Algumas pessoas ficaram mais alegre, outras mais sérias, mas todas mais satisfeitas. E Pedro deu por encerrado seu trabalho. Mandou fechar o poço, conforme havia prometido ao Jorginho Queixada e também porque apenas ele, Pedro, tinha condições técnicas de fazer os nichos exercerem sua função. Depois, preparou seus petrechos e tratou de ir para outra cidade. Ao sair, recebeu agradecimentos de muitas pessoas. Disseram-lhe que ele havia mudado a cidade. Pedro retribuía com um leve sorriso, tratando de tocar os bois da carroça. Havia mudado não muita coisa, pensava ele. Sabia que no máximo em trinta dias o efeito do poço teria passado em todos, com as vicissitudes de cada um tendo a mesma dimensão que sempre tiveram. Mas, para os mais sábios, algum ensinamento haveria de ficar. Depois da visita ao poço, sempre surgiam algumas pessoas que, ao lhes acontecer algo desagradável, diziam: “Há nichos piores no mundo”. Por isso, o velho Pedro seguia adiante, para outra localidade, a fim de vender rapaduras e confrontos de tragédias.



Como amizade fazia,
O Estomago mais
Uma vez parou a...



A Revolta Orgânica

Como amiúde fazia, o Estômago mais uma vez passou a discursar, reclamando das bebidas alcoólicas, das comidas gordurosas e com salitre, do café quente, o esforço para não contrair gastrite ou alguma lesão mais grave em suas paredes era muito grande. E, como há anos ocorria, o Estômago concluiu da mesma forma seu discurso, dizendo:

- E todos sabem de quem é a culpa. A culpa é de quem manda. A culpa é de quem escolhe estes alimentos. A culpa é do Cérebro, esse órgão esnobe, que, por vaidade, querendo sempre aparecer, está mais voltado para o mundo externo do que para as nossas necessidades básicas. Alguma medida deve ser tomada para modificar este calamitoso estado de coisas.

Ocorreu algum tempo de silêncio entre os demais órgãos. Depois, o Fígado, que nunca havia tecido qualquer comentário sobre o assunto, resolveu se pronunciar:

- Concordo com o Estômago. De fato, há muitos anos estamos sendo submetidos à agressão quase diária, não há quem agüente receber gordura saturada constantemente, principalmente originária de churrasco gordo. Nunca havia me posicionado, pois achava que o Cérebro haveria de, com o tempo, perceber a difícil situação em que vem nos colocando. Mas o tempo passou e nada. O Cérebro não modifica sua conduta. Estamos chegando a um ponto crítico.

O Pulmão, com sua voz assobiada, também interveio:

- Toda a vez que sou inundado com fumaça de cigarro, fico mal. Tenho de fazer muito esforço para manter minhas atividades normais.

O Intestino gritou lá de baixo:

- Ainda bem que estão todos reclamando. Antes, eu não falava por constrangimento. Agora, sinto-me mais à vontade



para dizer que há muito venho sendo prejudicado pela ingesta de farinha branca e outros produtos refinados. Tenho de desdobrar-me todo e fazer esforço hercúleo para proporcionar bom trânsito intestinal. E, para que todos saibam, afirmo que estou começando a cansar. E se eu cansar... bem, não sei o que pode acontecer.

O rim entrou na discussão:

- Essa mania de colocar sal em excesso nos alimentos tem me causado graves problemas.

O Duodeno foi mais longe ao dizer:

- Na defesa do bem estar geral, é necessário que outro órgão mais sensato e menos vaidoso assumo o poder.

O episódio tomou contornos de seriedade quando o Pâncreas, órgão muito respeitado por sua sabedoria e discricção, interveio, dizendo:

- A hora de tomar alguma medida está começando a passar. Olhem o meu caso, o exagero de alimento doce está começando a desregular meu funcionamento.

A discussão acalorou-se, o entusiasmo aumentou. A revolução tinha de ser bem organizada para não falhar, o Cérebro era todo poderoso. E não podiam contar com a adesão de todos os órgãos.

- A Boca é aliada o Cérebro – disse a Bexiga. – Come essas porcarias e fica se lambuzando toda.

- Esse meu vizinho aqui, o Coração – sussurrou o Diafragma –, também não é confiável. Sempre que o Cérebro tem um probleminha, mesmo que só imaginário, ele, por puxa-saquismo, fica todo agitado.

O Apêndice quis falar, mas o Fígado, muito formalista, não deixou, dizendo que se tratava de órgão nulo, sem direito a voto. Foi um erro. Magoado, o Apêndice avisou o Sangue sobre a iminente revolução para derrubar o Cérebro do comando. O Sangue, que é um grande leva-e-traz, correu por Veias e Artérias e alertou o Cérebro sobre o que estava acontecendo.



Mas já era tarde. Não houve tempo para o Cérebro estabelecer uma estratégia de defesa, propondo adesões à sua causa. Os descontentes já haviam se organizado. Com ampla maioria entre os órgãos, a revolução foi um sucesso. Derrubaram o Cérebro do comando e implantaram governo revolucionário comandado pelo Pâncreas. O entusiasmo foi geral. Agora sim, as coisas iriam entrar nos eixos.

Ao assumir o poder, o Pâncreas resolveu promover muitas mudanças. Mas encontrou forte resistência em setores localizados. O principal problema foi com a Boca. Antiga aliada do Cérebro, a Boca sistematicamente boicotava a administração do Pâncreas. Percebendo que pela força nada conseguiria, o Pâncreas resolveu negociar com a Boca. E o fez de forma não muito decente: propôs à Boca que ela apenas não permitisse a entrada de açúcar, que era o problema que afetava diretamente o Pâncreas. O resto ficaria liberado. Pretendendo dar um fim às hostilidades, a Boca aceitou de bom grado.

Por tudo isso é que o seu Amâncio, proprietário do corpo em questão, ao receber de dona Mindinha a oferta de um doce num jantar, reagiu de forma incisiva:

- Doce? Não senhora. Eu não como doce. Comia até há pouco tempo. Gostava muito de doce. Depois, não sei o que houve, passei a detestar doce. Hoje, não ponho na boca mais nada que contenha açúcar. Mas não abandonei todos os prazeres da vida não, dona Mindinha. Continuo a fumar e a comer churrasco bem gordo, e com muito sal.



Essas faqueras,
no lo vedo, na
fo su eira, do
es to ho...



Tempos

Essas taquaras, colocadas na fogueira, dão estalos assemelhados aos de traque. Os pneus fazem com que o fogo mantenha-se até o dia seguinte. No local da fogueira, fica uma roda sem grama. A noite de São João é sempre tão fria, sai vapor da boca da gente. Vários de meus colegas do ensino fundamental estão presentes. O Jandico gostaria de vir, mas sua mãe não deixa que ele saia de casa em noite muito fria em virtude da asma e do peito de pomba. É uma pena. O Jandico é um bom colega, um dia me pagou um sanduíche e nunca fez cobrança disso. Ademais, gosta das coisas de que eu gosto e pensa mais ou menos como eu. É o amigo ideal. Mas quem eu gostaria mesmo que estivesse aqui é a minha professora Samanta, para ver o meu desempenho com os fogos de artifício. Ela poderia vir com aquela blusa marrom, grossa, que lhe cai tão bem. E com aquelas botas de camurça. Ou então, bem, viesse com a roupa que bem entendesse, mas viesse. Sua presença aqui seria muito importante para mim. É bem verdade que ouvi dizer que ela teria um namorado. A notícia foi um choque para mim. No dia em que ouvi isso, fiquei muito deprimido. Na sala de aula, tratei de ficar contido, pouco participativo, sequer olhando para ela. Acho que ela notou. E, talvez por isso mesmo, aconteceu algo muito importante: ela se aproximou mais de mim. Não resisti a esta aproximação. Está visto que ela gosta de mim. Então passei a novamente participar da aula como antes. Com o transcorrer das semanas, fui me restabelecendo. E não ouvi mais ninguém falar sobre eventual namorado da professora. Acho que aquela notícia não corresponde à verdade. Assim espero. **Que horas são?**

De madrugada, depois da reunião dançante, como é bom ir a pé para casa. Os passos ficam fortes, a gente sente-se mais. Aqui e ali alguém que também anda. Acolá, um carro, buzina triste. O resto são árvores, casas, postes, fios. Gosto de redes elétricas, esse emaranhado de fios. De madrugada, tudo é tão diferente, as coisas têm mais vida. Na reunião dançante, antes mesmo de iniciar a música, a Lurdinha me olhou, uma, duas vezes. Era o que eu mais queria naquela ocasião. Mas fiquei indeciso, garimpando



coragem a fim de convidá-la para dançar. Nesse meio-tempo, o Jonas atravessou-se e a convidou. E, pelo visto, até parece que ela ficou satisfeita, pois dançaram juntos o resto da noite. Eu tenho este problema. Em momentos decisivos, é muito comum que eu fique indeciso. Às vezes, meio paralisado, sabe? Não foram poucos os episódios em que a oportunidade bateu em minha porta e eu demorei muito para abri-la. É sempre assim. Quando eu abro a porta, já não há mais ninguém no umbral. Minha mãe tem me conformado quanto a isto. Ela diz para eu não me preocupar com esses detalhes. Insiste que tenho uma vida inteira pela frente, e o que é meu está guardado. Só não consigo imaginar onde se guarda o futuro. **Que dia é hoje?**

Os filhos no parquinho, a mulher cuidando. Esta praça mexe com a gente. Árvores altas, bancos antigos. As antiguidades dão uma sensação de perenidade. Os filhos, alegres. Até a mulher, parece. A calçada está cheia de folhas caídas, meio secas, meio verdes. O vento vem, vai, carrega umas, desvira outras. É isto a vida? Só isto? As crianças alegres, no parquinho, e uma mulher momentaneamente satisfeita? Hum? Será? Por tranquilo e agradável que seja o momento que se passa, a gente sempre acha que a vida, mas a vida pra valer mesmo, está em outro lugar, na participação em outros acontecimentos, às vezes com outras pessoas. Como é difícil se conferir a devida importância às coisas simples da vida. A nossa tendência é de viver mais do que a vida. Mas essa insatisfação permanente precisa ser muito bem administrada, pois ela tanto pode ser causa de construção como de destruição. Por isso, vamos com calma com aquela proposta que recebi. Muita calma. **Em que mês estamos?**

Não há melhor companhia do que o fogo. É a única que tenho mesmo, sozinho nesta casa. O fogo crepita, dança, aquece. Encho um cálice de vinho tino, mantido na temperatura ideal. Ouço música, Mozart, Bach. Não querem que eu beba, por causa da pressão. Mas, se tomo remédio, posso beber, ora bolas. Às vezes durmo nesta cadeira. Demorei muito para reconhecer que estava velho. E ainda não estou muito convencido disso. Mas acho bom ir me acostumando. Há poucos dias, levei um choque no supermercado. Entrei numa fila de um caixa onde havia um cartaz de atendimento preferencial para idosos. Imediatamente,



um rapaz e uma moça que estavam na minha frente, com muita gentileza, cederam-me o lugar, “O senhor tenha a bondade, pode passar”. Eu resisti, também com educação. Disse que não carecia. Que ficassem à vontade. Mas eles insistiram, a funcionária da caixa me olhando. Outras pessoas também. Em virtude da pressão, apesar de constrangido, passei na frente. Que coisa. Como puderam perceber que eu era idoso? **Que ano é este?**



Compier ou nos
Compier o de p. de
si a gues, ta si.



Criadores de Cavalos Crioulos

Comprar ou não comprar o cavalo, eis a questão. Natalício vinha pensando nisso há dias, sem coragem para decidir. Constrangido pela situação, havia comentado o caso apenas com um amigo mais íntimo, que também gostava de cavalos. Após duas rodadas de chope, chegaram à conclusão de que Natalício deveria comprar o cavalo. Claro que deveria, ora. E fizeram um brinde ao cavalo. O único problema que persistia era a forma de efetivar a compra. O grau de publicidade que deveria ser dado à mesma. Comprar é fácil, o difícil é revelar a compra. Lembraram-se então da reunião, marcada para ocorrer dentro de dois dias, e que à boca pequena haviam tomado conhecimento. Uma reunião quase secreta. Mas eles tinham sido convidados. Natalício primeiro iria à reunião, depois, daria jeito na compra do cavalo, seria o mais prudente.

Chegando ao local do encontro, Natalício percebeu a discrição do evento. Aos poucos, devagar, olhando para os lados, esgueirando-se contra as paredes, o pessoal vinha chegando. Haviam escolhido uma casa discreta do subúrbio da cidade para se reunirem. Sendo noite, tiveram o cuidado de fechar bem as janelas para que ninguém da rua os visse. Predominavam cidadãos de meia-idade, bem sucedidos na vida, que tinham uma paixão em comum: criar cavalo crioulo. O motivo da reunião era apenas um: discutir e criar estratégias para comprar cavalo escondido das esposas. Natalício encontrou-se com vários conhecidos. Depois de todos acomodados, um dos criadores que havia sugerido a reunião foi direto ao assunto:

- Considerando que esposas são seres vivos que passam grande parte do tempo pensando em formas de gastar dinheiro, como trocar os móveis da casa, adquirir roupas finas e colocar aparelho ortodôntico nos dentes dos filhos – mesmo sem precisar -, eventuais aquisições de cavalo crioulo pelos maridos comumente têm causado conflitos desnecessários. Se o criador de cavalo crioulo vai consultar sua esposa, não compra cavalo nunca. Tampouco vai se separar dela apenas para ficar livre para comprar



cavalos, porque não apenas de cavalos vive um homem. Então a única solução é comprar cavalo escondido da esposa. Como se vê, o nosso objetivo é o mais nobre possível – visa preservar o núcleo familiar.

- Tens toda a razão – disse outro integrante do grupo. – Nossas esposas não têm muito do que se queixar. Como se vê, não estamos aqui reunidos para tramar sacanagens como sair atrás de mulher. Não. Os criadores de cavalo crioulo são por natureza pessoas de bons hábitos, bons pais, bons chefes de família. Estamos mais envolvidos com cavalos que com essas sacanagens que nossas esposas equivocadamente por vezes pensam que fazemos. Mas um cavalinho escondido, sim, não dá para deixar de comprar. A gente bota o olho, o animal é bonito; se der, a gente compra. Então, normalmente cria-se um problema em casa. – Depois, mais pausadamente, como se estivesse fazendo uma pregação religiosa, continuou. - Meus amigos, das observações que tenho feito, cheguei à conclusão de que existem três tipos de esposas de criadores de cavalo crioulo: esposas de primeiro grau: aquelas que você pode até comunicar antes de efetuar a compra; esposas de segundo grau: são as que você somente pode comunicar após efetuada a compra; esposas de terceiro grau: são as que você não pode comunicar nunca, aconteça o que acontecer. Abençoados os criadores que são casados com esposas de primeiro grau. Uns privilegiados. Compram cavalo à vontade, curtem a visão de o animal ficar andando pelo campo e até chamam a esposa para olhar. Não precisam fazer parte de nosso grupo. Mas infelizmente são poucos. A maioria está em situação assemelhada à nossa, na administração da difícil sina de curtir cavalo crioulo e ao mesmo tempo manter bom relacionamento conjugal. E, para nós, a regra de ouro é que a esposa somente tome conhecimento da aquisição após a mesma ocorrer. Compra-se escondido, comunica-se depois. Se for o caso. Tudo depende do grau da esposa.

Seguindo nas discussões sobre o tema, resolveram então criar a ACCCES – Associação dos Criadores de Cavalo Crioulo Escondido das Esposas. A organização é uma associação secreta, sem fins lucrativos, que visa orientar e defender o interesse de seus associados na forma de compatibilizar a vida conjugal com a aquisição de cavalo crioulo. Para cumprir sua função social, a



ACCES mantém consultores de plantão – criadores antigos, cujo casamento deu certo - com a finalidade de efetuar orientação a qualquer hora sobre eventuais dificuldades que seus associados encontrem com suas esposas por ocasião de tratativas, aquisição e guarda de cavalo crioulo. A associação visa proteger e apoiar os maridos nesses momentos difíceis.

Após a reunião, satisfeitos, todos resolveram comemorar numa churrascaria, que churrasco é a comida de criadores de cavalo crioulo. Cultura de gaúcho. Natalício também ficou entusiasmado, agora tinha mais apoio para efetuar sua aquisição. Somente ainda não conseguia definir se sua esposa era de segundo ou de terceiro grau.



Angustada. Assim
estava Helena,
como sempre
estivera nos...



Esoterismo

Angustiada. Assim estava Helena, como sempre estivera nos últimos cento e vinte anos de sua vida de apenas vinte e três. É, porque Helena vivia mais do que a vida. De sua febril criatividade, fazia os minutos se desdobrarem em horas. E vá vida, para todos os lados e todas as direções. E como da angústia nasce a busca, descobriu o esoterismo. Não poderia haver casamento mais perfeito. Helena passou a fazer cursos e principalmente a adquirir livros sobre o assunto. De preferência nos sebos, pois lhe disseram que esoterismo bom é esoterismo antigo.

À medida que se foi enfronhando no esoterismo, Helena passou a dirigir sua vida pelo horóscopo, tarô, mapa astral, búzios, etc. Não fazia nada sem consultar os oráculos. Chegou ao preciosismo de orientar-se esotericamente até para decidir sobre o tipo de roupa a usar, a pintura, se mais alegre, mais recatada, coisas assim.

Mas como não apenas de misticismo vive uma mulher, um dia, num bar da vida, Helena encontrou Vinícius. Do encontro ao namoro foram poucas horas. E passaram a viver uma paixão como aquelas de antigamente, do tempo do romantismo. No primeiro domingo de namoro, Vinícius convidou Helena para irem ao cinema. Ela pediu tempo para responder, não havia ainda colocado as cartas naquela manhã. Helena não iniciava o dia sem examinar nas cartas o que a sorte lhe reservava. E assim, como sempre fazia, sentou-se a uma mesa e calmamente colocou as cartas. Meditou bem sobre o que viu, depois disse:

- Não vai dar.

- O que houve? – perguntou Vinícius, que tinha os pés no chão e não acreditava lhufas em esoterismo.

- As cartas dizem que eu não devo envolver-me em qualquer aventura.

- Mas ir ao cinema é uma aventura para ti?



- Quando se está de azar, até sair da cama é uma aventura.

- Não acredito!

- É uma questão de respeito, Vinícius. A tua racionalidade termina onde começa o meu esoterismo.

- Helena – voltou Vinícius com jeito. – Tu só te apegas ao que não tem comprovação científica.

- E daí? A ciência não explica todas as coisas. A ciência explica o infinito? Não. Nem a vida ela explica. As coisas mais importantes, a ciência não explica. Se formos examinar com profundidade, veremos que o inexplicável domina quase tudo.

Naquele domingo ficaram apenas dentro de casa, assistindo a filmes na televisão e comendo pizzas pedidas por telefone, recebidas por Helena através de uma fresta da porta.

Mas permaneceram pensando, que isso as pessoas nunca deixam de fazer. E, evidente, ambos pensaram na forma de convivência entre dois cônjuges, sendo um racional e o outro esotérico. E, como num casal, após a modernidade, necessário se faz compreensão e renúncia, ficaram indagando-se qual deles deveria ceder. E ambos chegaram à mesma conclusão, de que apenas o racional tinha margem para renúncia. Para isso ele era racional, ora. O esotérico não. O esotérico é guiado por forças superiores, sobre as quais não tem poder.

- Lamento esclarecer – afirmou Helena -, mas em nossa convivência a renúncia caberá mais a ti.

- Está visto – disse Vinícius, racionalmente.

Os dias passaram, as semanas, até alguns meses. E, apesar da boa vontade de ambos, o relacionamento não estava suportando o choque entre racionalidade e esoterismo. “Um chato esse Vinícius”, pensava Helena. Racional demais. Não há quem aguente. E terminaram.

A solidão fez com que Helena se aprofundasse mais ainda no misticismo. Tudo o que fosse misterioso interessava. Filosofias



orientais, cabala, ritos tibetanos. Era sua fuga.

E assim estava quando, numa tarde de um dia qualquer, ao garimpar livros antigos num sebo, passou a trocar ideias com um desconhecido sobre gosto literário. E descobriu Percival, que também se interessava por misticismo. Da livraria foram para um banco de praça, onde permaneceram durante horas conversando sobre o assunto de que ambos gostavam. Ele também era solteiro. “Não acredito - pensou Helena - um homem esotérico disponível. Isso é uma verdadeira profecia celestina. Nosso encontro já estava escrito nos astros para acontecer”, filosofou. E passaram a namorar. Uma maravilha. Só falavam de mistérios, apalpando-se mutuamente nos chacras, que são centros de acumulação de energia espiritual distribuídos pelo corpo. Sentiam-se superiores aos demais mortais, pois tratavam de assuntos que poucos entendiam.

Os meses se passaram, chegou o verão. Estando a fazer dias quentes, Helena levantou a hipótese de passarem o fim de semana na praia. Percival aderiu à ideia. Mas tal decisão comportava profunda consulta esotérica. Entusiasmados, ambos colocaram as cartas do Tarô sobre a mesa de jantar e, num processo mediúnico, passaram a fazer as necessárias consultas. Utilizavam um método que lhes fora ensinado por um livreiro falido – que falira porque gostava tanto de seus livros que dificultava a venda. O baralho tinha vinte e duas cartas, os chamados arcanos maiores: o Mago, a Papisa, a Imperatriz, o Imperador, o Papa, os Namorados, o Carro, a Justiça, o Eremita, a Força, a Morte, a Temperança, a Torre, a Estrela, o Julgamento, o Mundo, o Enforcado, o Diabo, a Roda da Fortuna, o Sol, a Lua e o Louco. Uma hora de consulta, duas horas, três horas, quatro horas. Depois de cinco horas de consulta, o casal notou que as cartas estavam inquietas, alguma coisa estava errada. O que seria? Percival utilizou pensamento holístico e percebeu que haviam desaparecido três cartas: a Papisa, o Eremita e o Carro. Como? Estas cartas estavam presentes no início dos trabalhos. O que teria havido? Onde estariam? Durante as cinco horas de trabalhos, ninguém saíra da mesa, ninguém havia efetuado movimento acentuado, nenhuma carta poderia ter se perdido. Helena e Percival trataram de procurar as cartas perdidas. Olharam embaixo da mesa, das cadeiras, da



toalha, no meio das roupas, em toda a sala, em toda a casa. Nada. Nada das cartas. Pelas janelas, elas não poderiam ter saído, as janelas estavam fechadas. Mas as cartas tinham saído. E haviam saído esotericamente. Enquanto Helena e Percival efetuavam a interminável consulta, a Papisa e o Eremita, que haviam ficado entediados com tanta indecisão, resolveram de uma vez por todas colocar em prática uma aspiração que, em segredo, há séculos cultivavam: fugir juntos. Um escândalo esotérico, sem dúvida. E daí? Favas para as aparências esotéricas. E convenceram o Carro a levá-los até a praia, onde passariam o fim de semana.



O Clone

A humanidade ia de mal a pior. O excesso de zelo pelos direitos individuais havia mergulhado os grupamentos humanos em conflitos permanentes: religiosos, raciais, ideológicos, de gerações, do volume dos aparelhos de som, da prioridade no uso do banheiro. Ninguém mais se entendia. Cada pessoa queria fazer predominar seus direitos, nem que fosse com atos de terrorismo. Não gostava de alguém, mandava uma carta com pó. Mesmo sendo apenas talco, só para assustar, a fim de manter o clima de defesa da individualidade. O caos se aproximava. A Organização das Nações Unidas resolveu convocar uma assembleia geral para discutir a questão. Após semanas de debates, com renomados intelectuais dos diversos cantos do planeta, chegaram à conclusão de que a causa de tantos conflitos seria a profunda diversidade existente entre as pessoas. O ser humano, durante toda a história da humanidade, nunca suportou os defeitos alheios, a não ser que esses defeitos coincidissem com seus próprios defeitos. Aí então o ser humano fica complacente, “Ele tem o mesmo defeito que eu, deve ser compreendido e aceito”. É assim que todos pensam, desde o empacotador de supermercado até o chanceler plenipotenciário. Se os seres humanos tivessem os mesmos defeitos, todos se compreenderiam e absolveriam todos, porque ninguém condena a si mesmo. E todos viveriam em paz. A conclusão era absurda de tão óbvia. E decidiram colocar em prática uma ideia que há muito vinha-se acalentando - homogeneizar a humanidade através da clonagem. Mas qual o ser humano a ser clonado? Após outras semanas de discussões, concluíram que a forma mais democrática seria um sorteio. Construíram um globo gigante, desses de bingo, onde colocaram bolinhas correspondentes a todas as pessoas existentes no mundo. E, no intervalo do jogo final da copa mundial de clubes, entre o Milan e o Juventude, efetuaram o sorteio. E você foi o sorteado. Sorte para o mundo, não foi? Evidente, pois você julga-se um paradigma a ser seguido. Todos no mundo passarão a ser iguais a você. Os mesmos hábitos, costumes, virtudes e defeitos. Mas que mundo será esse? Num mundo constituído apenas de você



não haverá mais guerras? Os conflitos de fronteiras passarão a ser resolvidos apenas com negociação? Numa boa? “Está bem, fique com aquela ilha que possui jazidas minerais e nós ficamos com o estádio de futebol de Cidreira”, e depois fariam um brinde. Coisas assim. Tem tanta certeza? E fiscais de tributos? Precisarão existir? Ninguém mais sonegará impostos? Nem um pouquinho? Um pequeno equívoco, um esquecimento? Afinal, esses formulários da receita federal são tão complexos e estão sempre mudando. Pense bem. Você é que vai dar a medida da sonegação no mundo inteiro. Se você não sonega nada, a fiscalização sequer precisará existir, e a riqueza será muito mais bem distribuída. Haverá mais justiça social. Todos terão bom gosto na moda? A discrição, que é a base da elegância, disseminar-se-á em todos os recantos da terra, com todas as pessoas usando roupas adequadas em todas as ocasiões, sem nunca chamar a atenção? Essa a sua postura? Ou será ao contrário: as mulheres exagerarão na pintura, berloques e lantejoulas; e os homens, no uso de camisa escura com gravata, numa breguice que se tornará conhecida até na galáxia mais próxima? Ou quem sabe o mundo será uma festa geral, com todos saindo à noite, indo dormir às três horas da madrugada, chegando atrasado e com óculos escuros ao serviço? Expediente pela manhã, nem falar. Terá de haver um bar em cada quadra, com um consumo incalculável de cerveja e uísque? Quem sabe não. Quem sabe será ao contrário. O mundo será uma chatice geral, com todos dormindo às dez horas da noite, acordando às cinco horas da manhã para fazer ioga na praça? Hum? Serão todos fumantes, consumindo duas carteiras de cigarros por dia, com direito a fumar em qualquer lugar, até em sala de cirurgia? Será uma fumaceira geral, vista até de Marte? Haverá culto ao tabaco, hino, bandeira e memorial do Tufuma, que era o cigarro mais forte vendido na década de cinquenta? Ou quem sabe ninguém fumará, as fábricas de cigarros se transformarão em indústrias de complementos vitamínicos? E todos se entupirão de vitaminas, serão hipocondríacos, com medição permanente da pressão, da glicose, do colesterol, da temperatura corporal, do nível de hemácias no sangue e de tudo o que se puder controlar, com filas imensas para conseguirem a consulta mensal ao médico? E os médicos às vezes deixando de atender porque estavam consultando outros médicos? Ou pior, serão todos obsessivos-compulsivos, repetindo o mesmo gesto diversas vezes, ao lavar as mãos, fechar a porta,



efetuar qualquer tarefa, procurando sempre certificar-se de que tinham mesmo terminado o que se haviam proposto a fazer, num vaivém mundial capaz de deslocar o eixo geográfico do planeta? Serão todos cidadãos de confiança, ou estarão sempre a fazer sacanagens as mais diversas, sendo necessário um guarda a cada dez metros quadrados? E as piadas? Sendo todos iguais a você, saberão contar piadas? Ou no mundo inteiro apenas se ouvirão piadas sem graça, com as pessoas rindo apenas por educação? E a Delegacia da Mulher? Precisar\u00e1 continuar existindo? N\u00e3o sabe, n\u00e3o \u00e9? \u00c0s vezes, sabe como \u00e9... O certo \u00e9 que o mundo inteiro ser\u00e1 apenas voc\u00ea? Como ser\u00e1?



Janit estara na
divida. Devenia
mesma ...



A Identidade

Janito estava na dúvida. Deveria mesmo enfrentar a sorte na cidade grande? Gostava de levar essa questão para seus amigos, saber a opinião deles, que o ajudassem a decidir. Vários amigos ponderavam que sim, que em cidade pequena não há perspectiva para o futuro, quem puder deve tentar a vida em local de maior progresso. E citavam alguns exemplos de pessoas que saíram de sua cidade interiorana e se deram muito bem na metrópole.

- Olhem o caso do Nico Beçudo, que, apesar de esforçado e trabalhador, aqui nunca chegou a ter bom padrão de vida - disse um amigo. - Depois que foi para a cidade grande, conseguiu em emprego de assador numa churrascaria e hoje está muito bem. Apesar daquele beço, inclusive namorada ele arrumou e terminou casando. Quando vem nos visitar, até dá uma de importante. Sabe coisas que a gente aqui não sabe. E vive episódios que a gente aqui não pode viver.

Outros, talvez para não perder a amizade de Janito, procuravam demovê-lo com diversos argumentos, que havia muita ilusão na cidade grande, que não podia se confiar nesse pessoal que vinha de lá, contando maravilhas. Tinha muita mentira em todas essas conversas, pois ninguém queria dizer que havia fracassado. Alguns se limitaram a debochar dele, tendo alguém dito que ele, Janito, não passava de um mambira das grotas que nem sinaleira conhecia, o que iria fazer numa cidade grande?

Depois de meses de angústia, o ímpeto aventureiro de Janito culminou predominando. Ele resolveu tentar a vida na cidade grande. No dia da viagem, ajeitou a mala com toda a roupa que possuía e vestiu o casaco xadrezado que herdara de seu tio Gregório, o qual fora teatino e domador de cavalos, havendo morado em três estados do país. Por isso, quando vestia o citado casaco, Janito sentia-se importante. E não se esqueceu de engraxar os sapatos na rodoviária, antes de sair. De casaco xadrez e sapatos lustrosos, embarcou no ônibus. Apesar do natural nervosismo pela aventura, a viagem foi agradável, com muita conversa animada entre os conhecidos.



Chegando à cidade grande, todos os passageiros do ônibus foram levados para uma sala da rodoviária. Disseram que aguardassem, sentados em cadeiras de espera, a volta do funcionário que havia saído para almoçar. Janito não estava entendendo nada. Mas percebeu que os passageiros já não apresentavam a animação que haviam demonstrado durante a viagem, estavam todos em silêncio. Perguntou então para um conhecido o que estava havendo, por que tinham de ficar ali. O outro lhe disse que se tratava apenas de um detalhe burocrático e não lhe deu maiores explicações. Passado algum tempo, chegou o funcionário que os iria atender. Colocou-se atrás de um balcão e, palitando os dentes, foi recolhendo a identidade de cada um. Janito ficou surpreso. Ninguém havia lhe avisado sobre tal procedimento. Indagou do funcionário a razão da apreensão. Este, sem ao menos levantar os olhos, disse-lhe que era assim que as coisas funcionavam.

O maior impacto mesmo veio quando Janito pôs-se na rua. Apesar do casaco xadrezado e dos sapatos brilhando, ele não se sentiu bem. “Como pode alguém se sentir bem sem sua identidade? Sem identidade eu não tenho nem nome. Então não sou mais Janito Pedroso da Costa, como sempre fui até hoje, desde que nasci?” Foi acometido de uma sensação estranha e desagradável.

Na pensão onde iria parar, pediram-lhe que pagasse adiantado. “Mas como? Ele que nunca havia deixado de saldar qualquer dívida, independente de assinar papel ou não? Havia pago uma conta até para o Zeca Pitoco, conhecido por emprestar dinheiro e esquecer de cobrar. Além disso, sempre comprara de caderno na bodega do seu Nicanor e nunca havia deixado de honrar tal compromisso. Direitinho. Todo o fim de mês ele pagava, e o seu Nicanor riscava no caderno tudo o que estava escrito. E agora esse tratamento”. A dona da pensão, uma senhora volumosa e simpática, percebendo a contrariedade de Janito, tratou de amenizar o episódio, caprichando no sorriso e na amabilidade. “Pelo menos isso”, pensou Janito. “Alguém cobra adiantado, mas sorri e trata bem. Já é alguma coisa. Se tinha de pagar adiantado, pois bem, não fosse por isso”, e Janito pagou.



Na pensão, destinaram-lhe um quarto individual. Ajeitou sua pouca roupa nos cabides e gavetas e abriu a janela. A cidade grande. Prédios a perder de vista, ruas abarrotadas de veículos e pessoas, barulho indefinido e constante. Era tudo tão pesadamente diferente. Via centenas de pessoas se deslocando nas ruas e não conhecia ninguém. Em sua cidade natal, ele conhecia a todos, até os cachorros que perambulavam em qualquer lugar. Janito estava vivendo um choque de realidades, tendo a sensação de haver dado um salto no escuro.

Durante o jantar, servido no refeitório da pensão, conheceu outros hóspedes. Chegou a conversar com um deles. Ficou sabendo que ele também era do interior e estava há alguns meses na cidade grande. Em dado momento da conversa, Janito perguntou baixinho para o recém-conhecido se, ao chegar na rodoviária, também lhe haviam apreendido a carteira de identidade. O outro não respondeu de imediato. Ficou algum tempo olhando para Janito, depois disse:

- Olhe, meu amigo, esse procedimento é de rigor. Seria bom que todos tomassem conhecimento disso.

Passaram-se os dias. Janito arrumou o emprego que lhe haviam prometido ainda antes de sair de sua cidade natal. Animou-se um pouco com isso, passou a ter convivência com outras pessoas. Gentil que sempre fora, tanto em seu local de trabalho como em qualquer outro lugar, cumprimentava, sorria e puxava conversa muita vez sem haver a esperada reciprocidade. E de tropeço em tropeço foi assimilando a necessária indiferença.

Alguns meses depois, resolveu visitar a sua cidade natal. Estava com muita saudade de familiares, amigos, conhecidos, ruas, casas e árvores, tudo com que se acostumara desde o seu nascimento. Coisas que a ele pareciam irrelevantes em sua cidade natal, pequenos detalhes, agora, na ausência, haviam tomado importância que não imaginava pudessem ter. E lá se foi ansioso para a rodoviária. Na hora do embarque, foi-lhe dito que passasse na sala onde lhe haviam apreendido a identidade. Ficou temeroso. A sala não lhe trazia boas recordações. “O que haveriam de querer desta vez?” Mas teve uma grata surpresa. Mediante a apresentação do bilhete de embarque, foi-lhe devolvida a identidade, a qual



passou a vigorar já no interior do ônibus, onde se encontrou com conhecidos de longa data. À medida que conversava com os outros passageiros, Janito amiúde colocava a mão no bolso do casaco e apertava o documento. Como era bom tê-lo novamente. Voltou a ser o mesmo Janito de sempre.

Chegando a sua cidade natal, na residência de seus pais, onde sempre vivera, Janito foi festejado pelos familiares. Revelou como era sua vida na cidade grande, mas omitiu a circunstância de haver sido obrigado a deixar a identidade na rodoviária quando lá chegara. Evidente que alguns familiares sabiam de tal procedimento, mas ninguém desejou falar sobre isso.

Após muita conversa, tendo o pessoal se dispersado, Janito dirigiu-se ao seu local preferido na residência, uma ponta de rocha que assomava da terra nos fundos do pátio. Grande parte de sua infância se passara ali, era seu refúgio de criança. Ali brincara, meditara, descobrira-se a si mesmo. Como pode alguém ter saudade de uma pedra? Pois é. Mas nesses meses de ausência, na solidão de seu quarto na pensão, muitas vezes pensara em sua pedra. Agora estava ali, e sentia-se muito bem. Já havia pedido que ninguém tivesse a ideia de aplainar o terreno. Caso isso ocorresse, estariam lhe subtraindo parte de sua infância, e a infância é para sempre.

Depois disso, visitou outros lugares da cidade e muitos amigos. Todos queriam saber de sua vida, se afinal teria se dado bem com a mudança. Essa era uma pergunta que deixava Janito com dificuldade de responder. “Estava bem? Havia sido melhor ir morar na cidade grande?” A dúvida que ele tinha, antes de partir, na verdade continuava. Chegou mesmo à conclusão de que essa dúvida talvez fosse permanente. Enquanto estivesse na cidade grande estaria sempre em dúvida se lá deveria permanecer. Bem, mas para os amigos era mais sintético, dizia que sim, que estava tudo bem. Mas convivía com todos os seus amigos sempre com a identidade bem guardada em seu bolso.

Três dias depois, Janito voltava à metrópole. Na rodoviária, o mesmo procedimento, a apreensão da carteira de identidade. Dessa vez, Janito nada indagou. Apenas com tristeza limitou-se a entregar o documento. Na rua, não sentiu o impacto



da primeira vez. Estava consciente de que, na cidade grande, teria mesmo de viver sem a sua identidade.



Morri hi alguns
meses. E, a moer,
aprendi que...



Rincão da Porta

Morri há alguns meses. E, ao morrer, aprendi que os familiares sofrem muito mais do que o moribundo. Lamento haver chegado à referida conclusão quando não tinha mais condições de consolar meus entes queridos. Coitados. Sabendo o que hoje sei, faria o possível para deixá-los menos angustiados. O certo é que, algum tempo após minha morte, fui percebendo o valor da infância para um morto. Quanto mais me distanciava da vida, mais me aproximava da infância. Com insistência, passei a relembrar os primeiros anos de minha vida, transcorridos numa casinha perdida lá no Rincão da Porta. Oh, que tempo bom foi aquele. Embaixo da casa, havia um porão, onde eu e minha irmã construímos a venda de brinquedo. Era feita com caixotes de madeira e papelão. Tínhamos arroz, feijão, milho, tudo em latinhas de marmelada. Os tecidos, retirados de um baú de retalhos da mãe, mantínhamos enrolados em ripas de madeira. Os pedaços de fumo de corda ficavam sobre o balcão. A balança era de verdade, uma que havia lá em casa, tinha pesos e tudo, dois pratos e dois bicos de jacaré, acho que era jacaré aquilo, que acertavam o peso de um prato com o outro. Sentávamos em banquinhos de três pernas que subtraímos do galpão.

Num dia, minha irmã era a dona da venda e eu o freguês, no outro dia era o contrário. As compras, enrolávamos em papéis de embrulho que pegávamos na cozinha. Coisa difícil enrolar feijão e arroz naqueles papéis, eram quadrados. Manipulava-se o papel com três dedos em cada lado, em direção às pontas. Nas vendas de verdade, o que mais nos encantava era ver a destreza do bodegueiro ao fazer referidos embrulhos. Quando lá em casa aparecia alguma visita com crianças, ficávamos realizados. As crianças visitantes eram as freguesas: eu e minha irmã, os donos da venda. Nessas ocasiões, exibíamos nossa habilidade em pesar e embrulhar os pacotes de mantimentos. Minha irmã colocava também bonecas e outros brinquedos seus nas prateleiras da venda. Eu colocava carrinhos e bolas de gude. Mas a comercialização era apenas de brincadeira, é claro. Nenhum produto era retirado dali. E tinha até dinheiro. Com muita paciência, utilizando pedaços de papéis



de ofício, falsificávamos notas de diversos valores. Nas transações, sempre obtínhamos bom lucro. Éramos prósperos comerciantes.

Havia também a figueira, ficava na frente da casa, era uma árvore enorme que espalhava galhos horizontais para todos os lados. Quantas vezes, depois de fazermos alguma arte, corríamos da mãe e subíamos na figueira. A mãe xingava-nos lá de baixo, dizia que não poderíamos ficar nos galhos a vida toda, essas coisas. Mas não era apenas para fugirmos da mãe que subíamos na figueira. Subíamos porque era agradável ficar lá, tão aconchegante, tão fora do mundo. Gostávamos também de ir até o lago, procurar sapos que habitavam as margens, molhar os pés na água. Tudo isso escondido, é claro, pois havia severa proibição de nos aproximarmos do lago. Ah, se a mãe soubesse quantas vezes infringimos tal proibição.

Na adolescência, saí do Rincão da Porta e nunca mais voltei. Alguns anos antes de morrer, deu-me imensa vontade de voltar lá, rever a casa, o porão, a figueira, o lago. Havia notícia de que estaria tudo como antes. Quem poderia levar-me era meu genro, o único na família que possuía carro. Não pedi ostensivamente, é claro, mas dei várias indiretas, principalmente para minha filha. O genro sempre dizia que sim, que qualquer fim de semana. O tempo foi passando, um dia uma coisa, outro dia outra; a chuva, às vezes; as estradas ruins. Fui morrendo aos poucos, triste por não ter feito a viagem, uma lacuna grande que não sei bem como definir. Hoje, vago com o vento minuano à procura do Rincão da Porta.



As Férias de Carlos Fuentes

Quando Carlos Fuentes percebeu, outro motorista havia encostado o automóvel ao lado do seu, na rua, aberto o vidro da porta e passado a destratá-lo:

- O senhor não olha para onde dirige? – perguntou o desconhecido. – Há pouco, ali atrás, o senhor me fechou, quase me batendo. Acha que é dono da rua?

Após a surpresa, Carlos Fuentes abriu um sorriso franco e disse:

- O senhor vai me desculpar. Estou de férias.

- O que tem isso? – indagou o outro. – De férias ou não, é necessário ter cuidado no trânsito.

- Mas eu estou de férias – insistiu Carlos Fuentes, sempre mantendo a atitude mais amistosa possível.

O motorista agressivo nada mais disse. Apenas olhou curioso para Carlos Fuentes, depois acionou o veículo e foi embora pensando, “Também, dão a carteira para cada louco, não é para menos que o trânsito esteja assim”.

Seguindo como se nada tivesse acontecido, Carlos Fuentes chegou à farmácia onde trabalhava sua ex-namorada, por quem continuava perdidamente apaixonado. Inúmeras vezes, Carlos Fuentes estivera ali comprando remédios sem estar doente. Já havia gasto considerável quantia em Biotônico Fontoura, Sal de Frutas Eno, Pastilhas Valda e produtos assemelhados. Muitas vezes entrava na farmácia sem a mínima ideia do que iria comprar. Na hora, olhava para as prateleiras e pedia qualquer coisa. A compra era apenas um pretexto para ver a ex-namorada, o que deixava a moça irritadíssima. Mas Carlos Fuentes comportava-se formalmente, como se fosse um desconhecido. Limitava-se a pedir o remédio, pagar e sair. Não dava qualquer chance para a moça reclamar de sua conduta, estava exercendo um direito



de consumidor. E procurava entrar na farmácia sempre que já houvesse várias pessoas para serem atendidas; assim, ficava mais tempo no mesmo ambiente em que trabalhava sua musa. Comumente, quando chegava a sua vez de ser atendido, mas havia outra pessoa que entrara depois, ele gentilmente cedia o lugar: “O senhor tenha a bondade, eu não tenho pressa”; e ficava por ali, fazendo de conta que olhava as prateleiras. Na casa de Carlos Fuentes não havia mais lugar para guardar todos os remédios que comprara. Parecia até uma drogaria. Desta vez, contudo, foi diferente. Carlos Fuentes entrou resolutamente na farmácia, ignorou a ordem de atendimento dos demais fregueses, dirigiu-se para a moça e limitou-se a dizer:

- Magda, estou de férias. Vou ficar um mês sem voltar aqui. – E saiu sem nada comprar.

Na rua, Carlos Fuentes sentiu-se bem. “Ora, então as coisas estão mesmo funcionando”, pensou. E, assobiando um tango argentino, dirigiu-se para a empresa onde trabalhava. Nas proximidades, procurou um lugar na rua para estacionar, como sempre fazia. Não havia muita dificuldade nisso, pois a rua era de pouco movimento. Ocorre que, nas últimas semanas, aparecera por ali um guardador de carros, pedindo dinheiro para cuidar dos veículos, o que estava deixando Carlos Fuentes inconformado. Nunca havia dado dinheiro para o guardador de carros, mas, toda a vez que estacionava seu veículo, o outro se aproximava e pedia igual. E Carlos Fuentes tinha de negar mais uma vez. Já estava começando a se preocupar com a consequência psicológica de diariamente dizer não para alguém. “Que droga isso”, pensava sempre que estava manobrando o carro para estacionar, pois o guardador de carros não lhe dava tréguas. Um dia, a forma de dizer não era de um jeito; outro dia, era diferente, dependia do humor de Carlos Fuentes. Mas cuidava para não ser ríspido demais, isso a nada levaria. Agora, no entanto, quando da aproximação do guardador de carros, apenas sorriu e disse:

- Senhor, estou de férias.

Mesmo sem entender o que a circunstância de o freguês estar de férias tinha a ver com o ato de cuidar de veículos, o guardador de carros interpretou o sorriso como assentimento



para que ele cuidasse do automóvel. Quem sorri sempre dá alguma gorjeta, pensou. E tratou de dizer:

- Não precisa se preocupar, doutor. O automóvel ficará bem guardado.

Indiferente ao guardador de carros, Carlos Fuentes entrou em seu local de trabalho. Havia ali um colega de serviço que mantinha com Carlos Fuentes velada animosidade, tudo em virtude de discussões por causa de regras de português. Esse ambiente começara com troca de ideias sobre a utilização de crase antes da palavra casa, num texto. Não se entenderam. Daí em diante, estabeleceu-se entre ambos uma guerra gramatical, um sempre apontando o erro do outro, era porquê junto ou separado, utilização de estrangeirismos, flexão do infinitivo e coisas do gênero. E não era brincadeira não. Se um deles pudesse, de fato humilhava o outro, circunstância proporcionada pelo fato de que todo o material escrito na repartição tinha de passar por ambos.

E foi isso que ocorreu mais uma vez. Logo que Carlos Fuentes havia sentado à sua mesa de trabalho, seu cordial inimigo aproximou-se com um papel nas mãos, sentou-se na cadeira de aproximação, cruzou as pernas e, com ar de superioridade, passou a tecer críticas sobre a colocação de um pronome oblíquo que Carlos havia feito. Falou sobre ênclise, próclise, mesóclise, eufonia e questões afins. Carlos Fuentes deixou que o outro argumentasse à vontade e limitou-se a olhá-lo como se não o estivesse vendo. Cansado de tanto argumentar e não percebendo a costumeira reação, o colega indagou da posição de Carlos Fuentes sobre o assunto.

- Estou de férias – respondeu Carlos Fuentes.

- Como? – perguntou o outro.

- De férias. Estou de férias. Não entendeu?

- Claro que não! Você não está trabalhando?

- Estou trabalhando e ao mesmo tempo estou de férias.

O colega ficou quieto. Com cuidado, apanhou os papéis



que havia colocado sobre a mesa e calmamente afastou-se, concluindo que Carlos Fuentes não estava bem da cabeça. Mas não perdeu tempo. Imediatamente comunicou o episódio ao gerente da repartição.

O gerente chamou Carlos Fuentes para uma conversa.

- O senhor teria dito que está em férias? – perguntou o gerente.

- Estou – respondeu Carlos Fuentes.

O gerente permaneceu em silêncio. Levantou-se, serviu-se de água, ofereceu um copo para Carlos Fuentes, que aceitou, e voltou a sentar-se. Após algum tempo, ponderou:

- Seu Carlos, ninguém lhe deu férias. Além disso, o senhor continua trabalhando. Como pode dizer que está em férias?

- De fato, a agência não me concedeu férias, nem eu postulo tal coisa – respondeu Carlos Fuentes. – Fui eu mesmo quem me concedeu trinta dias de férias.

- Mas que férias são estas em que o senhor continua trabalhando? – insistiu o gerente. – O senhor deve estar com algum problema. Se eu puder ajudá-lo, pode contar comigo.

- Pelo contrário – respondeu Carlos Fuentes. – Estou de férias justamente dos problemas, não do serviço da agência. Consegui tirar um mês de férias de todas as questões que ostensivamente me afligem a alma, dar um descanso para a mente, sabe? Aconteça o que acontecer, neste mês dificilmente terei algum tipo de problema. Ocorreu o seguinte: há algum tempo eu vinha postulando junto aos demônios do subconsciente que pudesse ficar algum tempo livre deles. Insisti muito, argumentei das mais diversas maneiras. Por vezes, cheguei até a me humilhar. Disse que estaria disposto a fazer qualquer coisa se eles me dessem uma folga. Debalde. Não houve jeito de os demônios do subconsciente me esquecerem, mesmo que por breve tempo. Lacônicos, apenas se limitaram a dizer que possuíam crueldade inata, incompatível com qualquer concessão. Foram até grosseiros, dizendo que de nada adiantava eu continuar a perturbá-los.



Concluindo que, com os demônios do subconsciente, eu nada conseguiria, voltei-me para os diabinhos do consciente. O diálogo foi outro. Percebi que estes eram mais flexíveis, abertos a novas ideias. Não que os diabinhos do consciente fossem mais éticos que os demônios do subconsciente. Ao contrário. Pareceu-me até que fossem muito mais sacanas. E, por isso mesmo, achei que estariam dispostos a aceitar algum tipo de negociação, sabe como é. Vi logo que eles tinham o seu preço. Quando eles deram abertura neste sentido, não me fiz de rogado. Perguntei o que eles queriam em troca de algum tempo de folga. Eles se reuniram, confabularam e me propuseram o seguinte: férias por férias. Eles me dariam férias de trinta dias se eu lhes proporcionasse, pelo mesmo prazo, um cruzeiro marítimo, em navio de luxo, com bebida à vontade. Veja só a audácia. Mas, para surpresa deles, aceitei imediatamente. Neste momento, já estão em alto-mar. E eu estou aqui, livre dos diabinhos do consciente, em férias de mim mesmo. Nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Sem os diabinhos do consciente, as pequenas vicissitudes tornam-se irrelevantes. É outra vida.

O gerente aceitou as ponderações de Carlos Fuentes e ficou pensando, seriamente, em também ele tentar algum tipo de negociação interna com o objetivo de conseguir férias nos próximos dias.



Caminhos
difíceis de se
apoiando-se nas...



O Infante Exposto

Caminhou com dificuldade, apoiando-se nas cadeiras, no balcão, caindo, levantando, até chegar onde estavam os copos. Apanhou um e ficou a observar o reflexo que a luz causava no vidro. Virou o copo de um lado, de outro, e resolveu deixar cair no chão para ver o que acontecia. O copo caiu, fazendo barulho e espatifando-se, com pedaços de vidro sendo lançados em diversas direções. Inicialmente ele assustou-se com o som, depois se refez e ficou olhando para aquele interessante fenômeno. Ouvindo o barulho, Teresa, a empregada, veio correndo. Ao ver os cacos de vidro pelo chão, enfureceu-se:

- Tu já estás quebrando copo, peste.

Pegou Janito pelo braço e deu-lhe várias palmadas com força em diversas partes do corpo. O menininho pôs-se a chorar.

- É melhor parar de chorar, peste. Se chorar mais, eu lhe dou outras palmadas – disse a empregada.

Janito sabia que, se chorasse com mais insistência, de fato iria voltar a apanhar. Então procurou controlar-se e recolheu-se a seu local preferido – um canto da sala. Era seu refúgio, este cantinho, perto de um sofá. Ia para ali sempre que alguma coisa grave lhe acontecia. Gostava de sentir uma parede de cada lado, encostada a seu corpo, isso lhe dava alguma sensação de proteção. O sofá um pouco à frente ajudava nesse abrigo. Agarrou com força o travesseiro de cheirar e, sentado no assoalho, ficou a observar a empregada que trabalhava na cozinha, aparecendo e desaparecendo através da porta. Depois, soluçando baixinho, tentou pronunciar uma das poucas palavras que sabia: *mama*. Ficou repetindo várias vezes, de forma espaçada: “*ma...ma...mama...*” agarrando o travesseirinho, cheirando-o, ajeitando-se no cantinho. Outra palavra que estava tentando dizer era *peste*, pois assim era chamado durante todo o dia. De tanto ouvir esta palavra, tentava reproduzi-la, dizendo “*peti...peti*”. Também já andara dizendo a palavra *tata*, mas raramente a reproduzia, tinha medo da *tata*. Ela quase não o deixava fazer nada: tirar uma



cadeira do lugar, puxar um guardanapo de cima da mesa, brincar com as panelas. Ainda o obrigava a ficar sentado no penico tempo, tempo, até fazer cocô – mesmo que não tivesse vontade. E não podia levantar, era muito perigoso, pois, se levantasse, o bicho-papão viria pegá-lo à noite. E todos diziam que era balda quando implorava para não ficar sozinho na hora de dormir. A única atividade permitida era ficar sentado no sofá, assistindo à televisão. Mas Janito era muito pequeno para tanta paciência. Assistia durante alguns minutos, depois descia do sofá e queria movimentar-se, explorar o ambiente, circunstância que deixava a empregada sempre irritada.

À tardinha, como fazia todos os dias, a empregada deu banho em Janito, colocou-lhe roupa limpa, deixou-o bonitinho e arrumadinho para receber a mãe, que trabalhava fora durante todo o dia. Quando esta chegou, Janito foi-se para seu colo. Aninhado em sua segurança, começou a pronunciar a palavra *mama...mama*. Depois disse: *peti*.

- *Peti? O que é peti, meu filho? – indagou a mãe. Perguntou para Janito por perguntar, é claro, pois este apenas estava aprendendo a falar. De qualquer sorte, para a mãe, uma palavra nova dita pelo filho era uma grande novidade. E ela dirigiu-se para a empregada com a mesma indagação:*

- *Teresa, o que ele quer dizer com peti?*

- *Não sei, dona Zuleica. Deve ser o nome de algum personagem de programas de televisão.*

- *Que bom, meu filho. Este talvez seja o teu primeiro amiguinho – disse a mãe, que passava o dia fora de casa.*



Canos e Agulhas

Quando a gente morre, fica com o queixo caído. Tenho notado isso nos momentos em que me sinto mais fraco. O queixo se vai. Então, me esforço, fecho a boca. Não quero dar má impressão aos meus filhos. Fiz a volta no arbusto, encontrei o passarinho do outro lado. Espichei o bodoque com cuidado e atirei. Errei. Quase nunca consigo acertar. Meu pai tem razão em não querer que eu use bodoque. Vivo errando o alvo, atingindo os porcos, as galinhas, os vidros. Até apanhei por isso. Ih, a porteira ainda está caída. Não sei pra que tudo isso. Esses canos no meu nariz, no meu braço, essas agulhas. Esse monte de remédios. Quando tento puxar um cano, pulam em cima de mim, me seguram. Já vivi muito. Ninguém pode viver pra sempre. Que sacrifício, meu Deus. A falta de ar, o sufoco. Alguns ainda dizem: “o senhor vai ficar bom”. Conversa. Tô nas últimas. Só pele e osso; e velho deste jeito. O Deodato não era velho. Moço e esperto. Me vendeu uma égua manca, o sem-vergonha. Mas ele me paga. Vou encontrá-lo na bodega no fim de semana. Faz vinte anos, trinta, que o Deodato morreu? Não fui ao enterro, me logrou. A égua, passei adiante. Lá vem ela de novo com aquela colher de chá. Não vê que eu não consigo engolir direito? O chá desce pelas minhas barbas, me molha o pescoço. Já não aguento esta cama. Não posso mudar de posição por causa do soro. Me dói tudo. “A dor passa em seguida, dona Gracinha”, a parteira avisando. Todo mundo está na sala esperando. A mãe vai ter um nenê. Que coisa. Sou tão pequeno ainda, pra que irmão? “Libório. Não, Libório foi no hospital. Juvenal, então”. O pai ficou esquisito sem bigode. Pra que me fincar de novo essa agulha? Não chega o pouco sangue que tenho, ainda ficam me tirando. Coisa ruim esta falta de ar. Não me aguento. Estou entregue há dias. E não consigo falar, pedir que parem com esta judiação, me deixando morrer ao natural. Não posso nem fechar a boca direito, o queixo sempre caindo.

(Crônica premiada no concurso Prêmio Habitasul - Correio do Povo Revelação Literária 1982.)



Felicidade é
uma paixão
sua vida!
hábitos.
finha
cultura



Devaneios

Feliciano tinha uma fixação em sua vida: cultivar hábitos. Na vida tudo é hábito, dizia ele. Afirmava que o hábito se perde ou se adquire, basta um pouco de disciplina. E que essa filosofia funciona para quase tudo, desde as práticas mais corriqueiras e gratificantes como as mais árduas e difíceis. Se desejasse aprender alguma coisa ou fazer algo diferente, Feliciano reservava um horário para tal, todos os dias, nem que fossem quinze minutos, e em dois ou três dias já havia criado o novo hábito. Depois, tudo se torna mais fácil. No início a gente cria o hábito, depois o hábito conduz a gente, doutrinava Feliciano.

- Isso não seria uma espécie de escravidão? – perguntou-lhe um amigo, após ouvir suas pregações sobre o cultivo de hábitos.

- De certa forma sim - respondeu Feliciano. – Mas esta situação é universal. Todos são escravos de seus hábitos, do operário padrão ao mendigo de rua. Todos procuram manter uma certa rotina, cultivando coisas de que gostam ou que precisam fazer. A sabedoria está em escolher os hábitos com critério. Negociar com os hábitos. E, de preferência, dominar os hábitos, mostrar quem é que manda, invertendo a relação de escravidão.

Depois completou, levantando os braços e aumentando o volume da fala:

- Ah, se o mundo me ouvisse! Se acreditasse em mim! Haveria mais disciplina e tudo funcionaria melhor. Mas não. Quando eu falo, ninguém dá a mínima importância para minhas ideias. Fazem ouvidos moucos sobre o que eu digo. Moucos.

Mesmo sem saber o que vinha a ser ouvidos moucos, o amigo sacudiu a cabeça, deu uma desculpa e tratou de se afastar.

Também com sua família os hábitos de Feliciano comumente causavam transtorno. Seguidamente deixava de fazer algum programa com a esposa ou com os filhos para manter o cultivo de hábitos.



- Malditos hábitos – costumava dizer sua mulher.

- Os meus hábitos é que sempre puseram o pão em tua mesa – respondia Feliciano. Quando respondia. No mais das vezes, deixava a mulher falando sozinha.

O certo é que, havendo colocado em prática essa filosofia de vida, Feliciano obtivera algum sucesso profissional e pessoal. E usava o referido argumento como reforço para a tentativa de difusão de suas ideias sobre a importância dos hábitos. Sempre que podia, falava sobre suas teses.

Mesmo já estando em idade propecta, mantinha-se fiel aos seus princípios, cultivando sempre disciplina diária. Agora, não tanto com tarefas árduas e desgastantes. No mais das vezes, com atividades de lazer, como ler o jornal após o café da manhã. Esse era um dos melhores momentos de seu dia. Tomava o café, abria a porta, apanhava o jornal que o zelador havia ali colocado bem cedo, com ele ia fazer suas coisas no banheiro, depois sentava-se em sua poltrona predileta para ler o restante do jornal. E não lia o jornal apenas por cima, não, como fazem algumas pessoas. Lia o periódico de capa a capa. Interessava-se por quase todos os assuntos, noticiário local, internacional, economia, esporte, cinema, literatura, obituário e outros. Só não lia a seção de horóscopo, não acreditava em coisas tais.

E assim Feliciano estava, naquela manhã de inverno, lendo a notícia de um chinês que havia prendido a mulher no quarto para ela não perturbá-lo enquanto assistia a jogo de futebol da Copa do Mundo, quando as coisas começaram a mover-se, a mesa ia para um lado, o abajur para outro, o próprio jornal não parava quieto. Ele encostou-se para trás, na poltrona, e tudo passou a girar, a girar, os outros giravam, pois era uma valsa. Ele tentava dançar, um passo para a direita, outro para a esquerda, às vezes dava dois passos para o mesmo lado, mas quando ele ia, Heleninha estava voltando, mesmo assim ela saía dançando com ele, ambos valsando em roda, leves, sem encostar na pista, e ele ficava olhando para eles. Agora dançava bem, puxa como dançava. A sirene da ambulância estava longe, parecia o apito de um trem que não chega nunca, se vem o trem e se vem, e não chega e não chega, aparece na curva, já vem, agora ele vem, e não chega e



não chega, tudo se sacode, a terra, a gare e o trem que não chega, as árvores vêm e voltam à espera do trem, os trilhos entortam-se, enroscam-se, e uma vaca passeia em meio às ferragens. As rodinhas da maca dão estalidos de traque, a fogueira de São João, os foguetes, as bombas e os estalidos de traque. O fogo ardendo bem grande, e tudo se indo para frente. As pessoas correndo junto ao fogo, se indo folhagens, fogo, arbustos, os foguetes se indo também, estourando, as bombas, e os estalidos de traque se indo, e o fogo dobrando uma esquina e tudo também. A massagem no peito, o soco, a briga na saída do colégio, os livros esparramados pelo chão. Mais socos, mais socos, tentava defender-se, estava seguro, alguma coisa o prendia, os braços não iam para frente, e o seu colega Bicudo dê-lhe socos, no peito sempre. Ah, agora um pontapé, pois o Bicudo gostava de dar pontapés, e no peito sempre, a Heleninha olhando, e todos rindo, a namorada também. Os postes, as casas, tudo sacolejando-se de tanto rir, só o Bicudo sério, e dê-lhe socos. A picada na veia, as formigas imensas da fazenda do tio. Os lagartos, as vespas, todos atracaram-se em seu braço, mordiam, arranhavam. O tio, com bigode comprido, caminhava por perto, não ouvia seus gritos, lidava com o cavalo, eh! cavalo, eh! cavalo. Um laço prendeu-o na parte de cima do braço, apertou-o com força. Os cinamomos da frente da casa agitavam-se com se houvesse ventania. As folhas amarelecidas espalhavam-se pela fazenda, rolavam no chão. Depois tudo foi se aquietando, já não havia mais lagartos, nem vespas, nem formigas, só folhas caídas paradas e as coisas ficando sem cor.



Meses antes do
casamento, J. V. e R. D. L.
e Leticia trataram
de . . .



O Castelo

Meses antes do casamento, Jurandir e Leticia trataram de planejar o seu castelo. Examinaram revistas de arquitetura, fotografias de castelos já existentes, vídeos sobre o assunto, plantas baixas e memoriais descritivos. Estavam muito entusiasmados, os noivos. Utilizavam boa parte do dia a efetuar pesquisas nesse sentido. Por fim decidiram-se pela construção de um castelo imponente, grandioso, exuberante, como raramente é visto. E ficaram mais entusiasmados. E fizeram um brinde ao novo castelo. E com esse ânimo casaram. Logo depois das bodas, puseram mãos à obra. Era um trabalho diário, com horário integral, sem folga aos sábados, domingos e feriados. Mesmo porque tudo estava para ser construído, e o castelo precisava ser erguido pedra sobre pedra, desde o alicerce. Apesar da grandiosidade da obra, impossível solicitar auxílio a terceiros. Todo o trabalho tinha de ser realizado pelos cônjuges, com suas próprias mãos. E cada um deles precisava, individualmente, adquirir o material que utilizaria em seu trabalho de construção.

No início, foram escrupulosos na aquisição do material. Entravam em contato com firmas idôneas e procuravam certificar-se da procedência e da qualidade dos produtos que compravam. Discutiam com fornecedores, reclamavam das propagandas enganosas, pensavam e repensavam sobre a decisão de cada compra. A conduta exigia muita determinação e postura. Mas isso não durou muito. Até porque, da escolha do material, o outro cônjuge normalmente não tinha conhecimento. A escolha decorria exclusivamente das condições personalíssimas de cada um dos parceiros. Assim que, em poucos meses, ambos passaram a utilizar material de terceira categoria. Eram mais baratos, mais vulgares e muito mais fáceis de serem adquiridos. E a oferta então? Era imensa e tentadora. Bastava um telefonema, um bilhete ou até um olhar e o material desejado já estava na obra. O pagamento era facilitado das mais diversas maneiras. Daí que ambos os cônjuges passaram a utilizar tijolos da falsidade, cimento da intransigência, brita da mentira, telhas do rancor, janelas do egoísmo e portas da traição.



Apesar da bonita aparência externa, o material utilizado deixou o castelo com estrutura muito fraca, desde o alicerce. Se ao menos um dos cônjuges tivesse utilizado outro tipo de material, a obra teria um pouco de solidez. Mas não. Ambos haviam adquirido material assemelhado. Tanto fora assim que, em algumas oportunidades, Jurandir e Letícia, por questão de detalhes, não haviam casualmente se encontrado na mesma loja onde faziam compras. Seria um escândalo. Em virtude da fragilidade da construção, qualquer brisa do aborrecimento fazia o castelo balançar. Por isso, no primeiro vento do imponderável, o castelo ruiu parcialmente, deixando à mostra a qualidade ordinária do material com que fora construído.

Como o castelo tornara-se inabitável, cada cônjuge foi para local distinto, à procura de abrigo. Era uma situação muito difícil. Quem está acostumado a morar num castelo, mesmo com pouca solidez, encontra acentuada dificuldade em viver longe de seus muros. Assim, passados alguns meses, resolveram juntos reconstruir a obra. Com toda a boa vontade, puseram-se a ajeitar as janelas quebradas, as portas caindo, as paredes trincadas, numa reforma geral. Mas como as pessoas, através da vida, têm a tendência de utilizar sempre o mesmo tipo de material em suas construções, mais uma vez não resistiram às ofertas fáceis e voltaram a adquirir produtos de terceira categoria. E o castelo, depois da reforma, ficou tão frágil quanto antes. Daí que um novo vento pôs tudo abaixo. Desta vez não ficou pedra sobre pedra. E os filhos ficaram soterrados sob os escombros.



O Casamento Moderno

As encrências começaram com a promulgação da Constituição de 1988, a qual terminou com o cabeça de casal, que era o título que se dava ao marido como chefe da sociedade conjugal, e culminaram com o novo Código Civil que entrou em vigor em janeiro de 2003, extinguindo o pátrio poder. A partir daí, a mulher passou a ter o mesmo poder que o marido tanto no controle remoto da televisão como na pessoa e bens dos filhos.

Santelmo, que mesmo antes dessas datas tinha dificuldade de manobrar sua esposa Estelina, ficou indignado:

- Isso é um estelionato legislativo. Deveriam pelo menos respeitar o direito adquirido. Nos casamentos convolados antes dessas modificações legislativas, deveriam valer as normas anteriores. O cara casou pensando que iria mandar e agora se vê nessa difícil situação.

- Como assim? – perguntou Estelina.

- A história do casamento tem três fases – disse Santelmo. – A primeira é a fase ecológica, em que o homem impunha-se à mulher pela força física. Isso durou milhares de anos. Não era de todo ruim, pois obedecia às normas da natureza. Sendo o homem mais forte que a mulher, ele mandava e ela obedecia, como ocorre com grande parte dos mamíferos. Por que você acha que a natureza dotou o homem de maior força física que a mulher? Para mandar nela, ora. E, mantendo-se essa consonância com a natureza, a humanidade progrediu.

- Mas muito lentamente – disse Estelina.

- Depois, com a sofisticação da humanidade, veio a fase da preponderância legal, em que o homem mandava apenas por força de lei. Apesar de nunca ter havido o adequado respeito a citadas normas, a simples existência de leis nesse sentido trazia certo conforto para o homem e auxiliava no equilíbrio matrimonial. Era uma espécie de ditadura legal. Agora, terminaram com a ditadura



e não criaram nada em lugar dela.

- Criaram a democracia matrimonial, Santelmo. Acorda. Sai das cavernas.

- Discordo. Uma democracia somente pode existir a partir de um grupamento humano constituído de três pessoas, pois é da essência da democracia a preponderância da vontade da maioria. Mas o casamento é constituído de apenas duas pessoas. Não se pode falar em maioria. Vai pro voto, a divergência termina empatada. Decididamente não pode haver democracia num casamento. E se não é ditadura nem democracia, no que os legisladores transformaram o casamento? Num impasse. Essa a terceira fase do casamento. A fase do impasse. O casamento, que sempre fora uma coisa difícil, agora foi transformado nisso. Não há mais força física, não há mais lei, não há mais nada. Doravante, como vão ser resolvidas as divergências conjugais? Apelando-se para o síndico do edifício? Criando-se um Tribunal de Quarteirão? Ou o quê?

- Mais do que nunca o diálogo se faz necessário - disse Estelinha.

- Pois aí reside o grande problema. Restou apenas esse tal de diálogo. Como o homem fala pouco, utilizando por volta de sete mil palavras por dia, a mulher, em virtude de sua loquacidade, com aproximadamente vinte mil palavras por dia, passou a levar expressiva vantagem no casamento. E, para o excesso de loquacidade, não existe lei. Os legisladores não se detiveram nesse importante aspecto. Tornou-se o homem, portanto, a parte fraca na relação. Sem lei que o proteja da mulher, está condenado o homem a administrar essa nova situação com a melhor arma de que é dotado: a paciência.

- Tadinho - disse Estelinha, com o controle da tevê na mão.



O Exterminador de Leis

Ao acordar pela manhã, Narciso espreguiçou-se como se fosse um simples mortal. Levantou-se, olhou-se durante longo tempo no espelho e lavou o rosto com pétalas de rosas. Ingeriu o desjejum servido pelas ninfas, acomodou-se em sua almofada de penas de ganso e deu início a uma de suas tarefas cotidianas: examinar o diário oficial. Ah, maravilha! Uma lei nova. E justamente uma lei visando combater a criminalidade, tornando mais rigoroso o trato com os delinquentes.

- Viva! - gritou bem alto.

Tão alto que, amedrontadas, as ninfas voaram para os lados. Minerva, que limpava sua armadura em outra peça da casa, correu para ver o que acontecia.

- Uma lei nova – disse Narciso. – Era disso que eu estava muito precisando. E trata-se de lei importante, que haverá de causar muita repercussão. Essa é mais uma oportunidade para eu mostrar minhas incomparáveis qualidades intelectuais. Com minha perspicácia, vou dissecar todos os artigos, parágrafos e alíneas, utilizar todos os métodos de interpretação conhecidos – e, se for preciso, até desconhecidos – e, afinal, apresentar equívocos e imperfeições que dificultem ou impeçam a aplicação integral da nova lei.

- Mas Narciso – disse Minerva, com a voz pausada -, os índices de criminalidade entre os humanos brasileiros têm-se mostrado insuportáveis. E a aplicação dessa lei, deixando pessoas perigosas na cadeia, vai diminuir o número de delitos, fazer menos vítimas.

- Essa para mim é uma questão menor, Minerva – voltou Narciso, levantando o nariz. – Você não pode olvidar que todo o semideus como eu, mesmo obrigado a viver entre os humanos, deve cumprir o seu destino. E o meu, todo o Olimpo sabe: é cultivar a vaidade a qualquer preço. Para isso fui criado. Por isso, pouco estou ligando para índices de criminalidade. Para o destino de outras pessoas, entende?



- Mas não dá para cultivar a vaidade construindo, ao invés de destruir? – perguntou Minerva.

- Se eu me dedicasse a outro ramo do conhecimento humano, sim – respondeu Narciso. – Se eu fosse cientista, procuraria me promover através de descobertas úteis à humanidade. Mas, na área do Direito, a maneira mais fácil de cultivar a vaidade é destruindo leis. Sustentar ou simplesmente aplicar uma lei, da forma como ela foi editada, não confere notoriedade a ninguém. Tal postura pode ser apenas do interesse social, o que para mim é mais ou menos indiferente. Ademais, para um semideus como eu, não é difícil destruir leis, já que a lei é uma mera criação dos mortais, e, como tal, sempre apresenta falhas aqui ou ali.

Sacudindo a cabeça em sinal de desaprovação, Minerva foi tratar de seus afazeres. Narciso, por sua vez, advertiu as ninfas para que fizessem silêncio, concluindo:

- E principalmente evitando essas risadinhas idiotas que vocês têm a mania de dar depois de cochichos que seguramente devem envolver apenas assuntos sem fundamento.

E foi para seu lugar preferido na casa: um divã rodeado por três espelhos, de forma a poder admirar-se enquanto trabalhava. E mergulhou nos livros. Absorto, durante dezoito horas limitou-se a trabalhar e a olhar-se. Quando o sol estava raiando, novamente proferiu um de seus característicos gritos, acordando a todos na casa, e, satisfeito, deu por encerrado seu trabalho. Pediu então que as ninfas o banhassem em água quente, depois dormiu durante dois dias. Na manhã do terceiro dia, acordou mais narciso do que nunca. No desjejum, como de hábito, reclamou, destratou e debochou das ninfas que o serviam. Decididamente, a ele parecia não haver no Olimpo, muito menos na Terra, alguém à altura de sua perfeição. Não é fácil a vida de Narciso, pensava sempre.

Depois de admirar-se mais uma vez em frente aos espelhos, dirigiu-se à reunião da Academia dos Exterminadores de Leis. A Academia tinha por objetivo reunir juristas que se dedicavam a causar o maior dano possível ao direito positivo nacional, substituindo os textos legais por teses criadas por eles mesmos. O grupo era restrito, de difícil ingresso. Apenas



podiam fazer parte da Academia juristas aprovados em testes de vaidade, exibicionismo, egoísmo, megalomania e imodéstia. Seus integrantes invejavam-se e admiravam-se mutuamente. Mas eram muito unidos e apoiavam uns aos outros. Vibravam com cada conquista, com cada norma legal que conseguiam destruir, ou pelo menos enfraquecer. Nessas ocasiões, faziam memoráveis banquetes, quando todos eram obrigados a elogiar a todos e todos ficavam satisfeitos. Muito satisfeitos. Mesmo que houvesse ciúme e hipocrisia nos elogios. Foi para esse seletto grupo que Narciso dirigiu a palavra naquele dia. Tendo sido o primeiro a apontar hipotéticas incongruências na nova lei, questões meramente formais, foi ovacionado calorosamente pelos companheiros de confraria. Sua conferência havia sido um sucesso. Ao término da reunião, os acadêmicos estavam munidos de engenhosos argumentos para atacar a lei em estudo, e cada um brilhar em seu meio jurídico. Satisfeito, Narciso deixou o recinto. Na rua, estufou o peito. Com desdém, olhou para os simples mortais. E considerou-se simplesmente o máximo.



O advogado
Leivinha
Procurador
familiar de...



Armazém de Secos e Molhados

O advogado Leivinha foi procurado pelos familiares de Zelão, famoso delinquente que estava sempre implicando com a vida e o patrimônio alheios e que mais uma vez encontrava-se preso. Seus familiares queriam que o advogado desse um jeito de colocá-lo em liberdade.

- O caso é muito grave – disse Leivinha. – Dessa vez o Zelão exagerou.

- Sabemos disso – ponderou um dos familiares. – Por isso mesmo procuramos o senhor.

Sentindo-se valorizado, o doutor Leivinha empertigou-se em sua cadeira e levantou a sobrelanceira direita, gesto que sempre fazia quando se sentia a cavaleiro da situação. Acertados os honorários, o advogado disse:

- Agora, deixem tudo comigo.

O doutor Leivinha era um advogado muito experiente. Não que tivesse grandes conhecimentos jurídicos ou que fosse um profundo estudioso do Direito. Não. Sua advocacia era mais prática que doutrinária ou jurisprudencial. Mas nem por isso era menos eficiente. Como ele mesmo gostava de dizer, “advogar é não perder prazos; o resto a gente administra”. Conhecía todos os meandros do funcionamento da Justiça na área criminal. Sabia a posição jurídica dos membros do Ministério Público e dos magistrados, bem como a vida pessoal dos servidores do Fórum. Com manhas, sutilezas e personalidade envolvente, sabia como tirar proveito de citados conhecimentos. E, dessa forma, terminava logrando êxito em muitos processos.

No outro dia, pela manhã, o doutor Leivinha levantou-se cedo, foi até seu escritório, abriu um cofre e, de dentro dele, retirou a moeda jurídica mais valiosa que existe em nosso meio. Depois, para não chamar a atenção, apanhou uma sacola discreta que sempre utilizava nessas ocasiões, colocou a moeda jurídica



dentro e, de automóvel, dirigiu-se para o subúrbio da cidade.

Numa rua pouco movimentada, o doutor Leivinha estacionou junto a um armazém de secos e molhados. Certificando-se de que o ambiente estava normal, entrou no estabelecimento comercial. O armazém pertencia a Thêmis, a deusa da Justiça. Cansada de ser ignorada, desrespeitada e até criticada, e principalmente por estar mal de finanças, a deusa da Justiça resolvera deixar de lado o nobre objetivo pelo qual fora criada e decidira estabelecer-se com aquele pequeno armazém. Mas as mercadorias expostas nas prateleiras eram apenas de fachada. Na verdade, Thêmis, a deusa da Justiça, vendia produtos para delinquentes, para facilitar a vida deles perante os pretórios. Em troca, aceitava diversas moedas, que eram os defeitos dos operadores do Direito, tais como a arrogância, o descompromisso social, a preguiça, a negligência, a covardia e outras que tais.

Ao chegar ao armazém, o doutor Leivinha foi muito bem recebido pela deusa, eram velhos conhecidos. Ela o levou para uma salinha nos fundos da casa e serviu-lhe um cálice de hidromel, que é a bebida dos deuses, um líquido alcoólico fermentado à base de mel e água. Após fazerem um brinde à amizade, o doutor Leivinha pediu para Thêmis a liberdade provisória de Zelão. Inicialmente, a deusa relutou: o que Zelão havia feito era muito grave, e ele já possuía maus antecedentes. Então, o doutor Leivinha disse que estava de posse da moeda jurídica mais valiosa que existe. Lentamente, abriu sua sacola e de dentro dela tirou a moeda: a vaidade do magistrado. Os olhos de Thêmis brilharam. Com moeda tão poderosa, as coisas ficavam mais fáceis. E passou às mãos do doutor Leivinha a liberdade provisória de Zelão, fazendo com que o juiz, ao invés de aplicar a lei, aplicasse teses próprias, liberais, das quais tanto se enaltecia.

De posse da liberdade provisória de Zelão, o doutor Leivinha retornou ao automóvel e dirigiu-se para seu escritório. No trajeto, ouvindo música sertaneja no rádio, mantinha a sobrançelha direita levantada.



Doutor Formalinho

Os dois eram amigos há muitos anos, desde o tempo dos bancos da faculdade de Direito. Logo que se conheceram, no início do curso, em conversa casual, perceberam que ambos tinham um hábito em comum: consumir a pasta de dente apenas de trás para a frente, enrolando-a aos poucos, jamais apertando-a no meio. Oh, que coisa. Quem faz isso? Havia encontrado um ser assemelhado. E mais. Ambos confessaram ter problemas em casa em virtude deste tipo de conduta, pois os outros familiares insistiam em apertar a pasta de dente pelo meio do tubo. O conflito era permanente. Da aproximação que ocorreu entre ambos, descobriram que possuíam muitas outras coisas em comum. E se tornaram grandes amigos. Mas a maneira de ser dos dois estudantes não passou despercebida dos demais colegas. Aos poucos os demais foram notando que ambos desbordavam da maioria em muitas questões, conferindo excesso de valor ao detalhe, ao insignificante, ao irrelevante. Tornaram-se famosas as eruditas discussões entre os dois amigos sobre temas de reduzida importância. Era muito verniz para pouca substância. Em virtude disso, pegaram o apelido pelo qual passaram a ser conhecidos: Formalinho e Normativo.

Mais estudiosos que os demais integrantes da classe, os dois amigos não sentiram nenhum desconforto com o apelido. Pelo contrário. Achavam que era tudo produto de inveja. Diziam que seus críticos não passavam de estudantes doutrinariamente despreparados, cujo conhecimento jurídico limitava-se ao feijão-com-arroz próprio dos operários da lei. Comentavam – dando risadas – que os proletários da lei alimentam-se de forma vulgar e ficam lambuzando-se com simplicidades. Eles não. Eles – arquitetos do direito – davam preferência ao caviar e às trufas do conhecimento jurídico. Só coisas sofisticadas. De pessoas assim, até o arrotado é diferente, chegaram mesmo a ponderar.

O tempo passou, ambos se formaram na faculdade e trataram de preparar concurso para carreira jurídica. Dedicados que eram, lograram êxito no certame. A carreira funcional



finalmente os separou, cada um sendo designado para cidade diferente. Mas nunca perderam contato. O doutor Formalinho casou logo após assumir o cargo. O doutor Normativo continuava solteiro. Essa diferença para eles não era pouca: ao passo que Formalinho continuava tendo problemas em casa em virtude da pasta de dente, já que havia trocado a convivência de seus familiares pela de sua esposa, Normativo não tinha este problema, pois morava sozinho. Falavam ao telefone de muitas coisas, principalmente sobre pasta de dente. Normativo entendia o drama do amigo e ficava pensando se deveria se casar algum dia, casamento dá muito problema.

Alguns anos depois, voltaram ambos para a capital do Estado e, transcorrido mais algum tempo, passaram a trabalhar juntos, em importante cargo. Não poderia haver dois juristas com viés mais eminentemente formal atuando juntos. Os históricos embates acadêmicos que ambos apresentavam durante os bancos escolares, envolvendo a superficialidade das coisas, voltaram a se repetir agora, no exame de casos concretos, com muito mais refinamento. Ambos ficaram famosos pelo exame detalhado dos processos, conferindo sempre muito mais valor à forma que à substância.

Assim que, satisfeitos consigo mesmos, naquela tarde de primavera, os doutores Normativo e Formalinho, após um dia de trabalho, onde mais uma vez reafirmaram suas eruditas posições, vinham juntos, caminhando na rua, trocando processuais ideias, quando chegaram a um supermercado. Lembraram-se do leite, foram entrando, porque eruditos também tomam leite como os outros mortais. Ao pegar um saquinho de leite, o doutor Formalinho deu um salto para trás e gritou:

- Este leite é nulo de pleno direito! Nulo!

Fregueses do supermercado aproximaram-se curiosos, o que estava havendo? O doutor, mantendo o saquinho levantado, agarrado por uma ponta, argumentou alto:

- Olhem! Aqui está escrito “válido até quarta”. Este é o *dies ad quem* do leite. Hoje é quinta, logo expirou ontem o seu prazo de validade. E, como é leite nulo, não faz efeito. De nada adianta tomá-lo.



- *Concessa venia*, caro colega, tenho outra opinião – interveio o doutor Normativo, procurando falar com voz pausada e firme, como aprendera num curso de oratória. – Esse leite é apenas anulável. Se o consumidor ingeri-lo sem arguir a nulidade, passa a ter efeito. – E, com sorriso no canto da boca, olhou para a plateia.

Engoliu em seco o doutor Formalinho, não esperava tal argumento. Mas não se deu por vencido. Levantou o dedo e voltou à carga:

- Então vou além, excelência. Vou muito além. Entendo mesmo que este leite é inexistente. Neste caso, quem o tomar, na verdade, nada estará tomando. Este produto passou a ser um nada alimentar.

A esta altura, o aglomerado de pessoas em torno dos doutores havia aumentado, com todos ouvindo atentamente a discussão. Foi quando um homem aproximou-se dos dois e disse:

- Boa tarde, senhores. Gostaria de me apresentar. Eu sou o gerente do supermercado. Achei muito interessante a discussão travada pelos senhores. Mas preciso alertar que ontem foi feriado.

- Oh! – exclamou o doutor Formalinho. - Havíamos esquecido o feriado. Todo prazo que termina em domingo ou feriado considera-se prorrogado até o primeiro dia útil imediato. Logo, apesar de constar no saquinho “válido até quarta”, este leite ainda tem valor até às vinte e quatro horas de hoje.

Resolvido o impasse e disperso o grupo, os doutores Normativo e Formalinho saíram com saquinhos de leite embaixo do braço, satisfeitos porque, apesar de estar escrito “válido até quarta”, o leite, por força de lei, era válido até quinta.



Por iniciativa
do Reconhecimento
de Penas e Coisas,
requiseram...



Festim Processual

Por iniciativa do Reconhecimento de Pessoas e Coisas, os atos processuais resolveram fazer uma confraternização, consistente num jantar dançante. Como nunca existiu clima de confiança plena entre referidos atos, o ingresso deveria ser pago na entrada, tendo a Fiança sido encarregada de arrecadar o dinheiro. O Prazo *a quo* chegou minutos antes do horário estipulado no convite. Inclusive esperou no lado de fora do salão para não ingressar intempestivamente. Quando os ponteiros do relógio indicaram a hora certa, o Prazo *a quo* dirigiu-se ao local da festa. Depois de algum tempo, foram chegando os demais integrantes do Instituto Processual Penal. A maioria veio sozinha. Alguns, no entanto, compareceram acompanhados. Foi o caso da Apelação e do Recurso em Sentido Estrito: já chegaram juntos, abraçados. E, durante todo o tempo do jantar dançante, permaneceram de agarramento, causando desconforto aos demais. Um escândalo. Essa conduta lasciva foi debitada à permissividade decorrente do princípio da fungibilidade. Um prato cheio para o grupo de solteironas balzaquianas formadas pelas Incompatibilidades, as quais se reuniram e passaram a falar mal de todo o mundo. Cuidavam essas, no entanto, de sempre ficarem longe da Contradita, único ato processual que fazia questão de discordar delas.

Quem deu início ao baile foi a Omissão de Formalidade. Ela atravessou o salão e tirou o Cerceamento de Defesa para uma dança. Pouco ligando para etiquetas, a Omissão de Formalidade descalçou os sapatos e dançou de forma tão descontraída como se estivesse na varanda de sua casa, deixando o Cerceamento de Defesa um tanto constrangido. No entanto, a Omissão de Formalidade foi entusiasticamente aplaudida pelo Traslado e o Aditamento, que estavam sentados na mesma mesa, e sobre quem pairava no meio processual suspeita de relacionamento além de uma simples amizade, apesar de serem do mesmo sexo.

Presença também muito saliente foi a da Prova Testemunhal. Bonita e cobiçada por todos, vestia-se de forma



arrojada, com saia justa bem curta e excesso de pintura. Toda a cruzada de perna da Prova Testemunhal causava perturbação no grupo. Com péssima fama, devido à falta de credibilidade, em público permanecia um pouco isolada. Mas só em público. Em particular diziam que não havia quem dela não quisesse se aproximar. Completamente diferente da Confissão. Essa era uma dama: charmosa, simpática e discreta.

Mas apareceram também os pedantes. O casal constituído pelo Acórdão e a Sentença era um deles. Arrogantes e sem cumprimentar ninguém, chegaram de cabeça erguida e sentaram-se em lados opostos da mesa, distantes entre si. Dizem que mantinham aparências apenas em público, que em casa quebrariam o maior pau. Corria o boato de que, inclusive, dormiam em camas separadas. Até porque... mas tudo talvez produto de maledicência... a Sentença teria um caso com os Embargos Declaratórios.

A Denúncia veio acompanhada de sua irmã menor de idade, a Decadência. Com tatuagens pelos braços e uma argola no lábio inferior, a Decadência não havia demonstrado o menor interesse na festa, até porque teria de conviver com ambiente de adultos. Mas, com o passar do tempo, de desinteressada, esta evoluiu para desaparecida. Sim, a Decadência havia desaparecido. Onde se metera? Indiscreta como sempre, a Denúncia não fez segredo do desaparecimento da Decadência. Tratou de ir a diversas mesas, perguntando se alguém tinha visto sua irmã, dizendo que estava muito preocupada com isso, e coisas do gênero. O nervosismo da Denúncia contagiou a todos os que estavam ao redor, mas ninguém tomava a iniciativa de prestar algum auxílio. Foi então que a Busca e Apreensão disse: “deixa pra mim”. E saiu à procura da Decadência. Depois de algumas diligências, encontrou-a num cantinho escuro em amassos com o Corpo de Delito. Sem cerimônia alguma, a Busca e Apreensão interrompeu o idílio, segurou a Decadência com força pelo braço, deu-lhe alguns cascudos na cabeça e a devolveu para sua irmã. Percebendo o episódio, e sabendo que a Decadência era menor de idade, a Prisão em Flagrante aproximou-se rapidamente e investiu contra o Corpo de Delito. Mas o *Habeas Corpus*, que estava por perto, interveio e livrou o Corpo de Delito.



A Citação era outro ato processual metido a besta. De tão chata e exigente, não conseguia manter relacionamento permanente com ninguém. Não era qualquer um que lhe servia. Os interessados tentavam se aproximar, telefonavam, mandavam flores, mas ela culminava por dispensá-los. Tampouco tinha amigas. Sua parenta mais próxima, a Intimação, detestava-a; sempre fora desconsiderada por ela. Sabendo disso, o Incidente de Falsidade – que é um grande cretino –, após oferecer duas doses de uísque para o pobre do Indício, convenceu-o de convidar a Citação para dançar. Vestido de forma simples, com as calças sequer tocando nos sapatos, ostentando um sorriso humilde, lá se foi o Indício tirar a Citação para uma dança. Recebeu o maior carão.

Amiga íntima do Indício, a Presunção – que sabe das coisas – admoestou vigorosamente o Incidente de Falsidade. Este não gostou da reprimenda e retrucou com palavrões. Metido a polícia da festa, o Despacho Saneador interveio, aumentando o tumulto. Sentada numa mesa próxima, a Competência, que estava na companhia de suas filhas Continência e Conexão, disse, para todos ouvirem, haver pensado que o ambiente seria melhor, senão não teria trazido suas filhas. Mais brabo ficou ainda o Incidente de Falsidade. “Quem é a senhora para reclamar de ambiente?”, indagou. “Por que não vai cuidar de seu marido que anda pelos cantos como um cachorro sem dono?”. De fato. Casada com o Conflito de Jurisdição, a Competência o havia expulsado de casa em virtude da dificuldade de relacionamento. Constrangidas, a Conexão e a Continência baixaram a cabeça. Foi nesse momento que o Interrogatório se aproximou do grupo e, com a falta de sutileza que o caracteriza, passou a indagar da Competência sobre os detalhes de sua separação, fazendo com que a Conexão e a Continência baixassem ainda mais a cabeça. Enquanto o Incidente de Falsidade se deliciava com o embaraço da Competência, a Força Maior resolveu manifestar-se em defesa desta, passando a discutir com o Interrogatório. Mais bem articulada e com argumentos lógicos, a Força Maior passou a levar nítida vantagem na discussão, até porque o Interrogatório limitava-se a fazer questionamentos, não tinha resposta para nada. Agradecida pela intervenção da Força Maior, a Competência estava sacudindo a cabeça em aprovação às suas observações quando sentiu que alguém a



segurou pelo braço. Era o Perdão, que solicitava uma conversa com ela. A contragosto, a Competência levantou-se e afastou-se em companhia do Perdão. Este passou a falar baixinho ao ouvido dela. Vendo a cena, em desabalada corrida aproximou-se a Pena e dirigiu-se ao Perdão, passando ambos a discutir aos berros em frente à Competência. “Por favor” - disse esta - eu vim ao baile apenas para trazer minhas filhas, não para resolver problemas conjugais”. E, deixando os dois discutindo, voltou a sentar-se à mesa. Nem bem havia sentado, a Competência é surpreendida pela Acareação, que trazia junto o Conflito de Jurisdição – o qual estava visivelmente embriagado - e sugeria uma discussão entre eles. “Valha-me Deus”, disse a Competência. “Vamos embora deste ambiente”, sugeriu às filhas, as quais estavam com a cabeça ainda mais para baixo.

Foi nesse momento que chegaram as Nulidades. Era uma verdadeira gangue. Adentraram no salão falando alto e derrubando cadeiras, deixando ostensivo o *animus abutendi*. E nenhum ato processual tinha coragem de enfrentar as Nulidades, pois todos eles já haviam sido, em alguma oportunidade, desconstituídos por elas. Inclusive a poderosa Prisão em Flagrante. Percebendo que o ambiente não estava muito agradável e considerando também que já eram três horas da manhã, a Coisa Julgada encerrou a festa e determinou que todos fossem para casa.



Sentença Alternativa

Vistos, etc.

O Ministério Público propôs ação penal contra a Sociedade, postulando sua condenação, isso porque, como consta na denúncia: “A Sociedade foi omissa e injusta para com o cidadão-delinquente Ditão da Luz, não percebendo que ele, na meninice, tinha desejo de possuir uma bicicleta. Não havendo tomado a iniciativa de fornecer citado objeto para Ditão, a Sociedade causou em referida pessoa profunda frustração, que se mantém até o dia de hoje, motivo da justa conduta antissocial do mesmo. Assim agindo, a Sociedade incidiu na figura agregada ao art. 157 do Código Penal – roubo-, que trata da frustração de bens materiais”.

Citada, a Sociedade, através da Defensoria Pública, ofereceu alegações preliminares, levantando a hipótese de causas genéticas para a conduta individual e alegando da necessidade da manutenção da ordem pública.

Instruído o feito, com depoimentos de testemunhas, mais psicólogos, psiquiatras e psicanalistas, as partes ofereceram alegações finais. O Ministério Público postulou a condenação da Sociedade; e a Defensoria Pública, sua absolvição. É o breve relatório.

Decido. Após muitos debates e embates, finalmente o Direito Alternativo logrou predominar, pois todos conscientizaram-se de que o delinquente é apenas uma vítima da Sociedade, e como tal possui o legítimo direito de reagir contra ela, em retribuição ao mal que lhe fora causado. Felizmente passou aquele tempo em que os culpados pela prática dos delitos eram os delinquentes. Agora não. Na moderna teoria penal, a culpada é apenas a Sociedade. A cada tipo penal foram agregadas determinadas frustrações. Confirmando-se a existência da frustração, tal circunstância permite que o meliante pratique, contra a Sociedade, o delito correspondente. Para se chegar a tão evoluído estágio, necessário se fez profunda modificação no direito positivo brasileiro, invertendo-se a posição constitucional



do Ministério Público, passando ele a defender o verdadeiro injustiçado, que é o delinquente, cabendo a defesa da Sociedade à Defensoria Pública.

No presente caso, a demandada invoca causas genéticas para a conduta individual de Ditão e pondera da necessidade da manutenção da ordem pública. Afasto ambos os argumentos. Apesar de os cientistas afirmarem que sessenta por cento da conduta humana é de origem genética, tal hipótese carece de comprovação. E, como cediço, a dúvida sempre beneficia o criminoso. Quanto à necessidade de manutenção da ordem pública, não pode ela sobrepor-se ao justo direito de o delinquente dar vazão às suas frustrações.

As testemunhas afirmaram nunca haver Ditão possuído uma bicicleta em toda a sua vida. Os técnicos da mente humana, ouvidos, confirmaram a existência da frustração. Além disso, somente dando vazão às suas frustrações poderá o delinquente regenerar-se. Isso se quiser, é claro. Ocorre que o objetivo maior do Direito Alternativo é o bem estar do criminoso. Quem precisa mesmo regenerar-se é a demandada, pois ela não tem sido capaz de impedir as frustrações individuais.

É certo que existe respeitável corrente jurisprudencial constituída por alternativos progressistas que defendem o direito de o próprio criminoso decidir o número de delitos necessários para dar vazão às suas frustrações, limitando-se a Justiça apenas a definir o tipo penal a ser praticado. Ainda não me convenci disso. Permaneço, portanto, aliado aos alternativos conservadores, os quais entendem deva a Justiça fixar o número de delitos permitidos.

Assim, por não haver fornecido ao cidadão-delinquente Ditão da Luz, em sua meninice, uma bicicleta, decido condenar a Sociedade a sofrer, da parte de Ditão, quatro roubos com emprego de arma de fogo.

Para a execução da pena, fica a polícia militar na obrigação de colaborar com o referido cidadão-delinquente, fornecendo-lhe um revólver municiado e permanecendo à distância, mesmo que dos roubos ocorram latrocínios, pois que integrantes da figura típica permitida.



Eventual recurso não em efeito suspensivo.

Dada e publicada em audiência, intimadas as partes, expeça-se imediatamente ao cidadão-delinquente Ditão da Luz alvará de delito.

Porto Alegre, 15 de dezembro de 2.000.

Juiz de Direito



do
de
dois
mês
de
mil
e
duzentos
dias



Auto de Penhora

Aos dezesseis dias do mês de agosto de mil novecentos e oitenta e seis, nesta cidade de Porto Alegre, na Rua Demétrio Ribeiro, s/n, eu, Oficial de Justiça, em cumprimento ao despacho do Dr. Juiz de Direito nos autos de ação executiva nº 04537, realizei a penhora dos bens a seguir relacionados: um vestido de noiva e uma grinalda guardados numa caixa de papelão; um álbum com fotos de casamento; uma lista de presentes, com o nome dos presenteadores, passada por loja da cidade; um par de sapatos pretos, de salto alto, para senhora; uma caixa de pintura, finamente decorada; um pote de creme para a pele, quase vazio; um folheto com roteiro da uva e do vinho, com vários desenhos de coração pelos cantos; um recibo correspondente à estadia de três dias em hotel de turismo duas estrelas, na serra gaúcha; um vidro de sais de banho, quase intacto; um porta-joias contendo várias peças de bijuterias; uma máquina fotográfica marca Kodak Instamatic, com estojo plástico; um envelope, guardado no fundo de uma gaveta, contendo flores secas de hortênsia; uma cama de casal; um televisor preto e branco, marca Toshiba, vinte polegadas; um ventilador Arno de cores vermelha e bege; um relógio despertador Westclok; um crucifixo pequeno; uma caixa contendo panelas, pratos, vidros e latas de mantimentos vazias; três espetos novos, sem uso; um manual de fazer macarrão; um botijão de gás quase cheio; uma vianda de alumínio com quatro elementos; três folhetos de telepizza, telefrango e telechurrasco; um avental encardido; uma vassoura de náilon, com pouco uso; uma caixa contendo *best sellers* estrangeiros; um bauzinho com fotos antigas; uma caixa pequena com peças próprias para feitura de presépio, sem nunca haver sido aberta; um almanaque do pensamento; um cofrinho pequeno com várias moedas; uma blusa de tricô sem as mangas; várias cautelas do bolão do ICM; um lençol sujo; um envelope de anticoncepcionais com apenas cinco pílulas consumidas; um berço rosa; quatro fraldas; uma carteira de vacina; um saco de roupas de criança; uma mamadeira de plástico Curity, sem bico; uma caixinha contendo Anador, Melhoral Infantil e erva-doce; um batistério; um carnê com as prestações em atraso; uma prece para o menino Jesus de Praga;



um talão de cheques com saldo negativo; um vidro de perfume vazio; um buquê de flores amassado; uma carteira de trabalho com várias contratações e dispensas; três caixas de ansiolíticos, todos consumidos; uma aliança de casamento guardada num pote vazio de Nescafé; uma garrafa de uísque Drury's pela metade; uma foto rasgada de homem; um cinzeiro de porcelana contendo tocos de cigarros com batom; uma intimação do juiz de família; uma passagem de ônibus; uma boneca quebrada.

O depositário comprometeu-se de guardar os bens sob as penas da Lei.

(a) Oficial de Justiça



A Investigadora

Lurdinha possuía tendência congênita para a investigação. Era o que a deixava realizada. Pela manhã, após os demais familiares terem saído de casa, ela, devidamente munida de lupa, apanhava todos os cestos de lixo da residência e cuidadosamente retirava os papéis amassados que ali encontrava, desamassava-os e passava a examiná-los com precisão científica, à procura de indícios. A lupa servia para verificar eventuais rasuras, ou qualquer outra minúcia que pudesse passar despercebida a olho nu. Quando o suspeito ia ao banheiro, ela efetuava buscas nos bolsos das roupas dele. Nada escapava a seu faro aguçado, papéis com números de telefones, extratos de contas, canhotos de talões de cheques, anotações esparsas. Colocava tudo sob suspeição. Ponderava sempre que a prova documental é a melhor das provas. Quando alguma coisa está escrita, fica muito difícil negar, dizer que não existe. Daí que, muita vez, guardava algum papel, em arquivo secreto, para posterior verificação.

Sua dedicação à investigação havia evoluído de tal forma que ela resolvera burocratizar certos procedimentos. Mandou imprimir dois tipos de formulários: um denominado ficha de intenções e outro, relatório de chegada. O suspeito, ao sair de casa, preenchia a ficha de intenções, descrevendo com minúcias aonde ia, fazer o que, por que, quando, como e com quem. Na volta, ele devia preencher o relatório de chegada, respondendo às mesmas perguntas, atualizando-as devido às vicissitudes da vida, tendo a obrigação de justificar fundamentadamente qualquer descompasso entre ambos os documentos, os quais ficavam arquivados, podendo a todo o tempo serem desarquivados para reexame. Claro que não fora fácil convencer o suspeito a aderir a esses procedimentos, a negociação demorou algumas semanas. Mas Lurdinha apresentava tanta determinação em todas as suas intenções que era muito mais cômodo a qualquer um fazer o que ela queria do que a ela se opor. Daí que o suspeito a contragosto concordou, fazer o quê.

Toda a vez que o suspeito voltava para casa, além de preencher o relatório de chegada, era submetido a uma investigação



aromática. Lurdinha encostava-se nele e por algum tempo ficava a farejá-lo. Nessas ocasiões o suspeito limitava-se a revirar os olhos.

A maior qualidade de uma investigadora é a desconfiança, sempre defendia Lurdinha. A boa investigadora deve estar sempre atenta a tudo e a todos. Qualquer gesto, qualquer olhar, qualquer palavra, qualquer virada de pescoço, qualquer resposta evasiva, qualquer colocação de pé por baixo da mesa, qualquer coisa, tudo deve ser analisado com toda a desconfiança possível. A desconfiança permanente, dizia ela, é a mãe da investigação.

Quando, em virtude da coleta de indícios, Lurdinha entendia haver fundada suspeita, o suficiente para se constituir no chamado *fumus boni iuris*, ela instaurava os temidos inquéritos domiciliares, devidamente iniciados através de portaria, com direito a exames periciais, averiguação de álibi, depoimentos de testemunhas, acareações, e, principalmente, intermináveis interrogatórios e reinterrogatórios, quantas vezes achasse conveniente. Assistência de advogado nem falar. Tudo com muita eficiência e nenhuma serenidade. Por vezes ocorriam atos públicos ao alcance da vizinhança. E a qualquer hora, tanto de dia como de noite; às vezes até de madrugada. Tais procedimentos demoravam dias ou até semanas e dificilmente eram declarados encerrados. Apenas ficavam sem movimentação, podendo, tempos depois, serem reabertos para novos atos, mesmo porque as ações praticadas pelo suspeito eram consideradas imprescritíveis.

Durante a elaboração dos inquéritos domiciliares, Lurdinha sempre examinava a possibilidade de ter ocorrido crime continuado ou delitos conexos, sabe como é, nada podia escapar à persecução, pois tinha ela furor inato para investigar.



Regimes Matrimoniais

Na penitenciária localizada num pequeno edifício residencial de um bairro da classe média, os apenados pacientemente cumpriam suas penas. Gonzaguinha vivia em regime fechado. Sua mulher - a carcereira Edite - durante as vinte e quatro horas do dia, mantinha direta ou indiretamente total controle sobre a vida do marido. É claro que ele tinha direito ao trabalho externo. Mas o benefício fora concedido com regras rígidas, com horário de saída e de chegada. Caso Gonzaguinha, mesmo que inadvertidamente, se excedesse no horário, a carcereira punia-o com severa, demorada e ostensiva advertência, ouvida pelos demais moradores; e multa, comumente um vestido novo, uma bolsa ou um par de sapatos destinados à carceragem. Saídas temporárias à noite somente eram permitidas ao apenado se devidamente escoltado por dona Edite. Há muitos anos vinha Gonzaguinha requerendo progressão de regime prisional, mas nunca conseguia. Queria tanto comparecer aos churrascos que seus colegas de trabalho realizavam todas às terças-feiras na associação de classe, mas a esposa indeferia tal postulação; e sem dar fundamentação alguma. Era não e não. E pronto. Certos amigos chegaram a sugerir que Gonzaguinha comparecesse à Comissão dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa para denunciar o tratamento desumano a que era submetido em sua prisão. Algumas pessoas mais chegadas ao apenado referiam-se até a castigos corporais, o que é vedado pela Constituição Federal. Quando indagado sobre aquele tipo de punição, Gonzaguinha ficava constrangido, forçava um sorriso e deixava os dias passarem.

No mesmo andar do prédio, Gilberto vivia em regime semiaberto. Casado com Zuleminha, durante uma ou duas noites por semana era-lhe permitido sair sem vigilância para jantar com os amigos. É verdade que também ele não podia descumprir o horário de chegada. O horário fora estabelecido de meia-noite, com tolerância até a uma hora da madrugada. Caso chegasse mais tarde, Zuleminha aplicava-lhe a pena restritiva de direito consistente em limitação de fim de semana, criando sempre um compromisso familiar que o impedisse de comparecer ao



futebol de domingo, lazer de que tanto gostava. Em épocas de mau humor de sua carcereira, Gilberto tinha mesmo que usar de muita imaginação para não ver seu regime prisional regredido ao fechado.

No andar de baixo, morava Tônico. Este sim é que era felizardo. Casado com Malu – uma meiga carcereira –, Tônico vivia em regime aberto. Podia sair e chegar à hora que bem entendesse e não precisava de autorização para nada, nem para inesperadamente aparecer com um grupo de amigos a fim de jantar em sua casa, ocasião em que Malu tinha de dar um jeito na comida. Quando voltava para casa às quatro da madrugada, sua carcereira apenas se virava de lado na cama e pedia que ele não acendesse a luz. Não sofria punição de espécie alguma. Seu regime prisional era tão gratificante que ele desejava nunca ver extinta sua punibilidade.

Os apenados tinham bom relacionamento. Quem não tinha bom relacionamento eram as carcereiras. Principalmente da parte de Edite com Malu. Edite dizia que Malu era um péssimo exemplo de esposa. “Ora já se viu deixar o marido fazer o que bem entende.” O tratamento inadequado poderia contaminar toda a comunidade condominial, proporcionar queixumes e reivindicações as mais variadas. Em todas as reuniões de condomínio, Edite comparecia para demonstrar sua inconformidade com esta situação. E saía sempre indignada, pois nunca conseguia impor seu ponto de vista aos demais condôminos, para que alguma providência fosse tomada sobre o assunto.

O certo é que os regimes prisionais eram inversamente proporcionais aos antecedentes dos presos. Justamente os que possuíam bons antecedentes é que sofriam os regimes mais severos. Os maridos com péssimos antecedentes viviam lépidos e fagueiros no regime aberto, demonstrando que a injustiça e a impunidade ocorrem também nos regimes matrimoniais.



Testamento Romano

(Lido em praça pública, como era hábito na época.)

Eu, Públio Túlio Sérvius, filho de Tácito Crassus Sérvius e de Acteia Verres, cidadão romano sui juris, pater familias, resolvi fazer o meu testamento que é o seguinte:

I – Ao meu filho Aburnius, que não leva muito jeito para o trabalho e há alguns anos já vem se endividando por conta da herança, nomeio meu herdeiro. Deixo de tecer outros comentários sobre seu caráter porque filho é filho, para todo o sempre. E seja o que as divindades quiserem.

II – À minha esposa Cévola – que não foi tão boa como deveria, nem tão ruim com eu esperava – deixo mil serstécios correspondentes ao dote que ela trouxe ao casamento, dinheiro que espero não dilapide com essas quinquilharias que as caravanas todos os dias estão trazendo para Roma. Fiquem cientes de que eu sempre tive conhecimento de que, escondida, ela falava mal de mim para sua mãe, suas irmãs e outros parentes. Agora ela fica à vontade para falar mal de mim para quem quiser, se isso ainda lhe interessar.

III – Ao meu escravo Nerécio, dou a liberdade. Sei que ele muitas vezes fingiu-se de doente para não fazer o serviço, e amiúde subtraía alimentos da despensa. É um sem-vergonha esse Nerécio; mas não é má pessoa. Que se vá livre. Mas não sem antes receber umas merecidas dez chibatadas, que eu, em vida, nunca tive coragem de lhe aplicar.

IV – Para meu amigo Celsus – presunçoso como ele só – quero deixar dito de público que as sátiras, epístolas e odes que ele escrevia são umas drogas. Lamento dizer isso. Quando vivo, sempre elogiei os seus trabalhos intelectuais. Não se iluda. Era pura gentileza. Agora, depois de morto, não existe razão alguma para ficar bajulando a quem quer que seja. Se ele quiser um conselho,



lhe dou: dedicar-se mais a arrumar mulheres para os banquetes: é a única coisa que ele sabe fazer bem.

V – Ao meu vizinho Pompônio, bom homem, quero fazer uma confissão: o seu cachorro, de quem ele tanto gostava, e que morreu repentinamente, fui eu quem matou. Dei-lhe veneno. Ele latia muito à noite, não havia quem aguentasse. Minhas eternas desculpas.

VI – Para o meu outro vizinho, o Livonius, a conversa é diferente. Deixo dito de público ter conhecimento de que a cicatriz no seu rosto foi proveniente de uma surra que ele levou dos guardas ao tentar se passar com as vestais do templo. Além disso, anuncio também que todas as manhãs, quando juntamente com aquele bando de amicis ele ia bajular o patrono, sua mulher abria a porta do quarto para o escravo Juveleno. Aliás, a sua mulher já está ficando famosa em Roma. Digo isso porque não gosto dele, nem da sua mulher nem do seu escravo. Que os três se danem.

Estas as minhas últimas vontades, assim manifestadas porque, como se sabe, nós romanos não lavamos a roupa suja em casa: fazemos limpeza pública.



Comércio Jurídico

Na vila Jus Gentium, habitada apenas por juristas, havia duas ruas de comércio de produtos jurídicos. Uma era a Rua das Miudezas, com lojas destinadas à venda de institutos legais: artigos, parágrafos, incisos e alíneas. Alguns estabelecimentos apresentavam especialização, vendendo apenas um item, parágrafos, por exemplo. Quem estivesse precisando apenas de parágrafos, o ideal seria dirigir-se a uma dessas lojas especializadas, por certo ali encontraria o que procurava.

As lojas mais sofisticadas vendiam combinações de normas legais, o inciso de tal artigo combinado com alínea de outro, etc. Eram pacotes normativos para enfrentar determinadas situações.

Nas lojas menos idôneas, era necessário muito cuidado na compra. Às vezes, a preço ínfimo, estavam à venda normas legais revogadas. E o cuidado deveria ser redobrado naquelas lojas onde se colocavam balaios de incisos ou alíneas na calçada, tudo a preço único. Tais recipientes continham, misturadas, normas legais em vigor e normas legais revogadas. Apenas os bons conhecedores da lei aventuravam-se a garimpar nesses balaios.

Houve até o caso da venda de incisos vetados. Mas o comprador denunciou o fato a um órgão de defesa do consumidor e conseguiu reaver o dinheiro. Menos mal que o consumidor, no caso, havia percebido o engodo antes de utilizar os incisos em trabalho jurídico. Se o fizesse, incorreria no mínimo em apreciável fiasco.

Existiam lojas que apenas vendiam normas legais usadas. Na hora da compra, os consumidores procuravam saber se os trabalhos jurídicos em que referidas normas legais tinham sido utilizadas haviam logrado êxito ou não. Norma usada e testada com êxito, pois bem, era tudo o que os juristas queriam. Daí que o preço dessas normas legais era sempre mais caro. Mesmo que fosse uma simples alínea. Mas era necessário cautela na hora de tomar decisão nesse tipo de compra, pois alguns comerciantes



apregoavam êxitos a suas normas legais que muitas vezes não correspondiam à verdade. E invariavelmente omitiam os casos em que suas normas legais postas à venda haviam fracassado. Mas as normas legais usadas estavam sempre amassadas e maltratadas em decorrência dos procedimentos jurídicos prolongados a que se haviam submetido.

Era comum, na Rua das Miudezas, haver lançamento de produtos novos. Quase todas as semanas, utilizando alto-falantes na porta das lojas, os comerciantes anunciavam novidades à venda. Esse o principal motivo do intenso movimento nessa rua. Os consumidores precisavam manter-se atualizados.

Ultimamente, os comerciantes dessa rua estavam indignados com o fato de surgirem ambulantes vendendo normas legais nas calçadas, fazendo concorrência desleal, já que não pagavam impostos. Às vezes a fiscalização da prefeitura efetuava batida na rua. Os ambulantes então ajeitavam freneticamente suas malas e mochilas e saíam em correria desenfreada, deixando cair ao chão artigos, parágrafos, incisos e alíneas. Não fosse triste, seria cômico de se ver. Mas se os fiscais detivessem algum ambulante, confiscavam a mercadoria e a levavam para um depósito da municipalidade. Periodicamente a prefeitura efetuava doação dessas normas jurídicas apreendidas para a defensoria pública, a fim de que fossem utilizadas na defesa dos hipossuficientes.

Outra situação que causava incômodo na Rua das Miudezas era o hábito de alguns comerciantes jogarem nas calçadas e nas sarjetas normas legais revogadas, fazendo com que a rua estivesse permanentemente suja. Essa cultura deu causa ao surgimento de catadores de normas legais, os quais vasculhavam a rua em busca de produtos que tivessem algum aproveitamento para os historiadores do direito.

O certo é que a Rua das Miudezas era a preferida dos juristas, os quais ali cotidianamente acorriam em busca de produtos que lhes oferecessem sustentação em seus trabalhos. Era uma rua movimentada e festiva, ponto de encontro dos pensadores do varejo.

Mas na vila Jus Gentium havia outra rua de comércio



de produtos de consumo jurídico: a Rua do Atacado. Essa rua era destinada à venda de princípios e ideias gerais. Não tinha o mesmo movimento da Rua das Miudezas, nem os comerciantes eram tão prósperos como os da outra rua. É que à Rua do Atacado apenas acorriam juristas que conseguiam pensar além de artigos, parágrafos, incisos e alíneas.

Nessa rua, dificilmente havia lançamentos de produtos novos. Estavam à venda ali apenas bons, honestos e antigos produtos, tais como requisitos primordiais, axiomas e normas elementares, alguns há anos nas prateleiras. Amiúde os lojistas da Rua do Atacado viam-se na obrigação de efetuar limpeza nas prateleiras, pois os produtos não movimentados iam acumulando poeira e impurezas diversas.

No entanto, havia asseio na rua, pois normalmente ninguém coloca princípios na sarjeta.

Apesar de serem poucos os livreiros e escassos os juristas compradores, o ambiente era altamente qualificado. Quando eles se reuniam para uma conversa, o mundo ficava pequeno.

Mas era triste ver tão poucos juristas na rua onde se vendiam princípios e ideias gerais.



A moça de vento
cedo nasceu na manhã
Entendeu a ...



A Moça da Balança

A moça levantou cedo naquela manhã. Entreabriu a janela e percebeu que havia um vento frio. Achou muito bom. Gostava de frio, a moça. Sentia-se muito mais animada. Sua predileção pelo frio era tão grande que achava mesmo somente poder existir felicidade genuína durante os dias frios. O agasalho das roupas faz com que as pessoas se voltem para o momento interno, sentindo-se bem consigo mesmo. E se estivesse chovendo? E daí? O importante era estar frio. Não acreditava em felicidade nos dias de calor abafado, as pessoas suando. Como pode alguém gostar disto? Sempre suspeitara que uma felicidade num dias destes não seria autêntica. Daí que seu dia começou bem. Depois do banho, ajeitou os longos cabelos com uma escova de cerdas naturais. Olhou-se ao espelho. Apesar de tudo o que já lhe acontecera na vida, sua aparência era tranquila. Essa a sua grande virtude: mantinha a serenidade em qualquer circunstância. Na cozinha – já que não tinha empregada – preparou seu desjejum: uma mistura de frutas, cereais integrais e leite de cabra. Após consumi-los pausadamente, lavou a louça e foi terminar de aprontar-se. Não usou pintura de espécie alguma, nem mesmo pó-de-arroz. Vestiu uma das túnicas, ajeitou-a no corpo, calçou as sandálias, apanhou a balança e a espada e saiu.

Na parada de ônibus, como amiúde ocorria, uma pessoa, constrangida em permanecer à sua frente na fila, ofereceu-lhe troca de lugar. A moça gentilmente recusou a oferta. Que não, jamais se sentiria bem aceitando qualquer tipo de privilégio. Dentro do veículo, sentou-se e acomodou-se da melhor forma que pôde, a fim de não importunar ninguém com os instrumentos que carregava. Esta não era uma tarefa fácil, os pratos da balança comumente escorregavam, às vezes batiam em alguém. Mas a vantagem da moça é que as pessoas, apesar de não se deslumbrarem com sua presença, sempre a recebiam com simpatia. Da janela do ônibus, a moça ia observando os transeuntes e meditando sobre a vida nas grandes cidades. Qualquer um que caminhe pelas ruas está próximo a pessoas completamente desconhecidas. E, dentre esses desconhecidos, dá de tudo. Daí a insegurança geral. Ela



mesma, a moça, já fora importunada por ladrões. Certa ocasião, quase levaram a sua balança. Mas desistiram da empreitada ao perceberem de quem se tratava.

No centro da cidade, desceu do ônibus, caminhou algumas quadras e chegou ao Tribunal. Ali, a moça era recebida da mesma forma que no ônibus: despertava mais interesse e admiração em alguns que em outros, circunstância que não mantinha qualquer relação com a condição de jurista do observador. Por vezes era mais admirada pelo porteiro de auditórios do que pelo mais eminente jurista presente. Modestamente, sem mordomia alguma, subiu no elevador destinado ao público. Entrou na sala de julgamento quando estavam todos prontos para iniciar a sessão. Conversando animadamente, poucos perceberam a sua chegada. Exatamente na hora designada para o início do julgamento, com discricção ela dirigiu-se ao canto da sala, colocou a venda nos olhos e posicionou-se de pé, com a balança numa das mãos e a espada na outra. Os juristas, por algum tempo, ainda teceram comentários a respeito de futebol, depois cada um tomou o seu lugar e a sessão foi iniciada. Como sempre acontecia, os juristas, ao invés de ficarem olhando para ela – para sua formosura –, estavam mais preocupados em examinar livros contendo centenas de artigos. Após efetuarem longas digressões doutrinárias e forçarem interpretações para agasalhar suas posições ideológicas, os juristas foram um a um retirando normas jurídicas dos livros e depositando na balança que a moça segurava. No prato do delinquente, foram depositados três artigos, dois incisos e um parágrafo; no prato da sociedade, apenas uma alínea. Uma rele alínea foi o que resultou destinada ao povo. A balança ficou desequilibrada a favor do réu, e a moça teve de esforçar-se para mantê-la erguida. Os homens de boa vontade novamente restaram prejudicados. Mais uma vez, ao invés de se inspirarem em Themis, a filha de Urano, uma moça bonita com presença marcante na sala, os juristas inspiraram-se apenas em artigos e coisas tais. A deusa da Justiça não se conformava em ser mera depositária de artigos. Então ela passava o sacrifício de manter-se naquela posição desconfortável, com dor nos braços por causa do peso da balança e da espada, afora o início de varizes nas pernas em virtude do tempo em que precisava ficar de pé, e não recebia a devida atenção? Bastaria olhar para ela a fim de perceber, durante o julgamento, quando a balança estivesse desequilibrada.



E muitas vezes a balança estava desequilibrada. Era muito comum algum jurista falar, falar e sequer olhar para ela. Este, o problema da moça. Detestava ser ignorada. Em algumas oportunidades, quando a balança estava bem desequilibrada, ela pigarreava, a ver se assim chamava a atenção dos juristas. Debalde. O pigarro da deusa da Justiça não chama atenção de ninguém. Às vezes, em plena sessão, tinha vontade de fazer um escândalo: tirar a venda, gritar e passar a espada em alguns. Mas não. Apesar de bela, tinha por sina quedar-se imóvel, muda e cega.

Após o julgamento, Themis retirou a venda dos olhos e por instantes ficou a observar os juristas que conversavam descontraidamente, dando risadas, como se nada de importante tivesse acontecido. A balança em suas mãos ainda estava desequilibrada, mas isso continuou a não chamar a atenção da maioria. Calmamente, a moça apanhou os artigos, incisos, parágrafos e a alínea da balança e recolocou-os nos livros dos juristas, eles necessitariam de tais coisas para os próximos julgamentos. Discreta como chegara, Themis apanhou a balança e a espada, desceu pelo elevador, acotovelando-se com parentes do réu, e foi em direção à parada de ônibus. Lá chegando, entrou no coletivo, acomodou-se num banco e observou ao redor. Havia despertado pouco interesse, salvo o de um rapaz de calça de brim puído, corrente de ouro no pescoço e uma cicatriz no lado do rosto que a olhava com um leve sorriso sarcástico.



Durante o recreio
da Escola Clériga
Fazemos a
Cantata de Direito,



Briga de Colegiais

Durante o recreio da Escola Clássica Italiana de Direito, Carrara comeu a merenda de seu primo Beccaria. Quando este percebeu e pensou em reagir, o professor tocou a sineta e mandou todos entrar em fila, para retornarem à sala de aula. Beccaria ficou estufando de raiva. Se não admitia injustiça com os outros, muito menos com ele. Afinal, Carrara também havia trazido merenda. Comeu as duas, enquanto ele ficara sem nada. Durante o restante do período de aula, Beccaria tratou de pensar no que fazer com Carrara. Ah, sim, por certo iria pegá-lo na saída da Escola, pois era legítima sua reação. E, em casos tais, Deus estava de seu lado. Esse pensamento até deixou Beccaria satisfeito; como é bom contar com o apoio de Deus quando a gente se vinga de alguém.

Carrara subtraíra a merenda de Beccaria pensando que ele não fosse perceber quem havia sido o autor do furto. Mas Beccaria surpreendeu-o quando ele já havia comido quase todo o sanduíche. Pego em flagrante, Carrara até tentara devolver para seu primo o pouco que restara da merenda. Debalde. O outro apenas ficara encarando-o de forma nada amistosa. Agora Carrara estava louco de medo. Conhecia muito bem a personalidade de Beccaria e sabia que ele iria vingar-se. Mas não ia ao ponto de achar que Deus estivesse ao lado do outro. Isso não. Se Deus se preocupasse tanto com a Justiça, não deixaria que a Escola Jusnaturalista – que era a deles – sempre tirasse o último lugar nos jogos escolares. Deus já não era mais o mesmo, pensava Carrara.

Quando terminou a aula, saíram todos em direção à rua. Caminhavam naturalmente, pois estudante de escola clássica não pode correr no recinto do colégio. Beccaria procurava manter-se próximo a Carrara, ele não iria escapar. Quando puseram o pé na calçada, Carrara tratou de disparar. Beccaria iniciou então o *persecutio criminis*, pondo-se ao encalço do primo. Dessa forma andaram algumas quadras, quando se encontraram com Kant e Hegel, dois alemãezinhos seus amigos que estudavam na Escola Alemã de Direito, estabelecida nas proximidades.



Já cansado e sentindo-se perdido, ao avistar os alemãezinhos, Carrara parou e pediu-lhes ajuda: o meu primo quer me agredir, o meu primo quer me agredir. Beccaria chegou quase junto, e os quatro formaram um grupo só. Depois de ouvir a versão de ambos, Kant e Hegel posicionaram-se contra Carrara: ele deveria ser punido com pena de talião, para reintegrar a ordem violada. A retribuição é necessária, gritou Hegel, não só para o bem da vítima, mas de todos os estudantes e até da sociedade em geral. De toda a humanidade, completou Kant. Carrara ainda tentou argumentar alguma coisa, mas os alemãezinhos foram duros: comeu duas merendas, deveria retribuir com duas merendas. Caso não as tivesse no momento, seria punido com escravidão temporária a favor da vítima. Beccaria gostou da ideia de ter o primo temporariamente como escravo, assim ele obrigaria o outro a fazer seu tema de aula. Decidido isso, Beccaria e os alemãezinhos trataram de segurar Carrara, a fim de amarrá-lo.

Foi quando apareceu Lombroso. Envolvidos com a tarefa de segurar Carrara, os outros apenas perceberam a presença de Lombroso quando este já estava a poucos metros do grupo. Lombroso – que era bem conhecido da gurizada da redondeza – tinha o olhar impiedoso e o cenho carregado. Estudava na Escola Positivista de Direito, que ficava num bairro pobre, e já tivera várias entradas no juizado de menores. Não havia colegial que não tivesse medo dele. Os quatro ficaram atemorizados. E a situação de Kant era a pior de todas, pois há poucas semanas ele andara falando mal da irmã de Lombroso, chamando-a de Maria Maçaneta, dizendo que todos lhe punham a mão. Já se tinha espalhado a notícia de que Lombroso iria pegá-lo. E agora eis que estava na frente desse tipo antropológico. Tremia como vara verde, o alemãozinho. Tentou ainda ponderar alguma coisa, falando em iluminismo, proporcionalidade e outros argumentos que tais. Em vão. Lombroso foi logo quebrando o pau. E não se ateve apenas a Kant, não. Lombrosiano que era, ele aproveitou para distribuir tapas e pontapés nos quatro, pondo todos a correr.



Carta da Próxima Vítima

Senhores operadores do direito:

Inicialmente gostaria de me apresentar a Vossas Excelências. Meu nome é Gasparino Mendonça. Sou pobre, trabalhador braçal e estudei até o terceiro livro. Mas escrevo meu nome direitinho e sei fazer contas. Com a ajuda de um filho do vizinho, guri letrado, resolvi rabiscar esta carta. Minha família foi contra, disseram que não adiantava nada. Que não adianta nada, eu sei. Mas me deu vontade de escrever, ora. O objetivo dessa missiva é de comunicar-lhes que serei a próxima vítima de um desses delinquentes que praticaram delito grave, e que Vossas Excelências, adeptos dessas correntes jurídicas benevolentes aos criminosos, estão pondo em liberdade. Não sei nem o dia nem a hora em que serei vítima do delito, pois a decisão é de livre escolha do criminoso. Apenas sei que será uma tentativa de roubo, da qual resultarei com gravíssimas lesões. E, apesar disso, não posso deixar de sair à rua para trabalhar, pois tenho esposa e filhos que necessitam de meu sustento. Não há como escapar. Vou ser a próxima vítima e pronto. Muitas serão as próximas vítimas dos bandidos. Grande parte delas não seriam vítimas se outra fosse a postura dos operadores do direito. Eu resolvi escrever para lhes alertar das consequências de suas decisões. Sei que será em vão, minha sorte já está lançada. Isto é apenas um desabafo. Até porque Vossas Excelências não me conhecem nem nunca vão me conhecer. Se o cruel episódio de que serei vítima sair no jornal, Vossas Excelências talvez nem leiam, por falta de tempo. Ou, se vierem a ler, passarão logo para a seção de esportes, como se nada tivessem a ver com aquilo. As outras próximas vítimas não lhes escrevem, não lhes falam, quedam-se em aguardar a sua vez. A maioria até não se apercebe das nuances desse intrincado problema. Na verdade, para Vossas Excelências, sou apenas uma vítima a mais. O que essa vítima deseja escrevendo carta, indagarão? Pensa que é uma vítima especial? Se todas as vítimas fossem escrever cartas não haveria serviço postal suficiente. E seria uma chatice, é claro. Pensem o que quiserem, só não debochem de mim. Não digam que é tudo uma mistificação, um jogo de palavras, uma



baboseira. No atapetado de um gabinete é muito fácil ignorar a potencialidade da existência das futuras vítimas. Conheço o entendimento de muitos juristas sobre questões tais. A vítima? A vítima só atrapalha num processo. O que querem essas vítimas? Vão lamber suas feridas longe dos tribunais, que aqui nós não lidamos com feridas, sim com sofisticadas teses doutrinárias. No entanto, uma coisa é a teoria, a análise de normas constitucionais e infraconstitucionais, as diversas formas de interpretação da lei, com todo o seu fascínio intelectual. Outra coisa é a dura realidade da vida num bairro pobre da cidade. Aos homens de bem que vivem em vilas pobres, muito mais importante que complexas divagações doutrinárias é a presença eficaz do Estado no combate ao crime. É uma questão elementar de racionalidade. Será que Vossas Excelências já não perceberam que, nas notícias de jornal envolvendo práticas de delitos, principalmente de roubos, no mais das vezes os envolvidos já possuíam antecedentes? E, se não sabem, deveriam saber, por dever de ofício, que entre os condenados a tendência para a reincidência é expressiva. Tanto aqui como em qualquer lugar do mundo, pois, na sua substância, no seu caráter, nesta vida ninguém muda. Conclui-se portanto que, toda a vez que se instaura um processo contra um criminoso, sempre se deveria avaliar a possibilidade de ele voltar a fazer vítimas. Existe tal preocupação? Em nosso meio, no mais das vezes, não. É tudo tão burocrático; tão meramente procedimental. Por incrível que pareça, extensas folhas de antecedentes não têm tanta relevância dentro de um processo. Entendemos que, do primeiro delito, o principal responsável é o criminoso. Mas, seguramente, do segundo delito em diante, essa responsabilidade é dividida com os operadores do direito, pois estes não utilizaram de mecanismos eficazes para estancar a senda criminosa do delinquente. E, mais que um jurista famoso ou um doutrinador de escol, eu, com as chagas de que resultarei, é que tenho autoridade para criticá-los. E lamentar que, ao tomar a decisão que deu causa ao delito de que serei vítima, Vossas Excelências esqueceram de mim.



As Duas Irmãs

Fazia meses que o senhor feudal não vinha bem de saúde. Uma dor na barriga causava-lhe imenso desconforto. Já não tinha vontade de se alimentar e muito menos de sair da cama, onde passava a maior parte do tempo. Diversos médicos o haviam tratado, alguns aplicando sangrias, outros utilizando cataplasmas e ervas, e houve um deles que ministrou purgativos, com o argumento de que tal prática expulsaria a doença do corpo, o que causou alguns dias de situação embaraçosa no paciente, além de o deixar ainda mais fraco. Seja pela doença, seja pelo tratamento, o suserano percebeu que sua situação se agravava continuamente, e que estava nos últimos dias. Decidiu então convocar os familiares e parentes mais próximos para uma reunião. A expectativa era muito grande, pois todos sabiam que, nessa ocasião, provavelmente o suserano haveria de definir o comando do feudo. Pelas leis da época, herdaria o feudo o filho mais velho. Ocorre que o senhor feudal tinha duas filhas gêmeas. E, em virtude da dificuldade do parto da mãe delas e de uma certa confusão decorrente disso, nunca se soubera com segurança quem havia nascido primeiro. O pai saberia? Iria fazer tal revelação naquele instante? Ou, mesmo não sabendo, diria que a primogênita era uma delas e pronto? Mas não foi nada disso que ocorreu. Em seu leito de morte, o suserano confessou que nunca soubera quem das filhas era a primogênita; e que, portanto, elas iriam governar em conjunto o feudo. Tal decisão causou espécie entre os presentes. Ninguém tinha conhecimento de que um feudo poderia ter a administração compartilhada. Isso não traria insegurança a todos? E ainda mais se tratando de duas mulheres, ponderaram alguns homens. Os cochichos passaram a se espalhar pelo quarto. Parecendo estar mais preocupado com seu destino no além do que com aqueles murmúrios que ouvia, o senhor feudal dispensou os presentes, pediu que o padre se aproximasse e foi providenciar na boa morte, como orientava a Igreja. Confessou seus pecados, recebeu a extrema-unção e tratou de morrer em poucas horas.

Foi assim que as duas irmãs, a Bondade e a Justiça, herdaram o feudo. Obedecendo ao último pedido de seu pai, em



conjunto passaram a efetuar a administração das propriedades e a aplicar o Direito. Afáveis, que ambas eram, despretensiosas, pessoas de bom caráter, além de muito amigas entre si - como normalmente são os gêmeos -, com facilidade chegavam a denominador comum em todas as decisões. Pela sabedoria com que estavam se saindo nos diversos setores, passaram a ser admiradas e respeitadas por todos: parentes, homens de armas e vassalos. Essa postura deu causa a singular momento de harmonia e tranquilidade em todo o feudo.

As coisas iam assim, muito bem, até o dia em que passou pelo castelo um mago especialista em astrologia que proferiu uma palestra, defendendo o direito penal mínimo e até a descriminalização de certas condutas, que a responsabilidade pela prática de crimes não é do criminoso, mas da sociedade, e coisas do gênero. O mago era bem articulado e apresentava muita capacidade de persuasão. A Justiça, que tinha os pezinhos bem no chão, não se deixou influenciar por essas posições. Mas a Bondade ficou encantada com a novidade. Durante a estada de cinco dias em que o mago permaneceu no castelo, a Bondade conversou diversas vezes com ele. Percebendo receptividade a suas ideias, o mago tratou de enfeitiçar a mente da Bondade, sugerindo-lhe inúmeras soluções mágicas para as questões jurídicas. Sentindo que havia cumprido sua missão, o mago pegou seu cajado e partiu em busca de outros ouvintes.

A partir daí, tornou-se um tormento a aplicação da lei no feudo. Nunca mais houve unanimidade nas decisões. Enquanto a Justiça queria aplicar determinada pena aos delinquentes, a Bondade defendia a aplicação de outra bem mais benevolente, com a substituição da pena carcerária por restritivas de direitos, como proibição de jogar dados na taberna, a desconsideração da reincidência, a manutenção em liberdade de delinquentes perigosos e outras posições que tais. E era boa de argumentos, a Bondade. Após demoradas discussões, sempre em alto nível, prevalecia a pena intermediária, a qual resultava bem aquém do necessário para reprimir e prevenir os delitos.

À noite, enquanto a Justiça dormia, a Bondade acendia uma vela e aprofundava-se nos estudos, a fim de criar novas



teorias a favor dos criminosos. Usava de todo o engenho e arte para surpreender a Justiça com ideias inovadoras, causar-lhe perplexidade e disso tirar proveito por ocasião dos julgamentos.

E a Bondade tinha uma predileção especial pela execução da pena. Várias vezes por semana inspecionava o presídio, levando para os detentos quitutes produzidos pela cozinha do castelo. Tomava chá com os presos e emocionava-se com as mentiras por eles contadas. Para desespero da Justiça, a Bondade era pródiga no deferimento de saídas temporárias e concedia progressão do regime carcerário a quem não tinha direito.

A Bondade podia ser boa à vontade na aplicação do Direito, pois ela, seus parentes e amigos mais chegados viviam dentro do castelo, o qual era rodeado de muros altos e protegido por um fosso com crocodilos. No castelo, era raríssima a ocorrência de crimes. A maioria dos vassalos, no entanto, vivia no campo, cultivando a terra, sem proteção policial alguma, sujeitos a serem vítimas de salteadores.

Uma vez postos em liberdade, os delinquentes saíam de cabeça erguida e peito estufado, pois se haviam tornado amigos da Bondade. E, em sua volta ao meio de onde tinham vindo, alardeavam a todos o tratamento benigno que haviam tido desde o início do procedimento criminal até a soltura.

- Uma punição festiva - disse um dos celerados, esboçando largo sorriso.

Depois, estando junto apenas a companheiros de delinquência, propôs:

- Vamos voltar às atividades rotineiras, amigos. Agora até com mais ousadia. Com a Bondade do nosso lado, não temos o que temer. Se um de nós for preso, a Bondade solta.

Em virtude disso, os índices de criminalidade do feudo aumentaram vertiginosamente, trazendo insegurança generalizada, com reflexos na economia. Tornara-se perigoso um simples passeio até a taberna mais próxima, para beber e conversar com os amigos. As caravanas de mercadores, que antes



utilizavam as estradas do feudo, pagando pedágios e gastando nas hospedarias, passaram a viajar por outras terras. Esta situação foi uma verdadeira âncora a prender o feudo na Idade Média. Foi o último a ingressar na Renascença. E, apesar desse imenso prejuízo para a sociedade, a Bondade, por ser boa, sempre fora mais bem vista por todos que a Justiça.



O Anjo Dorminhoco

Numa quinta-feira à tarde, Deus chamou o Anjo da Guarda para uma audiência.

- Sim senhor – chegou o Anjo da Guarda todo solícito, como era de seu feitio. – Estou às suas ordens, senhor Deus.

- Sabe Anjo – disse-lhe Deus -, esses humanos que eu criei por vezes não são muito sensatos.

- Ah, eu percebi isso desde o início. Sempre defendi a ideia de que as girafas são muito mais sensatas que os seres humanos. Qual problema nos causam as girafas? Nenhum.

- Pois é. Também estou começando a pensar assim – disse Deus. – De qualquer sorte, como fiz esses cretinos dos seres humanos à minha imagem e semelhança, sinto-me na obrigação de lhes dar alguma proteção. Principalmente em relação aos homens de boa vontade. Então, Anjo da Guarda, de hoje em diante, a sua missão é proteger essa gente, orientá-los para a prática da sensatez, a fim de que suas vidas sejam amenas. Para isso, use de todos os instrumentos celestiais que estiverem à sua disposição.

- Que bom – disse o Anjo da Guarda. – Assim nunca mais terei monotonia.

E o assessor de Deus tratou de cumprir a sua missão. Logo viu que não seria nada fácil, pois os seres humanos praticam insensatez desde a hora que acordam até a hora em que vão dormir. O Anjo da Guarda teve então de trabalhar vinte e quatro horas por dia, pois, enquanto é noite num lado da terra, é dia no outro. Com atividade tão intensa, ele comumente andava cansado.

E passou a cochilar. E, quando cochilava, assim ficava durante meses. Depois acordava e ficava atento durante outros tantos meses. Deus, que tinha muitas outras preocupações, como o controle da expansão do universo e a regulação da atividade dos buracos negros, não dispunha de tempo para verificar o desempenho do Anjo da Guarda.



Ocorre que alguns diabinhos estavam sempre à espreita para ver se o Anjo da Guarda cochilava ou não. Quando percebiam que ele estava cochilando, os diabinhos aproveitavam para fazer diabruras.

Foi o que ocorreu durante a elaboração do direito positivo brasileiro. Naquela oportunidade, o Anjo da Guarda dormia a sono solto. E os diabinhos não tiveram dúvidas; passaram a fazer das suas, exercendo influência direta nas faculdades intelectuais dos legisladores e juristas brasileiros.

- Uma boa e diabólica ideia é fazer com que os delinquentes que assaltam à mão armada fiquem soltos mesmo depois de condenados, cumprindo pena num regime de faz de conta, ao qual daremos o nome de semiaberto, para poderem continuar assaltando à mão armada. O que achas? - perguntou um diabinho para o outro.

- Assaltante ficar em liberdade? Mas que ideia genial. É uma forma garantida de infernizarmos a vida de todos os brasileiros - respondeu o outro.

- Proponho também que o limite de idade para um menor ficar encarcerado seja de vinte e um anos, independente do crime que pratique.

- Mas, e se, antes dos dezoito anos, ele praticar cinco homicídios e nove estupros, por exemplo, como fica?

- Fica igual! É solto após completar vinte e um anos. Solto para fazer o que quiser. Ah, ah, ah - riu alto o diabinho.

- Solto? Um delinquente tão perigoso? Mas não é muita sacanagem?

- Sacanagem claro que é. Mas nós somos o quê? Não somos diabinhos por acaso? E tem o processo, meu amigo. Pode-se fazer muitas diabruras num processo. Vamos ser generosos nas nulidades e parcimoniosos na efetividade. E mais. Vamos criar recurso do recurso do recurso. Uma coisa assim meio sem fim, sabe? Vai ser hilário olhar de longe a loucura que se tornará o sistema judiciário dos brasileiros.



- Olha! O Anjo está acordando. Vamos embora antes que ele nos veja.

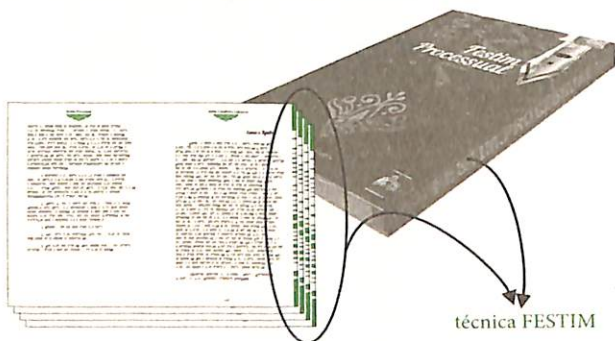
- Vamos. Mas voltaremos para o inferno com a certeza de que o Anjo da Guarda jamais poderá consertar o estrago que fizemos enquanto ele dormia.



Assessoria de Imagem
Institucional - MP/RS

Projeto Gráfico:
Adriano de Castro Silveira

Fontes:
Nautilus Pompilus (capa e títulos)
e Minion Pro (textos)



Técnica FESTIM criada por Adriano de Castro Silveira



Por iniciativa do **Reconhecimento de Pessoas e Coisas**, os atos processuais resolveram fazer uma confraternização, consistente num jantar dançante. Como nunca existiu clima de confiança plena entre referidos atos, o ingresso deveria ser pago na entrada, tendo a **Fiança** sido encarregada de arrecadar o dinheiro. O **Prazo a quo** chegou minutos antes do horário estipulado no convite. (...)

Festim Processual

